



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**EXPLICANDO AS DIMENSÕES DA AMIZADE: CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES
E TRAÇOS DE PERSONALIDADE**

BRUNA DE JESUS LOPES

JOÃO PESSOA

JULHO DE 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**EXPLICANDO AS DIMENSÕES DA AMIZADE: CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES
E TRAÇOS DE PERSONALIDADE**

Bruna de Jesus Lopes

Tese de doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia Social.

JOÃO PESSOA

JULHO DE 2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L864e Lopes, Bruna de Jesus.

Explicando as dimensões da amizade: contribuição dos
valores e traços de personalidade / Bruna de Jesus
Lopes. - João Pessoa, 2018.

202f. : il.

Orientação: Valdiney Veloso Gouveia.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

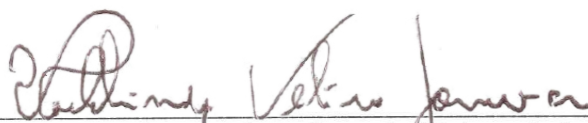
1. Amizade; Valores Humanos; Personalidade. I. Gouveia,
Valdiney Veloso. II. Título.

UFPB/CCHLA

**EXPLICANDO AS DIMENSÕES DA AMIZADE: CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES
E TRAÇOS DE PERSONALIDADE**

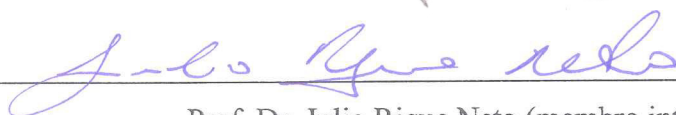
Bruna de Jesus Lopes

Banca Avaliadora



Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (Orientador)

Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Julio Rique Neto (membro interno)

Universidade Federal da Paraíba



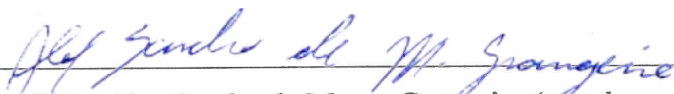
Prof. Dra. Isabel Cristina Vasconcelos de Oliveira (membro externo)

Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dra. Larisse Helena Gomes Macêdo Barbosa (membro externo)

Faculdades Integradas de Patos



Prof. Dr. Alex Sandro de Moura Grangeiro (membro externo)

Faculdade Luciano Feijão

À minha amada mãe, Maria de Jesus Lopes.

MÃE...

*São três letras apenas,
As desse nome bendito:
Três letrinhas, nada mais...
E nelas cabe o infinito
É palavra tão pequena
Confessam mesmo os ateus
És do tamanho do céu
E apenas menor do que Deus!*

(Mario Quintana)

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

Primeiramente, a Deus por essa conquista, pois se não fosse a vontade Dele esse sonho não se concretizaria.

À minha mãe, Maria de Jesus Lopes, por acreditar em mim e sempre lutar por nós. Essa conquista é reflexo de todo o seu suor derramado, ela também é sua. Obrigada minha rainha...Te amo eternamente.

A minhas avós e meu avô, minhas tias e tios, minhas primas e primos, muito obrigada pelo apoio, torcida e carinho ao longo da caminhada.

Aos integrantes do BNCS pela acolhida, amizade e colaboração ao longo desses anos, vocês foram suporte quando eu mais precisei e só tenho que agradecer a cada um por isso.

Flávia Marcelly, e Tátilla Brito pela partilha de histórias, apartamentos e gordices ao longo desses anos.

À Olindina Neta, que apesar do pouco tempo, passei a nutrir carinho e admiração.

À Diego Loreto e Alessandro Teixeira, que contribuíram significativamente nesse trabalho. Obrigada pelo ajuda, suporte e incentivo...Não tenho dúvidas que ambos serão excelentes profissionais. Muito Obrigada!!

À Maria Gabriela pela acolhida e pela sugestão de título da tese. Hoje fica bem claro o quanto eu amei. Muito obrigada!!

À Thiago Cavalcanti, Isabel Cristina, Alex Granjeiro, Bruna Falcão, Daysa Rocha, Maria Aparecida, Tailson Mariano, Layrton Santos, a todos muito obrigada!!

À Isabel Fernandes, Rosicleia Palitot, Adilson Junior, Alice Rebeca, Nájlá Biança, Aline Almeida, Juliana Henrique pela amizade e suporte, cada um fez João Pessoa se tornar uma casa pra mim. Vocês são uma família pra mim; não importa aonde eu vá, sempre lembrarei de cada um com muito carinho.

À minha madrinha Regina, pelo carinho e por ser um exemplo de profissional. Hoje percebo o quando a senhora é um espelho pra mim.

À D. Socorro, Isabely Maria, Glauber Felipe, Fernando, Márita Sabrinny, Elenilson, Pedro Antônio, Paulo, Francisca, D. Lurdes, Seu Pedro Tunico, Johnston, Jackson, Mateus, Tia Zilda, Tio Francisco, família linda a qual torce por mim. Muito obrigada pelo carinho!

À Ayala, Felipe, Ester, Ludymila, Jakivânia, Kessiane, Rodrigo, nosso eterno NAFE, muito obrigada pela torcida, amizade, companheirismo...Que nossa família continue crescendo a cada dia e que a distância nunca interfira em nossos laços.

À Cleyton, Djairton, Ailton, Lana Fabiana, Rodrigo Araújo, Paulo e Roseana e família, pela torcida e amizade.

À Patrícia Mesquita, Francinildo Dantas, Ana Flor, D. Teresinha, Júnior, Maria de Fátima e Luiza Gomes, obrigada pelo apoio e pelo carinho imenso destinado a mim, sou muito fã de cada um.

À Carla Fernanda, irmã que Deus me deu, pela parceria, apoio, conselhos, amizade, incentivo, torcida e tudo que compartilhamos ao longo desses últimos anos.

À Hemerson Fillipy pela amizade, parceria, luta e por compartilhar comigo sua vida. Te amo! A todos os professores que compõem a banca por aceitarem o convite e se disporem a prestar contribuições.

Ao Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia por ser meu orientador nessa jornada e compartilhar comigo seu conhecimento. Ao senhor, minha eterna Gratidão.

E a todos aqueles que colaboraram com esta Tese, respondendo aos instrumentos.

EXPLICANDO AS DIMENSÕES DA AMIZADE: CONTRIBUIÇÃO DOS VALORES E TRAÇOS DE PERSONALIDADE

Resumo. A presente tese objetivou investigar os relacionamentos de amizade e suas relações com os traços de personalidade e valores humanos. Para isso, foram realizados quatro artigos empíricos. O Artigo 1 buscou adaptar e reunir evidências de validade e confiabilidade da Escala de Qualidade da Amizade (EQA) para o Brasil, o qual considerou dois estudos. O primeiro contou com uma amostra não probabilística de 427 estudantes universitários das cidades de Parnaíba e Teresina com média idade de 21,29 anos ($DP = 4,48$). Os mesmos responderam a EQA e um questionário sociodemográfico. A Análise Fatorial Exploratória (AFE) indicou uma solução unifatorial, que após a exclusão de alguns itens, ficou apenas com 18 itens que explicavam 47% da variância total ($\alpha = 0,93$). No segundo estudo, que visou investigar novas evidências acerca da estrutura encontrada, contou-se com uma amostra não probabilística de 401 estudantes universitários das cidades de João Pessoa e Cajazeiras, com média idade de 20 anos ($DP = 4,83$). A Análise Fatorial Confirmatória (AFC) corroborou o modelo unifatorial da EQA [$\chi^2 (135) = 215,53, p < 0,001, \chi^2/gl = 1,59, CFI = 0,99, TLI = 0,99, RMR = 0,08, SRMR = 0,06, RMSEA = 0,04 (IC\ 90\% = 0,03-0,05), \alpha = 0,91$]. O Artigo 2, por sua vez, buscou adaptar e reunir evidências de validade e confiabilidade da Escala de Intimidade da Amizade (EIA), fazendo uso de método semelhante ao primeiro artigo, divergindo apenas no instrumento aplicado, que foi a EIA. No primeiro estudo, a AFE indicou uma estrutura unifatorial com 29 itens, variância total de 31,14 % e $\alpha = 0,91$. A AFC, realizada no segundo estudo, confirmou a estrutura encontrada [$\chi^2 (377) = 532,18, \chi^2/gl = 1,41, p < 0,001, CFI = 0,98, TLI = 0,97, SRMR = 0,05$ e $RMSEA = 0,03 (IC90\% = 0,02-0,04), \alpha = 0,90$]. O Artigo 3 objetivou investigar a influência dos valores humanos e traços de personalidade na qualidade e intimidade da amizade. Para isso, contou-se com uma amostra não probabilística de 200 estudantes universitários, com média de idade de 22,81 ($DP = 5,35$). Os mesmos responderam ao EQA, o EIA, o *Dark Triad Dirty Dozen* (DTDD), o Inventário de Personalidade Virtuosa (IPV), o Questionário de Valores Básicos (QVB-18), além de um Questionário Sociodemográfico. Os resultados revelaram correlações significativas entre os atributos da amizade e algumas das variáveis inseridas. À partir dos resultados foram realizadas duas regressões. Na primeira, considerando os tipos de orientação dos valores como preditores, revelou-se que apenas gratidão, altruísmo e valores centrais explicaram a intimidade [$F (3, 163) = 9,82; p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,13$] e a qualidade [$F (3, 176) = 11,94; p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,15$] da amizade. Na segunda, considerando os tipos de motivadores, somente gratidão, altruísmo e valores humanitários explicaram os atributos da amizade, a saber: intimidade [$F (3, 166) = 10,85; p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,15$] e qualidade [$F (3, 176) = 13,78; p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,18$]. Finalmente, o Artigo 4 voltou-se para a construção de um modelo explicativo da amizade incluindo como explicadores os construtos personalidade virtuosa e valores humanos. Contou-se com uma amostra não probabilística de 200 estudantes universitários, com média idade de 21 anos ($DP = 4,24$). Eles responderam a EQA, a EIA, a IPV, o QVB-18 e um Questionário Sociodemográfico. O resultado da análise de caminhos revelou que o modelo com melhores indicadores de bondade de ajuste foi aquele em que os traços de personalidade virtuosa, gratidão e altruísmo, e os valores sociais explicaram os atributos da amizade [$\chi^2 (6) = 5,38; p < 0,001; \chi^2/gl = 0,90, CFI = 1,00, TLI = 1,00; RMSEA = 0,00 (IC\ 90\% = 0,00 - 0,08)$]. Diante disso, conclui-se que os objetivos de cada artigo foram alcançados, os quais proporcionaram medidas adaptadas para mensurar qualidade e intimidade da amizade, bem como exibiram o poder das variáveis antecedentes para explicar tais atributos, contribuindo para construção de modelos explicativos no Artigo 4.

Palavras- Chave: Amizade; Valores Humanos; Personalidade.

EXPLAINING THE DIMENSIONS OF FRIENDSHIP: CONTRIBUTION OF VALUES AND PERSONALITY TRAITS

Abstract. The present thesis aimed to investigate the relationships of friendship and their relationships with personality traits and human values. For this, four empirical articles were carried out. Article 1 sought to adapt and gather evidence of validity and reliability of the Friendship Quality Scale (FQS) for Brazil, which considered two studies. The first one had a non-probabilistic sample of 427 university students from the cities of Parnaíba and Teresina, with a mean age of 21.29 years ($SD = 4.48$). They answered the FQS and a sociodemographic questionnaire. The Factorial Exploratory Analysis (FEA) indicated a unifactorial solution, which after excluding some items, was only 18 items that explained 47% of the total variance ($\alpha = 0.93$). In the second study, which aimed to investigate new evidence about the structure found, a non-probabilistic sample of 401 university students from the cities of João Pessoa and Cajazeiras, with a mean age of 20 years ($SD = 4.83$). The Factorial Confirmatory Analysis (FCA) corroborated the FQS unifactory model [$\chi^2 (135) = 215.53, p < 0.001, \chi^2/gl = 1.59, CFI = 0.99, TLI = 0.99, RMR = 0.08, SRMR = 0.06, RMSEA = 0.04(IC\ 90\% = 0.03-0.05), \alpha = 0.91$]. Article 2, on the other hand, sought to adapt and gather evidence of validity and reliability of the Friendship Intimacy Scale (FIS), using a method similar to the first article, differing only in the applied instrument, which was the FIS. In the first study, FEA indicated a unifactorial structure with 29 items, total variance of 31.14% and $\alpha = 0.91$. The FCA, performed in the second study, confirmed the structure found [$\chi^2 (377) = 532.18, \chi^2/gl = 1.41, p < 0.001, CFI = 0.98, TLI = 0.97, SRMR = 0.05, RMSEA = 0.03 (IC\ 90\% = 0.02-0.04), \alpha = 0.90$]. Article 3 aimed to investigate the influence of human values and personality traits on the quality and intimacy of friendship. For this, a non-probabilistic sample of 200 college students was included, with a mean age of 22.81 ($SD = 5.35$). They answered the FQS, FIS, Dark Triad Dirty Dozen (DTDD), the Virtuous Personality Inventory (VPI), the Basic Values Questionnaire (BVQ-18), and a Sociodemographic Questionnaire. The results revealed significant correlations between the attributes of the friendship and some of the inserted variables. From the results, two regressions were performed. In the first one, considering the types of orientation of the values as predictors, it was revealed that only gratitude, altruism and central values explained the intimacy [$F(3, 163) = 9.82; p < 0.001; R^2_{adjusted} = 0.13$] and the quality [$F(3, 176) = 11.94; p < 0.001; R^2_{adjusted} = 0.15$] of the friendship. In the second, considering the types of motivators, only gratitude, altruism and humanitarian values explained the attributes of friendship, namely: intimacy [$F(3, 166) = 10.85; p < 0.001; R^2_{adjusted} = 0.15$] and quality [$F(3, 176) = 13.78; p < 0.001; R^2_{adjusted} = 0.18$]. Finally, Article 4 turned to the construction of an explanatory model of friendship including as explainers the constructs virtuous personality and human values. There was a non-probabilistic sample of 200 college students, with a mean age of 21 years ($SD = 4.24$). They answered EQA, EIA, IPV, QVB-18 and a Sociodemographic Questionnaire. The result of the path analysis revealed that the model with the best indicators of goodness of fit was one in which the traits of virtuous personality, gratitude and altruism, and social values explained the attributes of friendship [$\chi^2 (6) = 5.38; p < 0.001; \chi^2 / gl = 0.90, CFI = 1.00, TLI = 1.00; RMSEA = 0.00 (90\% CI = 0.00 - 0.08)$]. Thus, it was concluded that the objectives of each article were reached, which provided adapted measures to measure quality and intimacy of the friendship, as well as exhibited the power of the antecedent variables to explain such attributes, contributing to the construction of explanatory models in Article 4.

Keywords: Friendship; Humans values; Personality.

EXPLICANDO LAS DIMENSIONES DE LA AMISTAD: CONTRIBUCIÓN DE LOS VALORES Y TRAZOS DE PERSONALIDAD

Resumen. La presente tesis objetivó investigar las relaciones de amistad y sus relaciones con los rasgos de personalidad y valores humanos. Para ello, se realizaron cuatro artículos empíricos. El Artículo 1 buscó adaptar y reunir evidencias de validez y confiabilidad de la Escala de Calidad de la Amistad (ECA) para Brasil, el cual consideró dos estudios. El primero contó con una muestra no probabilística de 427 estudiantes universitarios de las ciudades de Parnaíba y Teresina con edad media de 21,29 años ($DP = 4,48$). Los mismos respondieron la ECA y un cuestionario sociodemográfico. El Análisis Factorial Exploratorio (AFE) indicó una solución unifactorial, que tras la exclusión de algunos ítems, quedó sólo con 18 ítems que explicaban el 47% de la varianza total ($\alpha = 0,93$). En el segundo estudio, que pretendía investigar nuevas evidencias acerca de la estructura encontrada, se contó con una muestra no probabilística de 401 estudiantes universitarios de las ciudades de João Pessoa y Cajazeiras, con una edad media de 20 años ($DP = 4,83$). El Análisis Factorial Confirmatorio (AFC) corroboró el modelo unifactorial de la ECA [$\chi^2 (135) = 215,53, p < 0,001, \chi^2/gl = 1,59, CFI = 0,99, TLI = 0,99, RMR = 0,08, SRMR = 0,06, RMSEA = 0,04(IC\ 90\% = 0,03-0,05), \alpha = 0,91$]. El Artículo 2, por su parte, buscó adaptar y reunir evidencias de validez y confiabilidad de la Escala de Intimidad de la Amistad (EIA), haciendo uso de un método similar al primer artículo, divergiendo sólo en el instrumento aplicado, que fue la EIA. En el primer estudio, la AFE indicó una estructura unifactorial con 29 ítems, varianza total del 31,14% y $\alpha = 0,91$. La AFC, realizada en el segundo estudio, confirmó la estructura encontrada [$\chi^2 (377) = 532,18, \chi^2/gl = 1,41, p < 0,001, CFI = 0,98, TLI = 0,97, SRMR = 0,05, RMSEA = 0,03(IC90\% = 0,02-0,04), \alpha = 0,90$]. El Artículo 3 objetivó investigar la influencia de los valores humanos y rasgos de personalidad en la calidad e intimidad de la amistad. Para ello, se contó con una muestra no probabilística de 200 estudiantes universitarios, con una media de edad de 22,81 ($DP = 5,35$). Los mismos respondieron al ECA, EIA, *Dark Triad Dirty Dozen* (DTDD), el Inventario de Personalidad Virtuosa (IPV), el Cuestionario de Valores Básicos (CVB-18), además de un Cuestionario Sociodemográfico. Los resultados revelaron correlaciones significativas entre los atributos de la amistad y algunas de las variables insertadas. A partir de los resultados se realizaron dos regresiones. En la primera, considerando los tipos de orientación de los valores como predictores, se reveló que sólo gratitud, altruismo y valores centrales explicaron la intimidad [$F(3, 163) = 9,82; p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,13$] y la calidad [$F(3, 176) = 11,94; p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,15$] de la amistad. En la segunda, considerando los tipos de motivadores, solamente gratitud, altruismo y valores humanitarios explicaron los atributos de la amistad, a saber: intimidad [$F(3, 166) = 10,85; p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,15$] y calidad [$F(3, 176) = 13,78; p < 0,001; R^2_{ajustado} = 0,18$]. Finalmente, el Artículo 4 se volvió a la construcción de un modelo explicativo de la amistad incluyendo como explicadores los constructos personalidad virtuosa y valores humanos. Se contó con una muestra no probabilística de 200 estudiantes universitarios, con edad promedio de 21 años ($DP = 4,24$). Ellos respondieron la EQA, la EIA, la IPV, el QVB-18 y un Cuestionario Sociodemográfico. El resultado del análisis de caminos reveló que el modelo con mejores indicadores de bondad de ajuste fue aquel en que los rasgos de personalidad virtuosa, gratitud y altruismo, y los valores sociales explicaron los atributos de la amistad [$\chi^2(6) = 5,38; p < 0,001; \chi^2 / gl = 0,90, CFI = 1,00, TLI = 1,00; RMSEA = 0,00(IC\ 90\% = 0,00 - 0,08)$]. En este sentido, se concluye que los objetivos de cada artículo se alcanzaron, los cuales proporcionaron medidas adaptadas para medir la calidad e intimidad de la amistad, así como exhibieron el poder de las variables antecedentes para explicar tales atributos, contribuyendo a la construcción de modelos explicativos en el Artículo 4.

Palabras clave: Amistad; Valores Humanos; Personalidad.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	14
LISTA DE FIGURAS	15
INTRODUÇÃO	16
Traços de Personalidade	22
<i>Personalidade Virtuosa</i>	24
<i>Personalidade Sombria</i>	27
Valores Humanos	30
ARTIGO 1	38
Introdução	42
Estudo I – Adaptação e Validação da Escala de Qualidade da Amizade	47
Método	47
<i>Participantes</i>	47
<i>Instrumentos</i>	48
<i>Procedimentos</i>	48
<i>Análise dos Dados</i>	49
Resultados	50
Estudo II – Confirmação da Estrutura Fatorial da Escala de Qualidade da Amizade	52
Método	52
<i>Participantes</i>	52
<i>Instrumentos</i>	52
<i>Procedimentos</i>	53
<i>Análise dos Dados</i>	53
Resultados	55
Discussão	58
Considerações Finais	61
Referências	61
ARTIGO 2	67
Introdução	71
Estudo I – Adaptação e Validação da Escala de Intimidade da Amizade	75
Método	75
<i>Participantes</i>	75
<i>Instrumentos</i>	76

<i>Procedimentos</i>	76
<i>Análise dos dados</i>	78
Resultados.....	78
Estudo II – Confirmação da Estrutura Fatorial da Escala de Intimidade da Amizade	81
Método.....	81
<i>Participantes</i>	81
<i>Instrumentos</i>	82
<i>Procedimento</i>	82
<i>Análise dos Dados</i>	83
Resultados.....	83
Discussão	87
Considerações Finais	89
Referências	90
ARTIGO 3.....	96
Introdução.....	100
Método.....	105
<i>Participantes</i>	105
<i>Instrumentos</i>	105
<i>Procedimentos</i>	107
<i>Análise dos Dados</i>	107
Resultados.....	108
Discussão	112
Considerações Finais	117
Referências	118
ARTIGO 4.....	129
Introdução.....	133
Método.....	141
<i>Participantes</i>	141
<i>Instrumentos</i>	141
<i>Procedimentos</i>	142
<i>Análise dos Dados</i>	143
Resultados.....	144
Discussão	148
Considerações Finais	152

Referências	153
CONCLUSÃO GERAL	165
Principais Resultados.....	166
Aplicabilidade.....	168
Limitações	170
Estudos Futuros	171
REFERÊNCIAS	173
ANEXOS.....	191
ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	192
ANEXO II – Escala de Qualidade da Amizade.....	193
ANEXO III – Escala de Intimidade da Amizade	195
ANEXO IV – Dark Triad Dirty Dozen	198
ANEXO V - Inventário de Personalidade Virtuosa.....	199
ANEXO VI – Questionário de Valores Básicos (QVB-18)	200
ANEXO VII – Questionário Sociodemográfico.....	201
ANEXO VIII – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética	202

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1

Tabela 1. Matriz de Cargas Fatoriais e Comunalidades da EQA.....	50
Tabela 2. Correlatos entre os fatores da EQA.....	57

ARTIGO 2

Tabela 1. Matriz de Cargas Fatoriais e Comunalidades da Escala de Intimidade da Amizade	80
Tabela 2. Correlatos entre os fatores da EIA	87

ARTIGO 3

Tabela 1. Coeficiente de correlações: Qualidade da Amizade x Intimidade da Amizade x Valores Humanos x Personalidade	109
Tabela 2. Primeira regressão múltipla para a Qualidade da Amizade	110
Tabela 3. Segunda regressão múltipla para a Qualidade da Amizade	111
Tabela 4. Primeira regressão múltipla para a Intimidade da Amizade.....	111
Tabela 5. Segunda regressão múltipla para a Intimidade da Amizade.....	112

ARTIGO 4

Tabela 1. Índices de bondade de ajuste dos modelos testados	148
---	-----

LISTA DE FIGURAS

ARTIGO 1

Figura 1. Estrutura Fatorial da Escala de Qualidade da Amizade.....	56
---	----

ARTIGO 2

Figura 1. Estrutura Fatorial da Escala de Intimidade da Amizade.....	86
--	----

ARTIGO 4

Figura 1. Modelo explicativo da amizade com valores centrais	145
Figura 2. Modelo explicativo da amizade com valores humanitários	146
Figura 3. Modelo explicativo da amizade com valores sociais.....	147

A presente tese parte dos seguintes questionamentos: os traços de personalidade e valores humanos podem explicar a amizade? Se sim, quais seriam os traços e valores que melhor explicariam a amizade? Essas indagações são reflexos de uma lacuna constatada na literatura sobre o relacionamento entre tais variáveis. O presente trabalho buscará prestar contribuições a esse campo de investigação, procurando responder a esses questionamentos.

A amizade é um dos tipos mais comuns de relacionamentos interpessoais (Chan & Cheng, 2004), e devido a sua complexidade esteve presente no centro, ao longo dos anos, das discussões dos filósofos, antropólogos, sociólogos e psicólogos (Amichai-Hamburger, Kingsbury, & Schneider, 2013). Segundo Arão (2012), os filósofos antigos compreendiam que o homem sozinho não poderia progredir moralmente, pois o mesmo é um animal político que depende dos outros para assegurar sua sobrevivência e amadurecer os seus talentos morais. Santo Agostinho (2008 apud Silva, 2013), tendo como base suas experiências afirmou que a amizade é “um consenso benévolo e caritativo sobre as coisas divinas e humanas” (p. 113).

Platão definiu a amizade como uma predisposição recíproca que torna duas pessoas responsáveis, igualmente, por zelar a felicidade um do outro (Inácio, 2011). Já Aristóteles, em seu livro “Ética a Nicômaco”, afirma que a amizade é uma virtude, que fundamenta a relação no bem, na solidariedade, na lealdade, na reciprocidade e na concepção do homem como um ser social por natureza. O autor propôs a existência de três tipos de amizade: o primeiro se refere à amizade no sentido pleno, marcado pela troca mútua de amor; o segundo é reflexo do prazer que um causa ao outro; e o último é caracterizado pelo sentimento de utilidade que os envolvidos no relacionamento compartilham (Kraut, 2000).

Na Antropologia, a amizade é vista como uma relação marcada pelo equilíbrio recíproco das condutas, que antevê a ajuda mútua e a proteção (Paine, 1974). Santos (2001), em seus estudos sobre as relações próximas, identificou dois tipos de amizades, a saber, instrumental e afetiva. O primeiro corresponde a um relacionamento menos pessoal, motivado por algum tipo

de ajuda material; o segundo tem um caráter mais pessoal, que proporciona comodidade, conforto, solução de problemas e trocas de ideias. Apesar, de classificar dois tipos, o autor ressalta que a igualdade é, ainda sim, o traço principal da amizade, sendo este um fator imprescindível para consolidação e duração dos relacionamentos.

O sociólogo Cohn (1986), por sua vez, compreende a amizade como uma relação social em que orienta, regularmente, a ação dos indivíduos submergidos na interação. Já Weber (1987), adverte que uma relação social não é, necessariamente, simétrica, ou seja, os indivíduos não atribuem o mesmo sentido as suas ações. Contudo, o autor enfatiza que nas relações de amizade é necessário um mínimo de bilateralidade, sendo marcada pelo esforço em emitir uma conduta mediana.

No âmbito da Psicologia pode-se destacar a definição de Doron e Porot (2001), os quais apontam a amizade como um encontro íntimo, das singularidades, assinalado pela identificação e sentimento duradouro; em princípio são relações não erotizadas, que duas pessoas nutrem uma pela outra. O construto em discussão pode ser visto, também, como um vínculo afetivo e voluntário, que envolve práticas de sociabilidade, trocas íntimas e auxílio mútuo, além de requerer algum grau de equivalência ou igualdade entre os envolvidos (Allan, 1989; Paine, 1974; Suttles, 1970). Contudo, apesar da diversidade de juízos acerca da amizade, provenientes das áreas de conhecimento anteriormente descritas, destaca-se que os conceitos apresentam certa semelhança. Dentre elas, esse vínculo poder ser compreendido como um fenômeno diático (Bagwell, Molina, Pelham, & Hoza, 2001).

Como é possível perceber o estudo acerca da amizade é de interesse de várias áreas (e.g., Sociologia, Filosofia), todavia, segundo Duck e Perlman (1985), é a Psicologia que mais se interessa pela temática. Este interesse é claramente influenciado pela seus efeitos benéficos para saúde física e mental (Uchino, Uno, & Holt-Lunstad, 1999), além de exibir relações positivas com o bem- estar (Berndt, Hawkins, & Jiao, 1999; Walen & Lachman, 2000) e felicidade

(Argyle, 1987), e negativas com a depressão (Bagwell et al., 2005; Nezlek, Imbrie, & Shean, 1994) e ansiedade (Tillfors, Persson, Willén, & Burk, 2012), compreendo esse laço como saudável para a vida daquele que o estabelece.

Esse vínculo pode ser caracterizado pela reciprocidade, proximidade, intimidade (Bagwell & Schmidt, 2011), apoio, confiança, compartilhamento de momentos (Marton, Wiener, Rogers, & Moore, 2015) e lealdade (Thien & Abd Razak, 2013), os quais serão descritos a seguir, visando conhecer melhor tais características.

A amizade, segundo Costa (1998), é baseada na reciprocidade, ou seja no esforço em retribuir, proporcionalmente, aquilo que é recebido, buscando assim, uma relação simétrica de investimentos. Trivers (1971) aponta que essa troca não precisa ser, necessariamente, idêntica quanto aos benefícios e custos; o importante é que ambos os membros da díade sintam que estão recebendo tanto quanto estão doando. Uma percepção equilibrada desta barganha fomenta a interações cooperativas em longo prazo (Ashton, Paunonen, Helmes, & Jackson, 1998), além de reforçar o sentimento de pertença e solidez do vínculo (Baumeister & Leary, 1995).

O processo de avaliação de trocas recíprocas vai além de questões materiais, incluído também o julgamento frente a manifestação de outras características da amizade, a exemplo de confiança, lealdade e apoio (Rawlins, 2009). A confiança pode ser definida como um estado de prontidão que permite um contato positivo dentro dos relacionamentos, essa compreensão por parte dos envolvidos contribui para interações mais benéficas, refletindo em vínculos de alta qualidade e de maior duração temporal (Turner & Cameron, 2016). A lealdade, que está intrinsecamente ligado a confiança, a qual reflete a segurança frente ao outro, no sentido de compartilhar segredos e ter a certeza de que os mesmos estarão devidamente guardados, além de acreditarem que aqueles definidos como amigos emitirão condutas que se distancie daquelas característicos da traição (Sharabany, 1994).

Já o apoio, segundo Demir, Özdemir e Marum (2011), diz respeito ao engajamento de condutas que não apenas sustente o amigo, mas também ancora o vínculo estabelecido, satisfazendo em certo grau uma necessidade psicológicas dentro dos seus relacionamentos. Alguns autores corroboram com essa ideia, ao pontuar que o apoio recebido pelos seus pares resultam em uma maior felicidade (Demir & Özdemir, 2010), confiança, bem-estar psicológico, satisfação e qualidade no relacionamento (Deci & Ryan, 2008; Deci, Guardia, Moller, Scheiner, & Ryan, 2006).

A proximidade vivenciada nos vínculos de amizade, pode ser entendida como uma construção decorrente do tempo, atividades e momentos compartilhadas pelos envolvidos na díade (Bukowski & Hoza, 1989), sejam eles aprazíveis ou desagradáveis (Asher et al., 1996), contribuindo assim para a solidificação da amizade (Bukowski & Hoza, 1989). A proximidade, na atualidade, vem recebendo contribuições da Tecnologias de Informação da Comunicação (TIC's) as quais permitem diminuir a distância, geográfica ou não, entre os amigos, tornando pessoas fisicamente ausente em presente, mesmo que seja de forma virtual (Licoppe, 2004).

O compartilhamento de ideias por meio de redes sociais ou aplicativos de comunicação, segundo Abeele, Schouten e Antheunis (2017), contribuem para aproximar as pessoas e elevar o sentimento de companheirismo. Essa proximidade permitida pela comunicação on-line, segundo alguns autores (Ito, 2005; McKenna, Green, & Gleason, 2002), são tão reais, importantes e satisfatórias quanto aquelas estabelecidas de forma presencial.

Além dessas, ao se falar de amizade pode-se discorrer, ainda, sobre a intimidade e a Qualidade da Amizade, sendo estas as variáveis que serão trabalhadas na presente Tese. A primeira pode ser compreendido como uma questão de circunstância, em vez de escolha (Runner, 1937), a qual não pode ser definida apenas em termos de autorrevelação, mas também de prontidão para ajudar um amigo quando este solicitar auxílio, frequência de interação, grau

de reciprocidade, duração das relações e números de atividades realizadas em conjunto (Sullivan, 1953).

A segunda, por sua vez, se refere, em geral, à natureza das interações estabelecidas entre amigos (Bernd & Perry, 1986) que afetam o desenvolvimento e o ajuste de indivíduos (Ladd, Kochenderfer, & Coleman, 1996). Sendo tal construto compreendido como o resultado da presença das demais características aqui apresentadas, ou seja, quanto maior intimidade, apoio, lealdade, proximidade e confiança, maior será a qualidade dos vínculos estabelecidos entre os pares (Thien & Abd Razak, 2013).

Visando compreender melhor este tipo de vínculo, será inserido como variáveis explicativas os traços da personalidade e valores humanos. A primeira pode ser compreendida como um agrupamento estável e peculiar de características que pode sofrer modificações em decorrência das múltiplas situações vividas, diariamente, pelos indivíduos (Schultz & Schultz, 2011). Além disto, enfatiza-se que tecer sobre a personalidade requer a inclusão de vários atributos de uma pessoa, as quais vão além das características físicas e engloba uma série de qualidades sociais e emocionais, que muitas vezes não podem ser observadas diretamente; exercendo claramente, influência sobre as relações estabelecidas pelos sujeitos, a exemplos da amizade (Schultz & Schultz, 2002).

Os valores humanos, por sua vez, possuem a função de guiar as ações e expressar cognitivamente as necessidades do homem (Gouveia, 2013). A incorporação dos valores humanos no presente estudo se justifica em virtude da importância dos mesmos no processo seletivo dos comportamentos humanos (Rokeach, 1973), a exemplo de comportamentos pró-ambiental (Coelho, Gouveia, & Milfont, 2006), condutas antissociais e delitivas (Formiga & Gouveia, 2005), perdão (Lopes, 2016) e satisfação (Almeida, 2016) conjugais.

Frente a isso, o presente estudo tem como objetivo conhecer as relações existentes entre os valores humanos, traços de personalidade (virtuosos e sombrios), e a qualidade e intimidade

da amizade. Além de tomar conhecimento de quais construtos melhor explicam os atributos dos vínculos próximos. A seguir esses possíveis explicadores serão apresentados, sendo primeiramente os traços de personalidade, mais especificamente a Personalidade Virtuosa e Personalidade Sombria, e em seguida os Valores Humanos.

Traços de Personalidade

O estudo da personalidade enquanto disciplina é considerado recente, datando da década de 1930, tendo sido estabelecido em razão das publicações de Gordon Allport (1937, *Personality: A psychological interpretation*) e de Henry Murray (1938, *Explorations in Personality*). Todavia, os estudos acerca da estrutura da personalidade humana não se limitam ao século XX, visto que o interesse em mapear os traços que caracterizam e explicam as diferenças individuais existe desde a antiguidade clássica, à exemplo da Grécia e Roma antiga, onde pensadores como Platão, Aristóteles, Descartes e Maquiavel já tratavam da personalidade em seus escritos (Dumont, 2010; McAdams, 2012).

No âmbito da Psicologia, torna-se evidente a importância do estudo e da análise sistemática da personalidade. Tal relevância é percebida no número de estudos publicados na atualidade, conferindo notória atenção para este tema (Benet-Martínez & John, 1998; Hutz et al., 1998). Em comparação com a literatura em outros contextos, o Brasil se encontra em fase de desenvolvimento (Hutz et al., 1998), porém verificam-se avanços nos estudos empíricos sobre o construto (Araújo, 2013; Monteiro, 2014).

Apesar de ser amplamente estudada no campo da Psicologia e de sua considerável importância para área, ainda é difícil o estabelecimento de uma definição consensual para personalidade. Em termos de senso comum, pode-se dizer que a personalidade é utilizada para fazer menção à imagem de alguém, a partir de expressões como “*Aquela pessoa tem uma personalidade agressiva*” ou “*Ela tem uma personalidade tímida*”. Dessa forma, no uso

quotidiano a personalidade é vista como o que pode ser percebido acerca do comportamento de um indivíduo, servindo para defini-lo aos olhos dos demais. Isso ocorre na medida em que as pessoas, ao observarem, selecionam as qualidades mais evidentes no outro em uma determinada situação e assim formam uma impressão geral a partir de características isoladas (Schultz & Schultz, 2006).

No que concerne à Psicologia, pode-se afirmar que a personalidade pode ser caracterizada por um conjunto de atributos que podem sofrer modificações ao longo do tempo em decorrência das distintas experiências vivenciadas pelo indivíduo (Schultz & Schultz, 2006). Tal definição da palavra personalidade remete a sua origem, do latim *persona*, que era utilizada para fazer menção às máscaras que os atores usavam nas peças artísticas realizadas na Grécia Antiga (Engler, 1991).

Nessa direção, a palavra “personalidade” pode também fazer referência a características tidas como permanentes nos indivíduos, já que parte-se do pressuposto que ela seja estável e contínua. Entretanto, embora uma pessoa se comporte normalmente de determinada maneira, isso não implica afirmar que, em distintas situações, ela não vá agir de maneira diferente, e isso ocorre pelo fato de a personalidade não ser rígida ou imutável, podendo apresentar algumas variações de acordo com as experiências (Schultz & Schultz, 2006).

Torna-se importante ressaltar que há uma miríade de modelos teóricos para explicar a personalidade (e.g., Psicanálise, Humanismo, *Gestalt*). Todavia, considerando a estrutura do presente trabalho, torna-se desnecessário, contemplar detalhadamente todos os modelos teóricos. Assim, será dada ênfase a dois modelos que vêm dando ênfase aos aspectos positivos (Ferguson et al., 2014) e negativos (Jonason & Middleton, 2015) que compõe a estrutura da personalidade.

Em virtude disso, para avaliação dos traços positivos será utilizado um modelo teórico nomeado de *dark triad of personality* (Paulhus & Williams, 2002), que avalia o maquiavelismo

e as formas subclínicas de psicopatia e narcisismo, enquanto que para os traços positivos será usado um modelo teórico denominado de *bright side of personality* (Oliveira, 2017), que avalia os traços perdão, gratidão e altruísmo. Ambos os modelos serão detalhados nos tópicos a seguir.

Personalidade Virtuosa

A personalidade virtuosa influencia diretamente o estabelecimento e manutenção dos vínculos de amizade, intensificando os afetos positivos (Prabhakaran, Kraemer, & Thompson-Schill, 2011) e proporcionando o bem estar (Aghababaei & Arji, 2014). A personalidade virtuosa estimula a emissão de comportamentos pró-sociais e interações interpessoais coesas e estáveis, sendo a mesma composta por três traços, a saber, perdão, altruísmo e gratidão (Snyder & Lopez, 2009).

O perdão, segundo Enright, Rique e Coyle (2000), refere-se ao desejo de uma pessoa em renunciar o seu direito de ressentimento, julgamento negativo e comportamento indiferente para aquele que o feriu, fomentando compaixão, generosidade e até mesmo amor para com o ofensor. Para tais autores é fundamental que a pessoa que perdoa desenvolva uma postura benevolente em relação à pessoa que transgride. De acordo com Snyder e Lopez (2009) o perdão não pode ser estendido a uma situação, devendo ser direcionado apenas às pessoas. Esses autores mencionam, também, que o perdão é mais do que deter a raiva pelo ofensor, defendendo que o ato de perdoar denota, necessariamente, a substituição das emoções negativas por outras positivas.

Nesse sentido Gouveia et al. (2016) postulam que o verdadeiro perdão demanda que o indivíduo seja capaz de lidar com os danos e prejuízos, intencionais ou involuntários, que foram causados pelo transgressor. Portanto, pode romper com esse ciclo destrutivo e restaurar relacionamentos interpessoais, contribuindo, assim para a pró-sociabilidade e à prática de comportamentos orientados a este fim.

O perdão pode ser definido, ainda, de acordo com as suas propriedades, como uma *disposição da personalidade*. A partir dessa perspectiva, o perdão pode ser entendido como uma propensão a perdoar os outros, que se expressa, conscientemente ou não, em diversas situações da vida diária que implicam dano e conflito. Neste sentido, as pessoas podem ser dimensionadas ao longo de um contínuo (perdoador – não perdoador), com a maioria das pessoas (por definição) pontuando em direção à média (McCullough & Witvliet, 2002).

Este construto é apontado como um fator mantenedor de relacionamentos, pois leva as vítimas de ofensas a substituírem pensamentos, sentimentos e comportamentos negativos por outros mais positivos frente ao seu transgressor (Maio, Thomas, Fincham, & Carnelley, 2008; Wade & Worthington, 2003), contribuindo para a resolução de conflitos e manutenção de vínculos de amizade (Cotroneo, 1982; Smedes, 1984; Hope, 1987).

O altruísmo, por sua vez, é um comportamento pró-social, no qual tem como propósito primário ajudar outras pessoas, colocando a frente o bem-estar do próximo (Aronson, Wilson, & Akert, 2002). Diante disso, uma pessoa altruísta é dotada de comportamentos, atitudes e motivações direcionadas a promoverem benefícios ao próximo, sem esperar qualquer coisa em troca (Maner & Gailliot, 2007).

De acordo com Leeds (1963), é possível destacar três características principais que compõe o altruísmo: (1) caracteriza um fim em si mesmo e não é direcionado a um ganho ou lucro, (2) é involuntário e (3) é voltado para o bem-estar do próximo. Dessa forma, Gouveia, Santos, Athayde, Souza e Gusmão (2014) pontuam que as ações altruístas estão mais relacionadas ao autosacrifício do que ganho próprio, onde o indivíduo altruísta é caracterizado por motivações e comportamentos direcionados ao benefício dos outros. Assim, o ato altruísta é considerado uma forma de comportamento pró-social, onde todo e qualquer ato praticado tem o objetivo de beneficiar outra pessoa, sem necessariamente envolver qualquer tipo de benefício ao agente responsável pela ajuda (Goldstein, 1983).

No âmbito das pesquisas em Psicologia, Rushton, Chrisjoh, e Fekkem (1981) sugerem que apesar de autores defenderem a ideia que o altruísmo é uma fator situacional, várias evidências favoráveis tem sido reunidas para comprovar a existência de um traço de personalidade altruísta (Gouveia et al., 2016). Tal ideia pressupõe que algumas pessoas são consistentemente mais generosas, prestativas e gentis do que outras, fazendo com que as mesmas sejam vistas ou percebidas como altruístas.

Este, assim como o perdão, tem se apresentado um fator mantenedor dos relacionamentos próximos, pois o altruísmo é caracterizado por beneficiar o outro sem pensar em ganhos próprios (Goldstein, 1983), contribuindo para solidificação dos laços próximos (Stewart- Williams, 2007; West, Griffin, & Gardner, 2007).

A gratidão pode ser definida como uma emoção positiva que é experienciada quando as pessoas percebem que receberam um benefício valioso (Emmons & Crumpler, 2000; McCullough, Kilpatrick, Emmons, & Larson, 2001; Tsang, 2007), sendo esta variável caracterizada, ainda, pela falta do sentimento de endividamento, ou seja, a obrigação de pagar aquele que lhe proporcionou algum bem (Akgün, Erdil, Keskin, & Muceldilli, 2016). De acordo com Nezlek, Newman e Trash (2017), a maioria das pessoas que experimentam gratidão se sentem mais felizes, de tal forma que demonstram maior motivação para tornar sua vida mais produtiva.

Embora os pesquisadores tenham conceituado gratidão de maneiras diferentes, por exemplo, como uma virtude moral, um recurso de força pessoal, um afeto moral e uma característica afetiva (Paludo & Koller, 2006), uma definição mais consensual considera gratidão como um afeto, chamado disposição para gratidão. Como tal, gratidão pode ser definida como a tendência geral para reconhecer o papel da benevolência de outras pessoas nos resultados positivos que uma pessoa adquiriu, permitindo que essa pessoa responda a tal benevolência com emoção grata (McCullough, Emmons, & Tsang, 2002).

Por sua vez, Wood, Froh e Geraghty (2010) estenderam a definição anterior identificando seis componentes diferentes de gratidão. Para esses autores, a gratidão é um traço de personalidade de ordem superior, cujos componentes individuais são (a) diferenças individuais na experiência de afeto grato; (b) apreciação de outras pessoas; (c) focar no que a pessoa possui; (d) comportamentos que expressam gratidão; (e) valorização dos aspectos positivos atuais; e (f) comparação social positiva. Assim, esses componentes abrangem a dimensão geral da gratidão, representando uma orientação para reconhecer e valorizar o positivo na vida.

A gratidão, portanto, envolve um intercâmbio interpessoal e o reconhecimento de um benefício conferido (Adler & Fagley, 2005), que tem apresentado relacionamento positivo com o bem-estar (Wood et al., 2010), satisfação com a vida (Lavy & Littman-Ovadia, 2011; Wood, Joseph, & Maltby, 2008) e negativo com a depressão (Fredrickson, Tugade, Waugh, & Larkin, 2003). Além disso, autores (Algoe, Haidt, & Gable, 2008; Billingsley, Lim, Caron, Harris, & 1996) pontuam que a expressão da gratidão é um fator de grande importância para a manutenção da qualidade dos relacionamentos.

Personalidade Sombria

Os relacionamentos interpessoais bem sucedidos são vistos por alguns autores como vitais para a vida no mundo moderno. Ao decorrer das interações muitos dos sujeitos, provavelmente, encontrarão indivíduos com "traços de personalidade socialmente aversivos" (Lee & Ashton, 2005), a exemplo de maquiavelismo e as variações subclínicas de psicopatia e narcisismo, os quais são conhecidos como a Tríade Sombria da Personalidade (*Dark Triad of personality*) (Paulhus & Williams, 2002). Tais traços não se limitam apenas a amostras clínicas e em situação prisional, contanto, há variações mais brandas que podem fazer parte de uma faixa normal de funcionamento da personalidade (Huang & Liang, 2014). É importante frisar

que, os traços sombrios envolvem uma disposição à autopromoção, a agressividade e frieza emocional nos relacionamentos interpessoais (Kaiser, Le Brenton, & Hogan, 2015).

Especificamente, a psicopatia é caracterizada pela falta de culpa, insensibilidade, desonestidade, egocentrismo, incapacidade de formar laços afetivos estreitos e vínculos superficiais (Tamborski & Brown, 2011). Teoricamente esse traço é diático, uma vez que há dois tipos, a saber, psicopatia primária e psicopatia secundária (Newman, MacCoon, Vaughn, & Sadeh, 2005). A primeira é marcada por características como crueldade e falta de afeto; já a segunda por impulsividade, neuroticismo e agressão (Levenson, Kiehl, & Fitzpatrick, 1995).

Ademais, a psicopatia constitui-se de três dimensões inter-relacionadas (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009), a saber: *audácia*, demonstrada pela resiliência, dominância social e estabilidade emocional; *crueldade*, caracterizada por um estilo de vida parasita, insensibilidade, ausência de remorso e empatia; e *desinibição*, envolvendo pobre controle dos impulsos, baixa tolerância à frustração e dificuldades em retardar gratificações (Brislin, Drislane, Smith, Edens, & Patrick, 2015; Drislane, Patrick, & Aarsal, 2014). Por fim, compreende-se a psicopatia como um estilo interpessoal hostil, o qual envolve interações humilhantes, retaliadoras e críticas, arquitetadas para inspirar medo em outras pessoas (Leary, 1957).

O maquiavelismo, por sua vez, envolve estratégias que visam enganar e explorar os outros, vendo-os como um meio para alcançar os seus objetivos (Austin, Farrelly, Black, & Moore, 2007). De tal modo, o termo “maquiavelismo” passou a ser introduzido na área da Psicologia Social e da Personalidade a partir da publicação do livro *Studies in Machiavellianism* por Christie e Geis em 1970, que seria inspirado na obra clássica *O Príncipe*, de autoria de Nicolau Maquiavel, durante o século XVI. Sendo assim, as estratégias utilizadas no âmbito político poderiam ser visualizadas nos comportamentos cotidiano das pessoas, associando pessoas “maquiavélicas” as oportunistas, estrategistas e manipuladoras (Christie & Geis, 1970; Jonason & Middleton, 2015; Jones & Paulhus, 2009).

Ademais, indivíduos com acuidade nesse traço podem ser descritos como cínicos, dominadores, distantes, práticos (McHoskey, Worzel, & Szyarto, 1998), manipuladores bem-sucedidos, preocupação com a moral convencional, psicopatologia grosseira, comprometimento ideológico e ausência de afetos nas suas relações interpessoais (Ali, Amorim, & Chamorro-Premizic, 2009). Há estudos que demonstram relação entre o maquiavelismo e infidelidade (Brewer & Abell, 2015), prática de assédio moral no trabalho (Pilch & Turska, 2016), inclusive, maior propensão a contar mentiras e a esforçarem-se cognitivamente para contar mentiras mais elaboradas (Azizli et al., 2016; Baughman, Jonason, Lyons, & Vernon, 2014).

O narcisismo, o terceiro traço em questão, é conceituado como uma busca de atenção, prestígio ou status (Tamborski & Brown, 2011), autoestima exagerada e crença de superioridade em relação aos outros (Raskin & Terry, 1988). Os narcisistas fantasiam sobre os êxitos pessoais e nutrem a crença de que são merecedores de um tratamento especial (Morf & Rhodewalt, 2001), quando este pensamento é confrontado por tratamentos abaixo do esperado eles se tornam propensos a atacar agressivamente ou mesmo violentamente aqueles que não supriram suas expectativas (Thomaes, Bushman, Stegge, & Olthof, 2008). Tal expressão surgiu do mito grego de Narciso, que se apaixona por sua própria imagem refletida na água (Pincus & Lukowitsky, 2010).

Alguns autores (Dickinson & Pincus, 2003; Hendin & Cheek, 1997) distinguem pelo menos dois tipos de narcisismo: grandioso e vulnerável. O primeiro é caracterizado por uma elevada auto segurança, extroversão, falsa modéstia e competência social. Já os narcisistas vulneráveis tendem a se mostrarem tímidos, neuróticos e um pouco introvertidos nos primeiros encontros (Miller et al., 2010), porém nos encontros seguintes os mesmos tendem a se mostrarem rudes, arrogantes e presunçosos (Wink, 1991). Contudo, apesar desta distinção, de

modo geral compreende-se que este traço é caracterizado por um amor excessivo por si mesmo (Vernon, Villani, Vickers, & Harris, 2008).

Destaca-se que, embora, a psicopatia e o maquiavelismo sejam compreendidos como distintos (Vernon et al., 2008), estes compartilham sobreposição conceitual, uma vez que ambos estão intrinsecamente relacionados a laços emocionais pobres, sendo reflexo da falta de afeto, típico do primeiro traço, e manipulação exacerbada, característica marcante do segundo (Tamborski & Brown, 2011). Os dois traços em questão são comumente denominados de *Dark Dyad* (Kowalski, Vernon, & Schermer, 2016), quando se leva em consideração sua obscuridade e correlações mais consistentes com variáveis antissociais (Pailing, Boon, & Egan, 2014).

O narcisismo, segundo alguns autores, pode ser caracterizado por um estilo interpessoal amigável (Birkás, Gács, & Csathó, 2016), contudo quando as expectativas (superioridade) dos narcisistas não são supridas por pessoas próximas, estes se tornam agressivos, afastando assim, os adjacentes (Wink, 1991). Contribuindo desta forma, para a ausência de vínculos seguros e fortes.

Considerando-se a importância destas variáveis para a compreensão dos relacionamentos interpessoais, é possível verificar estudos com a tríade sombria sendo utilizada para o entendimento de diversos construtos, a exemplo da infidelidade (Jones & Weiser, 2014), agressividade (Jones & Neria, 2015) e preconceito (Hodson, Hogg, & MacInnis, 2009). Nesse sentido, o presente estudo centra-se em específico na amizade, buscando verificar a influência destes traços de personalidade no estabelecimento de vínculos, mesmo que apontadas pela literatura como frágeis.

Valores Humanos

A tentativa de identificar os valores básicos que descrevam as pessoas não se caracteriza como uma atividade recente (Gouveia, 2003). Os valores humanos têm sido estudados por meio

de diferentes perspectivas e reportados a vários campos de conhecimento, como: Filosofia, Antropologia, Sociologia e Psicologia (Gouveia, 2003; Ros, 2006).

Em Psicologia Social, por exemplo, os valores humanos se constituíram objeto de pesquisa científica, somente, nas seis últimas décadas (Gouveia, Martínez, Meira, & Milfont, 2001); quando vários estudos passaram a ser desenvolvidos, justificando-se em razão de serem importantes no processo seletivo das ações humanas (Rokeach, 1973). Segundo Rokeach (1981), os valores humanos fornecem um instrumento analítico mais econômico para descrever e explicar as similaridades e diferenças entre as pessoas, grupos, nações e culturas; pois uma vez internalizado um valor, este se torna consciente ou inconscientemente, um padrão ou critério para guiar a ação, desenvolver e manter as atitudes em relação a objetos e situações importantes, e julgar moralmente a si e aos outros (Albuquerque, Noriega, Coelho, Neves, & Martins, 2006).

Rokeach (1981) é considerado o pioneiro dessa temática, propondo uma abordagem que agrupou aspirações de diversas áreas do conhecimento aqui já elencadas; e buscou diferenciar os valores de outros construtos com os quais costumavam ser relacionados, como atitudes e traços de personalidade; além de criar o primeiro instrumento de medição dos valores (Rokeach, 1973). Outro teórico importante no estudo dos valores foi, e continua sendo, Shalom H. Schwartz (1992), que elaborou o seu modelo com base naquele apresentado por Rokeach; porém enfatizava a base motivacional como explicação para a estrutura dos valores e sugere a universalidade desta e do conteúdo dos tipos motivacionais (Gouveia et al., 2001).

Gouveia (1998) criou a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos fundamentada no modelo de Ronald Inglehart (1977) e baseada na Hierarquia das Necessidades de Maslow (1954). Tal modelo teórico tem se apresentado uma tipologia funcional e integradora dos valores humanos (Gouveia, 2013). A teoria tem como foco principal as funções dos valores humanos. Gouveia, Meira, Gusmão, Souza Filho e Souza (2008) apontam para o fato de que

poucos estudos fazem referência a este aspecto, e ao revisarem a literatura, identificaram duas funções consensuais acerca dos valores, a saber: (1) eles guiam as ações do homem (*tipo de orientação*) e (2) expressam suas necessidades (*tipo de motivador*). Outra inovação deste modelo é a inclusão do critério central de orientação. Em uma revisão de estudos empíricos, Gouveia (2003) verificou que existem valores que figuram entre e são congruentes com os valores pessoais e sociais, sendo denominados, por ele, de valores centrais, por não se restringirem à dicotomia de interesses autocentrados (foco intrapessoal) ou altercentrados (interpessoal); representando seu caráter central ou adjacente em relação aos demais valores.

Segundo Gouveia (2013), mesmo não havendo uma correspondência perfeita entre necessidades e valores, é possível reconhecê-los como expressão das necessidades humanas. Neste sentido, este autor afirma que os valores podem ser classificados em termos materialistas (pragmáticos) ou idealistas (humanitário). Os valores que são classificados como materialistas referem-se a ideias práticas, e quem se pauta nestes valores têm uma orientação para metas específicas e regras normativas. Já os classificados como idealistas representam uma orientação universal, baseada em princípios abstratos e ideais, sem um foco imediato. Partindo dessas considerações, Gouveia et al. (2008) apresentaram seu modelo valorativo.

Em sua estrutura, o modelo em questão propõe dois eixos principais. Um horizontal, que corresponde ao *tipo de orientação*, e o vertical, que define o *tipo motivador*. O eixo horizontal se subdivide em três critérios de orientação, ou subfunções valorativas (*social, central e pessoal*), enquanto que o eixo vertical se subdivide em dois *tipos de motivadores* (*materialista e idealista*). Estas dimensões são combinadas de maneira que formam seis quadrantes: social-materialista, social-humanitário, central-materialista, central-humanitário, pessoal-materialista e pessoal humanitário. A interação dos valores ao longo dos eixos permite identificar seis subfunções que são distribuídas de maneira equitativa nos critérios de orientação

social (interativa e normativa), central (suprapessoal e existência) e pessoal (experimentação e realização; Gouveia, 2013).

Para melhor compreensão do modelo proposto por Gouveia (2003, 2013), serão descritos a seguir os valores, considerando o tipo de orientação e o tipo motivador que representam, bem como a subfunção específica a que correspondem.

Valores Sociais: as pessoas que se pautam nestes valores têm como preferência o convívio social. São indivíduos que tentam ser aceitos e integrados ao grupo do qual fazem parte, e tentam manter um grau mínimo de harmonia entre as pessoas de seu ciclo social. Os valores sociais podem ser subdivididos em duas subfunções psicossociais, tendo em conta o tipo de motivador: normativa e interativa, descritas a seguir.

Subfunção normativa: expressa orientação social, mas com princípio materialista, sendo focada em regras sociais. Reflete a importância e a preservação da cultura e das normas convencionais. Pessoas mais velhas são tipicamente guiadas por valores desta subfunção. Os que primam por estes valores estão menos propensos a apresentarem comportamentos desviantes (Pimentel, 2004), sendo a ordem valorizada acima de qualquer coisa. Os valores seguintes compõem tal subfunção: (1) obediência, evidencia a importância de obedecer e cumprir deveres e obrigações diárias, respeito pelos pais e mais velhos e é típico de pessoas com mais idade e/ou educadas num sistema mais tradicional; (2) religiosidade, representa a necessidade de segurança, porém não depende de qualquer preceito religioso, havendo apenas o reconhecimento de uma entidade superior em que se busca certeza e harmonia social para uma vida social pacífica; e (3) tradição, representa a pré-condição de disciplina no grupo ou na sociedade como um todo, para satisfazer as necessidades. Sugere respeito aos padrões morais seculares e contribui para a harmonia social.

Subfunção Interativa: é representante de motivador humanitário, mas com uma orientação eminentemente social. Esta corresponde às necessidades de pertença, amor e

afiliação, enfatizando estabelecer e manter as relações entre as pessoas. Os indivíduos que adotam esta função como princípio-guia em suas vidas frequentemente são jovens. Fazem parte desta subfunção os seguintes valores: (1) afetividade: encontra-se relacionado com aspectos da vida social, enfatizando relacionamentos íntimos, relações familiares, cuidados, afetos, prazer e tristeza; (2) apoio social, enfatiza a necessidade de afiliação, destacando-se a segurança que pode ser proporcionada e a expressada no sentido de não se sentir sozinho no mundo e, quando necessitar, obter ajuda; e (3) convivência, esta não representa as relações interpessoais específicas, mas a relação indivíduo-grupo que requer um sentido de identidade social, indicando a ideia de pertença a um grupo social e não viver sozinho.

Valores centrais: representam a espinha dorsal da hierarquia de valores. Indicam o caráter central ou adjacente destes, aqueles que estão acima do indivíduo (pessoais) e da sociedade (sociais), sendo compatíveis com todos os demais valores. Os valores centrais se subdividem em duas subfunções, existência e suprapessoal:

Subfunção Existência: compreende os valores mais importantes com um motivador materialista. Representam a necessidade mais básica de sobrevivência do homem (biológica e psicológica), reunindo valores compatíveis com as orientações social e pessoal. Servem de referência para as subfunções realização e normativa. Os seguintes valores constituem essa subfunção: (1) estabilidade pessoal, sua ênfase está na vida organizada e planejada. Pessoas que se guiam por este valor procuram garantir sua própria sobrevivência; (2) saúde, as pessoas que se guiam por este valor buscam obter um elevado grau de saúde, evitando coisas que podem ser uma ameaça para sua vida; e (3) sobrevivência, é o mais relevante princípio-guia de pessoas socializadas em contextos de escassez ou que não têm à disposição recursos econômicos básicos. Representa necessidades mais básicas, como comer e beber.

Subfunção Suprapessoal: apresenta orientação central e motivador humanitário. Os valores desta subfunção representam as necessidades de estética e cognição. São valores mais

importantes com motivador humanitário, sendo compatíveis com aqueles de orientação social e pessoal com mesmo motivador. Fazem parte desta subfunção os seguintes valores: (1) beleza, refere-se à estéticas que evidenciam uma orientação global, desconectada de objetos e/ou pessoas específicas, de modo que aqueles guiados por este valor buscam apreciar o que é belo; (2) conhecimento, diz respeito às necessidades cognitivas, tendo um caráter extra-social. Quem enfatiza este valor busca conhecimentos novos; e (3) maturidade, refere-se à auto-atualização. Descreve um senso de auto-satisfação ou um sentimento de se perceber útil. Indivíduos que se pautam neste valor como um princípio-guia tendem a apresentar uma orientação universal que transcende pessoas ou grupos específicos.

Valores pessoais: as pessoas que assumem estes valores buscam alcançar metas pessoais por meio de relações contratuais. Pautar-se em tais valores é dar prioridade aos próprios benefícios. Estes se subdividem em duas subfunções, realização e experimentação.

Subfunção Realização: os valores da subfunção existência são a fonte dos valores de realização, no sentido de representarem o motivador materialista; entretanto, têm uma orientação pessoal. Pessoas orientadas por tais valores focam realizações materiais. Os seguintes valores a representam: (1) êxito, a ênfase é ser eficiente e alcançar as metas, de tal modo que as pessoas que adotam este valor têm o ideal de sucesso e são orientadas nesta direção; (2) poder, é menos social que os outros dois valores desta subfunção e representa a ênfase dada ao princípio da hierarquia; e (3) prestígio, neste valor a ênfase é dada para a importância do contexto social, buscando ter a imagem pessoal publicamente reconhecida.

Subfunção Experimentação: os valores Suprapessoais são a fonte de tais valores, no sentido de se pautarem em um motivador humanitário, porém estes têm orientação pessoal. Representam a necessidade psicológica de gratificação e a suposição do princípio do prazer. Contribuem para a promoção de mudança e inovação na estrutura das organizações sociais. Fazem parte de esta subfunção os valores descritos a seguir: (1) emoção, representa a

necessidade fisiológica de excitabilidade e busca de experiências perigosas, arriscadas; (2) prazer, corresponde à necessidade orgânica de satisfação em um sentido mais amplo (por exemplo, beber ou comer por prazer, divertir-se); (3) sexualidade, como valor enfatiza a obtenção de prazer e satisfação nas relações sexuais.

Este modelo tem apontado adequação nas diversas macrorregiões e capitais brasileiras (Gouveia, 2003, 2013; Medeiros, 2011), e outras culturas (Fischer, Milfont, & Gouveia, 2011; Gouveia, Albuquerque, Clemente, & Espinosa, 2002) e tem sido correlacionados a uma grande diversidade de variáveis. Dentro do contexto dos relacionamentos interpessoais, especificamente, tem se percebido que os mesmos dão indicação acerca de quais serão os comportamentos que apresentam uma maior probabilidade de serem exibidos.

Fonseca et al. (2016), por exemplo, em uma pesquisa sobre valores humanos e condutas acadêmicas, evidenciaram que a subfunção interativa se correlacionou positivamente com o engajamento escolar, mostrando que as relações interpessoais podem influenciar diretamente nos comportamentos emitidos na escola. Neste caso, os autores sugeriram que a participação em grupos que objetivam alcançar bons resultados acadêmicos, conduzem seus integrantes a emitirem esforços e condutas semelhantes, visando manter o vínculo de amizade.

Em dois outros estudos sobre relacionamentos matrimoniais, Lopes, Fonsêca, Medeiros, Almeida e Gouveia (2016) e Almeida (2016) foram na mesma direção que o anterior, os quais apontaram, dentre os seus achados, que as pessoas as quais priorizam os valores sociais (interativa e normativa) tendem a emitir condutas que visem a conservação dos vínculos, por meio da concessão do perdão ao seus parceiros ofensores ou buscando emitir condutas que favoreça a satisfação matrimonial. Esses são apenas alguns exemplos de como os valores podem prever comportamentos dentro do contexto de relacionamentos interpessoais. Justificando assim, a utilização da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos na presente pesquisa.

Na sequência dessa introdução serão apresentados os quatro Artigos desenvolvidos nesta Tese: Artigos I e II, tiveram como objetivos adaptar e reunir evidências de validade e confiabilidade da Escala de Qualidade da Amizade (EQA) e Escala de Intimidade da Amizade (EIA) para o contexto brasileiro, respectivamente. Artigo III visou tomar conhecimento das relações existentes entre a Qualidade e Intimidade da Amizade com os valores humanos e a personalidade, sombria e virtuosa; além de verificar quais destas últimas melhor explicam os dois atributos dos relacionamentos. Artigo IV, ainda em desenvolvimento buscará testar um modelo explicativo dos atributos da amizade, contudo, o mesmo ainda se encontra em construção.

ARTIGO 1

Escala de Qualidade da Amizade: Adaptação e Evidências Psicométricas

Friendship Quality Scale: Adaptation and Psychometric Evidence

Título Abreviado: Escala de Qualidade da Amizade

Bruna de Jesus Lopes

Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

ESCALA DE QUALIDADE DA AMIZADE: ADAPTAÇÃO E EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS

Resumo. O presente artigo tem como objetivo adaptar e reunir evidências de validade e confiabilidade da Escala de Qualidade da Amizade (EQA) para o contexto brasileiro. Para alcançá-los foram realizados dois estudos. O Estudo I buscou adaptar e reunir evidências de sua validade de construto. Contou-se com uma amostra não probabilística composta por 427 discentes das cidades de Parnaíba (47,1%) e Teresina (52,9%), com média de idade de 21,29 anos ($DP = 4,48$). Os mesmos responderam a EQA e um questionário sociodemográfico. A Análise Fatorial Exploratória foi executada pelo Factor 10.4, que indicou uma solução unifatorial da EQA, dando suporte para a exclusão de um item da dimensão segurança e todos aqueles que compõem a dimensão conflito. Restando uma estrutura unifatorial formada por 18 itens, com cargas fatoriais variando entre 0,46 e 0,79, explicando 47% variância total e com uma consistência interna de 0,93. O Estudo II visou encontrar novas evidências acerca da estrutura unifatorial da EQA. Contou-se com 401 estudantes das cidades de João Pessoa (50,3%) e Cajazeiras (49,7%), selecionados por conveniência. A média de idades dos participantes foi de 20 anos ($DP = 4,83$). Esses responderam um caderno contendo os mesmos instrumentos aplicados anteriormente. A Análise Fatorial Confirmatória foi executada no software R, que confirmou o modelo unifatorial [$\chi^2(135) = 215,53, p < 0,001, \chi^2/gl = 1,59, CFI = 0,99, TLI = 0,99, RMR = 0,08, SRMR = 0,06, RMSEA = 0,04(IC\ 90\% = 0,03-0,05)$], apresentado. O Alfa de *Cronbach* foi de 0,91. Por fim, para dirimir eventuais dúvidas acerca da estrutura, comparou-se esse modelo com aquele proposto pelos elaboradores do instrumento, reunindo evidência de que o modelo unifatorial é estatisticamente superior [$\chi^2(85) = 119,72, p < 0,01$] ao pentafatorial. Ao final da pesquisa, disponibilizou-se ao contexto brasileiro uma medida para mensurar a Qualidade da Amizade.

Palavras- Chave: Qualidade da Amizade; Adaptação; Validação.

FRIENDSHIP QUALITY SCALE: ADAPTATION AND PSYCHOMETRIC EVIDENCE

Abstract. This article aims to adapt and gather evidence of validity and reliability of the Friendship Quality Scale (FQS) for the Brazilian context. To reach them, two studies were carried out. Study I sought to adapt and gather evidence of its construct validity. There was a non-probabilistic sample composed of 427 students from the cities of Parnaíba (47.1%) and Teresina (52.9%), with a mean age of 21.29 years ($SD = 4.48$). They answered the FQS and a sociodemographic questionnaire. The Factorial Exploratory Analysis was performed by Factor 10.4, which indicated a unifactorial solution of the FQS, supporting the exclusion of an item from the security dimension and all those that make up the conflict dimension. A single factor structure consisting of 18 items, with factorial loads varying between 0.46 and 0.79, explaining 47% total variance and with an internal consistency of 0.93. Study II aimed to find new evidence about the FQS unifactorial. It counted on 401 students from the cities of João Pessoa (50.3%) and Cajazeiras (49.7%), selected for convenience. The mean age of participants was 20 years ($SD = 4.83$). These answered a notebook containing the same instruments applied previously. The Confirmatory Factor Analysis was performed in software R, which confirmed the one-factor model [$\chi^2 (135) = 215.53, p < 0.001, \chi^2 / gl = 1.59, CFI = 0.99, TLI = 0.99, RMR = 0.08, SRMR = 0.06, RMSEA = 0.04$ (IC 90% = 0.03-0.05)]. The presented Cronbach's alpha was 0.91. Finally, in order to resolve possible doubts about the structure, this model was compared with that proposed by the instrument's developers, gathering evidence that the one-factor model is statistically superior [$\chi^2 (85) = 119.72, p < 0.01$] to the five-factor. At the end of the research, he made available to the Brazilian context a measure to measure the quality of the friendship.

Keywords: Quality of Friendship; Adaptation; Validation.

ESCALA DE CALIDAD DE LA AMISTAD: ADAPTACIÓN Y EVIDENCIAS PSICOMÉTRICAS

Resumen. El presente artículo tiene como objetivo adaptar y reunir evidencias de validez y confiabilidad de la Escala de Calidad de la Amistad (ECA) para el contexto brasileño. Para alcanzarlos se realizaron dos estudios. El Estudio I buscó adaptar y reunir evidencias de su validez de constructo. Contó con una muestra no probabilística compuesta por 427 discentes de las ciudades de Parnaíba (47,1%) y Teresina (52,9%), con una media de edad de 21,29 años ($DP = 4,48$). Los mismos respondieron la ECA y un cuestionario sociodemográfico. El Análisis Factorial Exploratorio fue ejecutado por el Factor 10.4, que indicó una solución unifactorial de la ECA, dando soporte para la exclusión de un ítem de la dimensión seguridad y todos aquellos que componen la dimensión conflicto. Resistiendo una estructura unifactorial formada por 18 ítems, con cargas factoriales variando entre 0,46 y 0,79, explicando 47% varianza total y con una consistencia interna de 0,93. El Estudio II tuvo como objetivo encontrar nuevas evidencias acerca de la estructura de la ECA. Contó con 401 estudiantes de las ciudades de João Pessoa (50,3%) y Cajazeiras (49,7%), seleccionados por conveniencia. A média de idades dos participantes foi de 20 anos ($DP = 4,83$). Esses responderam um caderno contendo os mesmos instrumentos aplicados anteriormente. El análisis factorial confirmatorio fue ejecutado en el software R, que confirmó el modelo unifactorial [$\chi^2 (135) = 215,53, p < 0,001, \chi^2 / gl = 1,59, CFI = 0,99, TLI = 0,99, RMR = 0,08, SRMR = 0,06, RMSEA = 0,04 (IC\ 90\% = 0,03 - 0,05)$]. El Alfa de Cronbach presentado fue 0,91. Por último, para dirimir eventuales dudas acerca de la estructura, se comparó ese modelo con el propuesto por los elaboradores del instrumento, reuniendo evidencia de que el modelo unifactorial es estadísticamente superior [$\chi^2 (85) = 119,72, p < 0,01$] al pentafactorial. Al final de la investigación, disponibilizó al contexto brasileño una medida para medir la calidad de la amistad.

Palabras clave: Calidad de la Amistad; Adaptación; Validación.

Introdução

A amizade pode ser compreendida como um tipo de relacionamento interpessoal, totalmente voluntário (Rubin, Bukowski, & Parker, 1998), marcado por interações sociais bidirecionais (reciprocidade), por um longo período de tempo (Kelley et al., 1983). Este vínculo é percebido como importante para aqueles que o cultivam, tendo o mesmo um impacto significativo sobre o desenvolvimento socioemocional das pessoas (Rubin, Bukowski, & Laursen, 2009).

A conservação de um bom laço de amizade tem se apresentando como um fator benéfico para saúde física e mental (Uchino, Uno, & Holt-Lunstad, 1999), além de exibir relações positivas com o bem-estar (Berndt, Hawkins, & Jiao, 1999; Walen & Lachman, 2000), e negativas com a depressão (Bagwell et al., 2005; Nezlek, Imbrie, & Shean, 1994) e ansiedade (Tillfors, Persson, Willén, & Burk, 2012), compreendendo esse laço como saudável para a vida daqueles que o estabelecem.

Constata-se, assim, que a Qualidade da Amizade é um fator que exerce influência direta na saúde dos seres humanos, afetando o desenvolvimento e o ajuste dos indivíduos (Ladd, Kochenderfer, & Coleman, 1996). Esta variável pode ser compreendida como a natureza das interações estabelecidas entre amigos (Berndt & Perry, 1986), marcada pelo alto nível de características positivas, tais como comportamento pró-social, lealdade e intimidade (Thien & Razak, 2013), e baixos em atributos negativos como conflitos e rivalidade (Berndt, 2002).

Visando tomar conhecimento dos instrumentos que mensuram este construto, realizaram-se buscas nas bases de dados Periódicos *CAPES*, *SCIELO* e *PsycINFO*, com a combinação dos descritores “escala”, “inventário” ou “questionário” com “Qualidade da Amizade”. As palavras de busca foram postas nos idiomas português (Brasil) e inglês, a fim de abarcar o máximo de instrumentos possíveis.

O resultado do levantamento apontou a existência de seis medidas mais utilizadas na literatura, a saber: *Network of Relationships Inventory* (Inventário de Rede de Relacionamentos, Furman & Buhrmester, 1985), *Quality of Relationships Inventory* (Inventário de Qualidade de Relacionamento, Pierce, Sarason, & Sarason, 1991), *Sport Friendship Quality Scale* (Escala de Qualidade de Amizade do Esporte, Weiss & Smith, 1999), *Friendship Quality Questionnaire* (Questionário da Qualidade da Amizade; Parker & Asher, 1993); *McGill Friendship Questionnaires* (Questionários McGill de Amizade; Mendelson & Aboud, 1999); e *Friendship Qualities Scale* (Escala de Qualidade da Amizade; Bukowski, Hoza, & Boivin, 1994).

O primeiro foi elaborado por Furman e Buhrmester (1985) o qual foi empregada para avaliar a qualidade percebida acerca das relações interpessoais, seja com o pai, mãe e amigo; ponderando sobre o companheirismo, ajuda instrumental, intimidade, valorização, aliança confiável e afeição; aplicados à criança e adolescentes. O mesmo é constituído por 12 itens, respondidos em uma escala de cinco variando entre 1 (nunca) e 5 (sempre), e apresentando um índice de consistência interna acima do sugerido pela literatura ($\alpha = 0,90$).

O Inventário de Qualidade de Relacionamento, desenvolvido por Pierce et al. (1991), busca investigar os aspectos interpessoais os quais podem ser detectados dentro dos relacionamentos, como o suporte, conflito e profundidade, sendo estes as três dimensões trabalhadas no instrumento. A versão final da medida é composta por 25 itens, respondidos em uma escala likert de quatro pontos, variando de 1 (nunca) a 4 (sempre). Tal instrumento se encontra adaptado ao Brasil por Neves e Pinheiro (2009), apresentando índices de consistência interna aceitáveis [Suporte ($\alpha = 0,84$); Conflito ($\alpha = 0,88$); e Profundidade ($\alpha = 0,84$)] quando utilizado para avaliar a qualidade dos relacionamentos de amizade.

A Escala de Qualidade de Amizade do Esporte proposta por Weiss e Smith (1999) visa mensurar as percepções dos adolescentes sobre a qualidade da amizade com seus parceiros de

equipe esportiva. A mesma é composta por 22 itens que avaliam seis dimensões do relacionamento, a saber: aprimoramento da autoestima e apoio (4 itens), lealdade e intimidade (4 itens), coisas em comum (4 itens), companheirismo e brincadeiras agradáveis (4 itens), resolução de conflitos (3 itens) e conflito (3 itens). Durante a aplicação do instrumento os participantes eram solicitados a pensar em um amigo de equipe enquanto respondiam aos itens. Estes eram julgados tendo como base uma escala de 5 pontos (1= nada verdadeiro a 5 = muito verdadeiro). O alfas das dimensões variaram entre 0,73 a 0,92.

Apesar de todas as medidas encontradas serem bastante utilizada em pesquisas, vale destacar que os próximos três instrumentos apresentados se sobressaem quando comparados com os anteriormente, na hora de avaliar a qualidade da amizade. O Questionário da Qualidade da Amizade foi criado por Parker e Asher (1993). O mesmo é composto por 40 itens, que descrevem a percepção da qualidade da relação de uma amizade, os quais são organizados em seis dimensões: *Companheirismo/ Recreação*, refere-se ao tempo gasto junto para a realização de atividades divertidas; *Validação/ Cuidado* é caracterizada pelo cuidado, preocupação, admiração e afeição para com o seu amigo; *Partilha de Intimidade*, descreve o grau de abertura em compartilhar experiências, pensamentos e sentimentos particulares com o outro; *Ajuda/ Orientação*, refere-se aos esforços emitidos por ambos os amigos para ajudar, aconselhar, confortar e fornecer apoio emocional quando necessário; *Conflito/ Traição*, diz respeito ao grau de discordância, discussão, aborrecimento ou desconfiança que permeia a relação; e *Resolução de Conflito*, avalia a eficiência das estratégias de resolução de conflito adotadas para a manutenção da amizade. O Questionário da Qualidade da Amizade apresentou consistência interna variando entre 0,73 (*Companheirismo/ Recreação*) e 0,92 (*Ajuda/Direção*).

O Questionário McGill de Amizade (Mendelson & Aboud, 1999), é composto por três questionários que buscam avaliar a qualidade da amizade, bem como os sentimentos positivos e negativos associados a ela, são eles: MFQ-Respondent's Affection (MFQ-RA), MFQ-

Negative Feelings (MFQ-NF) e MFQ-Friendship Functions (MFQ-FF). O MFQ-RA é composta por duas escalas, a Escala de Satisfação com a Amizade (ESA) e a Escala de Sentimentos Positivos com relação ao Amigo (ESPA), sendo elas compostas por 7 e nove descritores, respectivamente. Já o MFQ-NF é composto por 18 itens distribuídos em cinco fatores: conflito, preocupação, submissão, desapego e ciúmes.

O MFQ-FF, por sua vez, tem sido utilizado com frequência maior e sozinho, por parte de alguns pesquisadores (Aboud, Mendelson, & Purdy, 2003; Morry & Kito, 2009; Özen, Sümer, & Demir, 2010), para investigar a qualidade da amizade. O mesmo é composto por 30 itens, distribuídos de forma equitativa em seis dimensões, a saber: *Companheirismo Estimulante*, diz respeito ao engajamento conjunto em atividades agradáveis, divertidas e excitantes; *Ajuda*, refere-se ao fornecimento de orientação, aconselhamento, assistência e outras formas de auxílio; *Intimidade*, diz respeito à sensibilidade aos estados e as necessidades do outro, proporcionando abertura para exposição honesta de pensamentos, sentimentos e informações pessoais; *Aliança Confiável*, esta reflete a disponibilidade e lealdade para com o amigo; *Autovalidação* envolve a função de encorajar, escutar, tranquilizar e ajudar a manter a autoimagem do outro positiva; *Segurança Emocional*, refere-se ao fornecimento de consolo e confiança em situações novas ou ameaçadoras. Os itens dessa última dimensão, por sua vez, apresentaram problemas, não carregando em nenhuma das demais dimensões (Souza & Hutz, 2007). Além disso, vale informar que esta medida foi adaptada e validada ao contexto brasileiro por Souza e Hutz (2007), a qual se apresentou psicometricamente adequada.

A Escala de Qualidade da Amizade, o último instrumento encontrado, foi elaborado por Bukowski et al. (1994). Este é composto por 23 itens que refletem a proximidade, segurança, ajuda, companheirismo e o conflito na relação diática. A dimensão *Proximidade* se refere à força do vínculo e do sentimento de afeto que uma pessoa nutre para com outra. Esta dimensão é, ainda, subdividida em duas: *Ligação Afetiva*, diz respeito ao sentimento mantido por outro,

e *Avaliação Refletida*, que consiste nos sentimentos derivados das interações entre os pares e da impressão formulada de quão a pessoa é importante para seu amigo.

A dimensão *Segurança* é uma das propriedades mais importantes dos relacionamentos. Sendo essencial para o estabelecimento do vínculo o entendimento de que suas amizades são seguras e capazes de continuar apesar de problemas ou conflitos, e que os escolhidos são pessoas dignas de confiança (Coleman, 1974; Davies, 1984). Esta dimensão encontra-se subdividida em duas: *Aliança Confiável*, pauta-se na crença de que nos momentos de necessidades pode-se confiar e contar com seus amigos; e *Problemas Transcendentes*, reflete a crença de que se houver algum evento negativo ao decorrer da amizade (e.g., brigas), a relação seria forte o suficiente para resistir ao problema.

A dimensão *Ajuda* é compreendida como um fator de grande importância do processo de amizade. A mesma encontra dividida em duas subdimensões: *Apoio*, caracterizada pela ajuda mútua e assistência quando for necessário; e *Proteção Contra a Vitimização*, refere-se à disposição de um amigo defender o outro quando este for incomodado. A dimensão *Companhia* está relacionada a buscas de oportunidades de interação com o amigo, compreendendo os momentos que passam juntos como um aspecto fundamental ou básico da amizade. E por fim, a dimensão *Conflito*, caracterizada por brigas e discussões, levando o surgimento de desacordos. Este instrumento apresenta consistência interna favorável, com alfas de *Cronbach* variando de 0,71 (*Segurança e Companheirismo*) e 0,86 (*Proximidade*).

No contexto brasileiro é possível encontrar medidas adaptadas que buscam mensurar a qualidade dentro dos relacionamentos de amizade, a exemplo do Questionário McGill de Amizade (Souza & Hutz, 2007) e Inventário de Qualidade de Relacionamento (Neves & Pinheiro, 2009). Apesar disso, no presente estudo optou-se por fazer uso de um instrumento ainda não adaptado ao Brasil, buscando fornecer para pesquisas futuras um leque maior de medidas que avaliem o construto em questão, além de possibilidade análises entre tais escalas,

visando investigar a validade de construto. Dentre as opções, escolheu-se a Escala de Qualidade da Amizade (EQA, Bukowski et al., 1994). A mesma avaliar as percepções reais dos sujeitos acerca das relações de amizade e não conceitos meramente abstratos deste tipo de vínculo. Além disso, se apresenta parcimoniosa, ou seja, contém os principais aspectos da Qualidade da Amizade em um número menor de descritores. E por fim, exibir parâmetros psicométricos satisfatórios no contexto de origem.

Frente a isto, a pesquisa tem como objetivo adaptar e reunir evidências de validade e confiabilidade dessa medida para o contexto brasileiro. Para alcançar a meta, foram realizados dois estudos: o primeiro, no qual será descrito os processos de adaptação e análise exploratória dos dados; e o segundo, focado em confirmar a estrutura fatorial apontada pela pesquisa anterior, além de compará-la com o modelo pentafatorial, encontrada pelos seus desenvolvedores (Bukowski et al., 1994), visando chegar ao final a uma estrutura que melhor se ajuste ao contexto brasileiro.

Estudo I – Adaptação e Validação da Escala de Qualidade da Amizade

O primeiro estudo objetivou traduzir a Escala de Qualidade da Amizade (EQA) ao contexto brasileiro, visando concomitantemente reunir evidências de sua validade de construto (estrutura fatorial e consistência interna).

Método

Participantes

Este estudo contou com uma amostra não probabilística, reunindo 427 discentes de graduação de universidades públicas das cidades de Parnaíba (47,1%) e Teresina (52,9%), com idades variando de 18 a 50 anos ($M = 21,59$; $DP = 4,48$), sendo a maioria do sexo feminino (61,4%), solteira (89, 0%), católica (48, 5%), com o sentimento de pertença às classes sociais

média baixa (42,6%) e média (40,5%), e frequentadores de instituições públicas de ensino superior (89,7%). Os cursos que mais contribuíram com o estudo foram: Psicologia (17,8%), Biologia (14,1%), Pedagogia (8,9%) e Fisioterapia (7,0%).

Instrumentos

Os participantes responderam um caderno de resposta contendo as seguintes escalas:

Escala de Qualidade da Amizade (EQA): este instrumento foi construído por Bukowski et al. (1994). O mesmo é composto por 23 itens, organizados em cinco dimensões, a saber, proximidade, segurança, ajuda, companheirismo e conflito. Os participantes responderam a medida informando o grau com que cada um dos itens descrevia ou não a sua relação de amizade, empregando uma escala de cinco pontos, com os seguintes extremos: 1 (*Não descreve em nada a minha relação*) e 5 (*Descreve totalmente a minha relação*). A EQA apresentou em sua versão original alfas de *Cronbach* variando de 0,71 (Segurança e Companheirismo) a 0,86 (Proximidade).

Questionário Sociodemográfico: questionário utilizado com o objetivo de caracterizar a amostra, no que diz respeito à algumas variáveis (e.g., idade, sexo, estado civil, curso, período frequentado e renda).

Procedimentos

Para garantir que a pesquisa se encontra dentro dos limites estabelecidos pelas resoluções que regem pesquisas com seres humanos, o projeto da mesma foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/CCS/UFPB. E somente após a sua aprovação (CAAE: 73315917.2.0000.5188), deu-se início a coleta de dados e os demais procedimentos.

Buscando tornar a pesquisa viável, primeiramente a EQA passou por uma tradução minuciosa (inglês-português). Para isto, utilizou-se a técnica de *backtranslation* (Pasquali, 2010); que consiste na tradução da escala do inglês para o português do Brasil, e em seguida deste idioma para o inglês. Esse procedimento contou com o auxílio de três proficientes em ambos os idiomas, visando garantir que esta etapa fosse encerrada de forma primorosa. O vocabulário do instrumento também passou por uma sutil modificação, buscando encaixar os termos utilizados á população alvo do estudo. Como por exemplo, ao invés de usar a palavra escola optou-se pela palavra faculdade, garantindo assim que o processo de adaptação fosse completo.

Outros cuidados foram tomados, como verificação da inteligibilidade dos descritores pela a população de interesse da pesquisa (Análise Semântica; Pasquali, 2006). Para isso, contou-se com a colaboração de 20 estudantes universitários, sendo 10 do primeiro período e outros 10 que se encontravam no estágio final do seu curso. Após garantir a compreensão dos itens, entrou-se em contato com as pessoas que se encaixavam no perfil amostral, solicitando a estas que respondessem os instrumentos.

Na coleta foi informado o caráter voluntário e garantia do anonimato da identidade e das respostas dadas, além de assegurar o respeito à Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta pesquisas com seres humanos no Brasil. Os sujeitos responderam os questionários somente depois de assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes levaram aproximadamente 10 minutos para responder ao questionário.

Análise dos Dados

Os dados foram tabulados pelo *software IBM SPSS*, versão 21, o qual auxiliou também a realização de análises descritivas. O programa *Factor 10.4* (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2016),

por sua vez, foi empregado para executar Análises Fatoriais Exploratórias (AFE), com o método de extração *Unweighted Least Squares* (ULS), considerando correlações policóricas e rotação *Normalized Varimax*. Para auxiliar na retenção de fatores, utilizou-se o método Hull (Ceulemans & Kiers, 2006). O mesmo programa foi utilizado para verificar a consistência interna da medida, por meio do cálculo do coeficiente alfa de *Cronbach*.

Resultados

Buscando alcançar os objetivos traçados, a princípio, conferiu-se a adequação dos dados à análise fatorial por meio do teste *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e do teste de esfericidade de *Bartlett*. O primeiro forneceu um valor de 0,90, considerado excelente (Hutcheson & Sofroniou, 1999). O segundo, por sua vez, apresentou os valores $\chi^2(253) = 3.911,9$; $p < 0,001$, refutando a hipótese de que a matriz de covariância é similar a uma matriz de identidade e confirmando a utilização da AFE nos dados coletados.

A primeira AFE apontou uma solução fatorial de cinco fatores com autovalores $> 1,0$, os quais explicaram juntos 60% da variação total. No entanto, o método Hull (Ceulemans & Kiers, 2006), deu suporte à retenção de apenas um fator. Em seguida, realizou-se uma nova AFE fixando um único fator. Esta revelou que os itens 1, 7, 12, 16 e 23 apresentavam cargas fatoriais abaixo de 0,30, ou seja, inferior ao ponto de corte sugerido (Pasquali, 2010), optando-se assim, pela exclusão deles. Essa decisão ocasionou a eliminação de um descritor da dimensão *Segurança* e de todos aqueles que compõem a dimensão *Conflito*. Por fim, realizou uma terceira AFE visando conhecer a estrutura resultante da medida, bem como suas cargas fatoriais, comunalidades e o alfa de *Cronbach*. Estas informações podem ser visualizadas na Tabela 1.

Tabela 1

Matriz de Cargas Fatoriais e Comunalidades da EQA

Itens	Fator	h ²
11. Se o(a) meu(minha) amigo(a) tivesse que se afastar de mim, eu sentiria sua falta.	0,79	0,63
15. Se eu tenho um problema na faculdade ou em casa, eu posso falar com meu(minha) amigo(a) sobre isso.	0,79	0,59
04. Sinto-me feliz quando estou com meu(minha) amigo(a).	0,78	0,60
09. Às vezes meu(minha) amigo(a) faz coisas por mim, ou faz com que eu me sinta especial.	0,75	0,56
13. Quando eu faço um bom trabalho em alguma coisa, meu(minha) amigo(a) fica feliz por mim.	0,74	0,54
08. Meu(minha) amigo(a) me ajuda quando eu estou tendo problema com alguma coisa.	0,73	0,53
18. Se há algo me incomodando, eu posso dizer ao(à) meu(minha) amigo(a) sobre isso, mesmo que seja algo que eu não possa contar a outras pessoas.	0,72	0,52
19. Meu(minha) amigo(a) me defenderia se outra pessoa estivesse me causando problemas.	0,72	0,51
21. Se eu esquecer meu almoço ou precisar de um pouco de dinheiro, meu(minha) amigo(a) me ajudaria.	0,7	0,48
03. Meu(minha) amigo(a) me ajudaria caso eu precisasse.	0,69	0,47
06. Se outras pessoas estivessem me incomodando, meu(minha) amigo(a) me ajudaria.	0,67	0,44
20. Se eu e meu(minha) amigo(a) temos uma briga ou discussão, podemos pedir desculpas e tudo ficará bem.	0,66	0,43
17. Meu(minha) amigo(a) pensa em coisas divertidas para fazermos juntos.	0,63	0,39
10. Se eu e meu(minha) amigo(a) fazermos alguma coisa que incomoda um(a) ao outro(a), nós podemos facilmente nos reconciliar.	0,61	0,37
14. Eu penso no(a) meu(minha) amigo(a) mesmo quando ele(a) não está por perto.	0,57	0,32
02. Às vezes, meu(minha) amigo(a) e eu, apenas sentamos e conversamos sobre questões acadêmicas, esportes e coisas que gostamos.	0,46	0,21
22. Meu(minha) amigo(a) e eu gastamos todo o nosso tempo livre juntos.	0,46	0,21
05. Meu(minha) amigo(a) e eu vamos para a casa um(a) do(a) outro(a) depois das aulas e nos fins de semana.	0,38	0,14
Número de Itens		18
Variância Comum Explicada (%)		47%
Alfas de <i>Cronbach</i>		0,93
Valor Próprio		8,42

A Tabela 1 exibe uma estrutura unifatorial composta por 18 itens, com cargas fatoriais variando entre 0,38 (Item 22: *Meu(minha) amigo(a) e eu gastamos todo o nosso tempo livre juntos*) e 0,79 (Item 11: *Se o(a) meu(minha) amigo(a) tivesse que se afastar de mim, eu sentiria sua falta*; e o Item 15: *Se eu tenho um problema na faculdade ou em casa, eu posso falar com*

meu(minha) amigo(a) sobre isso), explicando 47% da variância total e com uma consistência interna de 0,93. Sendo este indicador considerado excelente (Marôco, 2014).

Estudo II – Confirmação da Estrutura Fatorial da Escala de Qualidade da Amizade

No Estudo I, foi possível obter evidências preliminares da estrutura da Escala de Qualidade da Amizade (EQA), a qual apontou uma organização unifatorial dos itens. Neste estudo, foram levados em consideração os achados anteriores e procuraram-se novas evidências da adequação estrutural da EQA; além de comparar o modelo unifatorial com o pentafatorial sugerido na versão original, visando chegar, no final, ao modelo mais adequado no contexto nacional.

Método

Participantes

A amostra do presente estudo foi composta por 401 estudantes de graduação de instituições públicas (50,4 %) e privadas (49,1%) do Estado da Paraíba [João Pessoa (50,3%) e Cajazeiras (49,7%)], selecionados por conveniência (amostragem não probabilística). A média de idades dos participantes foi de 20 anos ($DP = 4,83$; amplitude de 17 a 54). Destaca-se, ainda, que a maioria foi do sexo feminino (65,4%), solteira (91,0 %), católica (54,2%) e com o sentimento de pertença a classe média (59,9%). Os cursos que mais contribuíram com o estudo foram: Psicologia (46,6%), Engenharia Mecânica (16,5%) e Engenharia Química (11,3 %).

Instrumentos

Os participantes responderam a um questionário impresso contendo a Escala de Qualidade da Amizade, em sua versão completa. Essa decisão foi tomada, visando comparar a

estrutura unifatorial com aquela pentafatorial, encontrada pelos seus construtores (Bukowski et al., 1994), e um questionário sociodemográfico, como descrito anteriormente.

Procedimentos

Esta etapa, assim como a anterior, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/CCS/UFPB, (CAAE: 73315917.2.0000.5188). Os pesquisadores entraram em contato com alunos do nível de graduação, provenientes de instituições públicas e privadas, do Estado da Paraíba. Os sujeitos foram convidados a colaborar com a pesquisa respondendo a um questionário contendo os instrumentos informados.

Antes de registrar suas respostas, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), os quais lhes informavam sobre o caráter voluntário e a garantia do anonimato de suas opiniões assinaladas. Após a concordância com o TCLE, os sujeitos responderam ao questionário, levando, aproximadamente, 10 minutos para concluí-lo. Ressalta-se que este estudo atendeu a todos os pré-requisitos presentes na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta as pesquisas com seres humanos no Brasil.

Análise dos dados

Para tabulação e análise descritiva dos dados foi utilizado o *software IBM SPSS*, versão 21. Posteriormente, por meio do *software R* e o pacote estatístico *lavaan* (Rosseel, 2012), o conjunto final de itens foi avaliado a partir de uma Análise Fatorial Confirmatória (AFC) com o estimador *Weighted Least Squares Mean- and Variance-adjusted (WLSMV)* (Muthén, Du Toit, & Spisic, 1997). Visando verificar a qualidade de ajuste do modelo unifatorial da EQA, foram levados em consideração os seguintes indicadores de ajustes:

χ^2 (*Qui-Quadrado*). Informa se o modelo teórico se ajusta aos dados, caso apresente um valor significativo indicará uma inadequação. Vale destacar que este índice sofre impacto negativo quanto a grandes amostras ($n > 200$) e que sozinho tem pouco valor (Thompson, 2004).

χ^2/gl (*Razão entre Qui-Quadrado e Graus de Liberdade*). Este indicador é menos sensível ao tamanho da amostra e tem sido utilizado, com frequência, para comparar o nível de ajuste de modelos alternativos (Garson, 2003). Apesar de não existir uma concordância quanto ao valor exato sobre a adequação de um modelo, tem-se aceitado a recomendação de valores entre 2 e 3, preferencialmente, admitindo-se até 5 (Byrne, 2009).

CFI (*Comparative Fit Index*). Compreende um indicador comparativo, adicional, de ajuste do modelo. Este indicador é independente do tamanho amostral, no entanto, o acréscimo do número de variáveis com correlação não muito fortes em amostras pequenas apresenta a tendência de reduzi-lo (Marôco, 2014). Seus valores variam de zero (ajuste nulo) a um (ajuste perfeito), sendo admitidos valores próximos ou superiores a 0,90 como indicativo de ajuste aceitável (Byrne, 2009; Hair et al., 2009).

TLI (*Tucker-Lewis Index*). Este indicado é similar ao CFI, porém se distinguem pelo fato do TLI penalizar menos a qualidade do ajustamento pela complexidade do modelo em relação ao CFI (Marôco, 2014). Idealmente, valores maiores que 0,90 são desejáveis (Bentler & Bonett, 1980).

SRMR (*Standardized Root Mean Square Residual*). Trata-se do valor padronizado do estimador RMR (*Root Mean Residual*), cujo é a raiz quadrada da média dos quadrados dos resíduos. Destaca-se que quanto menor os valores de ambos indicadores, melhor será o ajustamento, sendo aceitáveis até 0,05 (Hair et al., 2009).

RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Approximation*). Este leva em conta intervalo de confiança de 90% (IC90%), referindo-se aos residuais entre o modelo teórico estimado e os dados empíricos obtidos. Com relação aos valores deste indicador é recomendável que o

RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, admitindo-se até 0,10 como referência de um modelo aceitável (Byrne, 2009; Tabachnick & Fidell, 2013).

Por fim, vale destacar que a fidedignidade foi averiguada por meio do alfa de *Cronbach* e a Confiabilidade Composta (CC). O primeiro pode variar de 0 a 1, sendo considerados aceitáveis valores acima de 0,70 (George & Malley, 2002). O segundo foi incorporado, em virtude de o mesmo apresentar um rigor maior, quando comparada com o primeiro; para sua interpretação são aceitos valores superiores a 0,70 (Hair et al., 2009).

Resultados

Com base nos achados exploratórios do Estudo I, buscou-se nesta pesquisa avaliar a qualidade do ajustamento do modelo unifatorial da EQA; partindo do pressuposto que os 18 itens da medida saturam em um mesmo fator. Entretanto, visando fornecer ao contexto brasileiro uma medida como melhor estrutura interna, buscou-se, comparar o modelo unifatorial, anteriormente apresentada, com aquela, pentafatorial, encontrada pelos seus criadores (Bukowski et al., 1994). Para isso, realizaram-se Análises Fatoriais Confirmatórias com o estimador WLSMV, o qual é apontado por Li (2014) como responsável por render estimativas de cargas fatoriais mais precisas quando se trata de dados categóricos.

O modelo unifatorial apresentou os seguintes indicadores: $\chi^2 (135) = 160,44$, $p = 0,06$, $\chi^2/gl = 1,18$, CFI = 0,99, TLI = 0,99, SRMR = 0,05, RMSEA = 0,05 (IC 90% = 0,047 - 0,064). Quanto aos pesos de regressão, os mesmos foram estatisticamente significativos ($t > 1,96$; $p < 0,05$), variando de 0,31 [Item 22. *Meu(minha) amigo(a) e eu gastamos todo o nosso tempo livre juntos*] a 0,72 [Item 13. *Quando eu faço um bom trabalho em alguma coisa, meu(minha) amigo(a) fica feliz por mim*]. O Alfa de *Cronbach* foi de 0,91 e CC de 0,92, sendo o mesmo ilustrado na Figura 1.

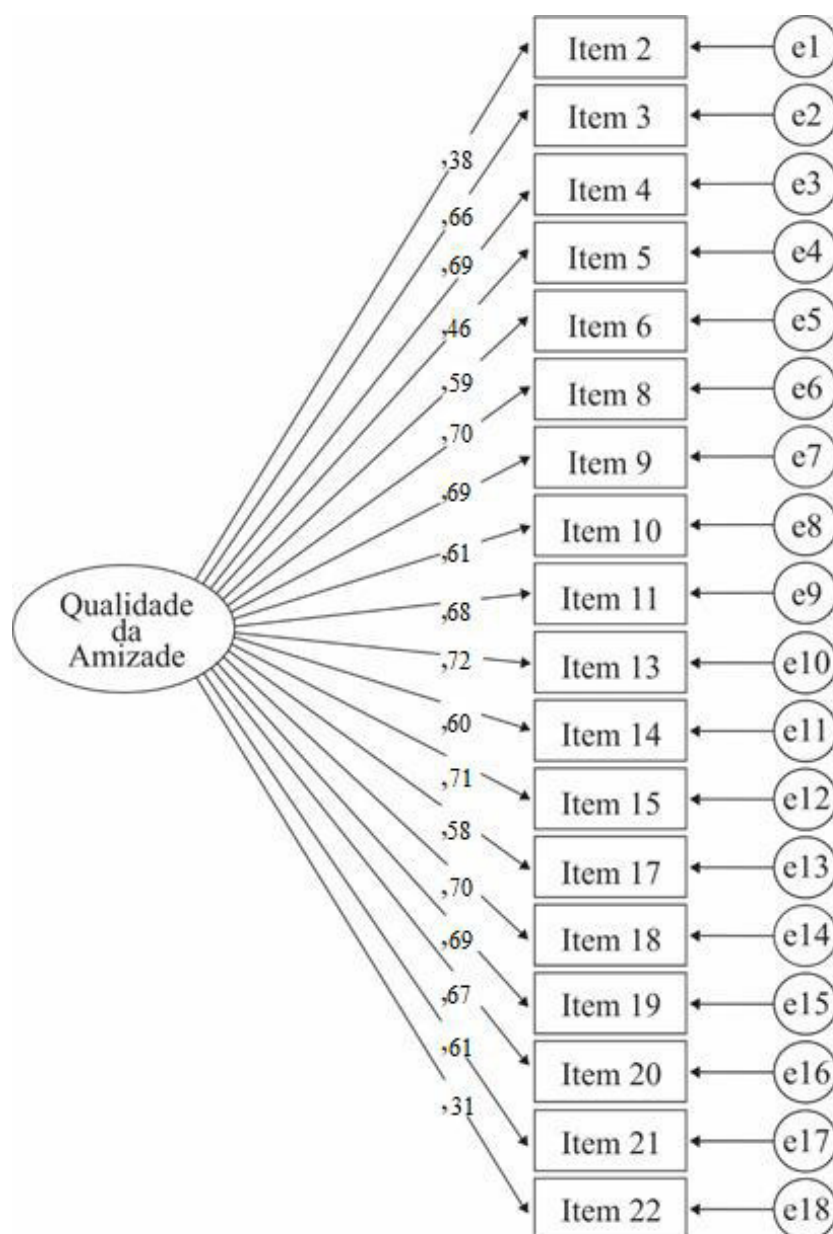


Figura 1. Estrutura Fatorial da Escala de Qualidade da Amizade

O modelo Pentafatorial, por sua vez, exibiu os seguintes indicadores de ajuste: χ^2 (220) = 321,58, $p < 0,001$, $\chi^2/\text{gl} = 1,46$, CFI = 0,98, TLI = 0,98, SRMR = 0,05, RMSEA = 0,05 (IC 90% = 0,047 - 0,060). As cargas fatoriais variaram entre 0,05 [Item 23. *Meu(minha) amigo(a) e eu discutimos muito*] a 0,77 [Item 18. *Se há algo me incomodando, eu posso dizer ao(à) meu(minha) amigo(a) sobre isso, mesmo que seja algo que eu não possa contar a outras pessoas*], sendo da dimensão conflito e segurança, respectivamente. Vale destacar ainda que a

maioria dos pesos de regressão foram estatisticamente significativos ($t > 1,96$; $p < 0,05$), exceto aqueles dos Itens 12 e 23, ambos da dimensão conflito. Os alfas de *Cronbach* e a CC de cada fator foram: Companheirismo ($\alpha = 0,55$; CC = 0,56), Conflito ($\alpha = 0,49$; CC = 0,24), Ajuda ($\alpha = 0,82$; CC = 0,82), Segurança ($\alpha = 0,57$; CC = 0,78), e Proximidade ($\alpha = 0,83$; CC = 0,83). No entanto, o modelo unifatorial mostrou-se estatisticamente superior [$\chi^2(85) = 119,72$, $p < 0,01$].

A fim de reunir evidências adicionais para tal conclusão, executou-se uma análise de correlação (r de Pearson), visando tomar conhecimentos das relações existentes entre as cinco dimensões da EQA. Os resultados podem ser visualizados na Tabela 2.

Tabela 2

Correlatos entre os fatores da EQA

	1	2	3	4	5
1					
2	0,19**				
3	0,54**	0,08			
4	0,53**	0,21**	0,64**		
5	0,58**	0,13*	0,74**	0,65**	

Nota. * $p < 0,05$; ** $p < 0,001$; 1. Companheirismo; 2. Conflito; 3. Ajuda; 4. Segurança; 5. Proximidade.

A Tabela 2 permite constatar que o fator Conflito apresentou correlações positivas e significativas com Companheirismo ($r = 0,19$; $p < 0,001$), Segurança ($r = 0,21$; $p < 0,001$) e Proximidade ($r = 0,13$; $p = 0,01$), apenas. Entretanto, os demais fatores apresentam coeficientes de correlações (positivos e significativos) altos entre si, os quais variam entre 0,53 (Companheirismo Segurança) e 0,74 (Ajuda e Proximidade). Tais resultados apontam, portanto, que as dimensões seguem um mesmo direcionamento, exceto o fator Conflito, o qual apresenta correlações singelas com os outros, quando comparadas com os demais coeficiente, e correlações não significativa com o fator Ajuda.

Discussão

O processo de adaptação e validação da Escala de Qualidade da Amizade (EQA, Bukowski et al., 1994) ao contexto brasileiro envolveu dois estudos. O primeiro teve como foco traduzir e reunir evidências de validade de construto (estrutura fatorial e consistência interna). Acredita-se que esses objetivos foram alcançados.

A análise fatorial exploratória apontou uma estrutura unifatorial por meio do critério de *Hull*, que tem apresentado um desempenho mais satisfatório quando comparado com outros (*e.g.*, *scree plot*; Análise Paralela; *Minimum Average Partial*, Damásio, 2012). Visando alcançar a melhor estrutura e adequação da escala, optou-se pela exclusão de cinco itens, sendo um da dimensão *Segurança* (Item 7) e quatro da dimensão *Conflito* (Item 1, Item 12, Item 16, Item 23); eliminando, assim, todos os itens que compõem este último fator. Ressalta-se que os itens da dimensão conflito já vinham apresentando problemas em adaptações realizadas em outros países, a exemplo da Turquia, cujos especialistas optaram pela exclusão do item de 16 em virtude de o mesmo não se apresentar claro (Atik, Çok, Çoban, Dogan, & Karaman, 2014).

Crê-se que a não saturação dos itens de *Conflito* no fator geral se deve a incompatibilidade com a definição teórica do construto Qualidade da Amizade, uma vez que esta é entendida como um comportamento pró-social marcado por altos níveis de características positivas (Thien & Razak, 2013), a exemplo de intimidade e apoio (Berndt, 2002).

O conflito poderia ser discutido dentro do construto Qualidade da Amizade, se estivesse direcionado para a resolução dessa subversão, ou seja, após um desentendimento os envolvidos no relacionamento de amizade direcionariam energias e esforços mirando sanarem o conflito existente e reestabelecerem à harmonia do vínculo (Parker & Asher, 1993). Contudo, os itens representantes da dimensão *Conflito* não deixam claro essa ideia, como pode ser percebido no Item 16, o qual é descrito da seguinte forma: *Eu posso brigar com meu(minha) amigo(a)*. O mesmo deixa clara a existência de um conflito, contudo, não anuncia empenhos para a sua

resolução. Portanto, a exclusão de todos os itens da dimensão *Conflito* contribui para a validade do instrumento, dando suporte para que a medida mensure o que realmente se propõe medir (Pasquali, 2010).

Os demais itens das dimensões *Proximidade*, *Segurança*, *Ajuda* e *Companhia* apresentaram saturações acima do recomendado, contribuindo para uma configuração unifatorial da EQA. Essa estrutura é compreensível em virtude da semelhança da conceituação teórica de cada dimensão, a saber: a *Proximidade*, definida como um elemento essencial para construção e solidificação da amizade (Bukowski & Hoza, 1989), pois remete ao sentimento de intimidade, aceitação e apego (Rutter, 1989); a *Segurança*, propriedade importante para manutenção de vínculos, a qual se refere à crença de que um amigo é confiável; a *Ajuda*, diz respeito a assistência de recursos materiais e apoio emocional quando forem necessários; e a *Companhia*, refere-se ao tempo e as atividades compartilhadas pelos amigos, indicando o nível de proximidade de uma amizade (Bukowski & Hoza, 1989).

Assim, pôde-se constatar que todas as dimensões relatadas convergiam em uma única direção, apresentando magnitude das cargas fatoriais e variância explicada como indicadores de validade para a EQA. Isso mostra que a estrutura encontrada não corrobora com aquela apresentada por Bukowski e Hoza (1989), os quais acharam uma organização fatorial composta por cinco dimensões.

Apesar dessa divergência, é importante destacar que os achados não são de todo surpreendentes. Isso por quê as dimensões propostas por esses autores tem o mesmo direcionamento e mensuram o mesmo construto, que é a Qualidade da Amizade. Em concordância com isso, o fator geral encontrado, apresentou consistência interna acima do recomendado pela literatura (0,91; Nunnally, 1991), sendo, inclusive superior ao modelo penta-fatorial encontrado por Bukowski e Hoza (1989) no estudo de desenvolvimento da EQA

[Proximidade ($\alpha = 0,77$); Segurança ($\alpha = 0,71$); Ajuda ($\alpha = 0,73$); Conflito ($\alpha = 0,77$); e Companhia ($\alpha = 0,71$)], revelando-se uma estrutura bem mais fidedigna que a original.

O segundo estudo, por sua vez, teve como objetivo reunir evidência que dessem suporte a estrutura da EQA exibida no primeiro estudo; além de comparar com a estrutura original (Bukowski et al., 1994), a fim de dirimir dúvidas sobre qual o modelo que melhor se adequa ao contexto brasileiro. Acredita-se que as metas tenham sido alcançadas, uma vez que os dados permitiram comparar os modelos unifatorial e penta-fatorial, concluindo ao final, que o primeiro é aquele que apresenta os melhores indicadores de ajustes (Marôco, 2010), ratificando, assim, a unidimensionalidade do instrumento encontrada no Estudo I.

A estrutura unifatorial, aqui encontrada, apresentou índices de ajustes superiores, quando comparados com outros estudos que testavam a adequação do modelo penta-fatorial (Allès-Jardel, Fourdrinier, Roux, & Schneider, 2002; Ponti, Guarnieri, Smort, & Tani, 2010). Para exemplificar, os CFIs expostos por Allès-Jardel et al. (2002) e Ponti et al. (2010) foram, respectivamente, 0,93 e 0,91, ao passo que a estrutura unidimensional alcançou um valor de 0,99. A estrutura de um fator também foi apoiada pela análise de correlação realizada entre as dimensões originais EQA, uma vez que houve relações expressivas entre Proximidade, Segurança, Ajuda e Companhia, sendo estas aquelas que formam a estrutura unifatorial aqui encontrada.

Quanto à precisão da medida, composta por um único fator, foi possível constatar alfa de Cronbach de 0,91 e CC de 0,92, estes considerados acima do aceitável pela literatura (George & Malley, 2002; Hair et al., 2009; Zanon & Filho, 2015), sendo, inclusive, superior aqueles encontrados pelo estudo original (Bukowski et al., 1994), o qual apresentou alfas variando entre 0,71 (Companheirismo e Segurança) e 0,86 (Proximidade), e daqueles exibidos pelas versões: turca (Atik et al., 2014), com amplitude de 0,66 (Companheirismo) e 0,83 (Proximidade); e italiana (Ponti et al., 2010), com variabilidade entre 0,62 (Companheirismo) e 0,82 (Ajuda).

Considerações Finais

Diante das constatações e comparações, pode-se concluir que o estudo chegou ao seu fim alcançando o seu objetivo inicial o qual se configura na adaptação e validação da EQA para o contexto brasileiro. Contudo, assim como a grande parte das pesquisas, essa também apresenta algumas limitações.

Por exemplo, a influência da desejabilidade social sobre os dados informados; e impossibilidade de generalização para a população geral, em virtude da pesquisa se utilizar de uma *amostra por conveniência*, não permitindo estender os resultados, nem mesmo, para o grupo do qual a amostra foi extraída, e uso de uma *amostragem específica*, já que se teve como colaboradores apenas estudantes universitários de capitais e interiores de dois estados do Brasil.

Por fim, há de se destacar que as divergências encontradas nesse estudo em relação à estrutura fatorial sugerida não desmerecem os achados, e tampouco inviabilizam a utilização desta medida para fins de pesquisa. Pelo contrário, o presente estudo propõe uma medida unidimensional e com indicadores de validade e precisão bem melhores que aqueles encontrados na a versão original. A grande implicação disso é mais meritória do que a afirmação contrária, já que a unidimensionalidade favorece um dos principais propósitos da psicometria que é a parcimônia, ou seja, dar o máximo de explicação com o mínimo possível.

Referências

- About, F., Mendelson, M., & Purdy, K. (2003). Cross-race peer relations and friendship quality. *International Journal of Behavioral Development*, 27(2), 165-173.
- Allès-Jardel, M., Fourdrinier, C., Roux, A., & Schneider, B. H. (2002). Parents' structuring of children's daily lives in relation to the quality and stability of children's friendships. *International Journal of Psychology*, 37, 65-73.

- Atik, Z. E., Çoban, A. E., Çok, F., Doğan, T., & Karaman, N. G. (2014). Akran İlişkileri Ölçeği'nin Türkçeye uyarlanması: Geçerlik ve güvenirlik çalışması. *Kuram ve Uygulamada Eğitim Bilimleri*, 14, 433-446.
- Bagwell, C. L., Bender, S. E., Andreassi, C. L., Kinoshita, T. L., Montarello, S. A., & Muller, J. G. (2005). Friendship quality and perceived relationship changes predict psychosocial adjustment in early adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 235-254.
- Barth, R. J., & Kinder, B. N. (1988). A theoretical analysis of sex differences in same-sex friendships. *Sex Roles*, 19, 349-363.
- Bentler, P. M., & Bonett, D. G. (1980). Significance tests and goodness-of-fit in the analysis of covariance structures. *Psychological Bulletin*, 88, 588-606.
- Berndt, T. J. (2002). Friendship quality and social development. *Current directions in psychological science*, 11, 7-10.
- Berndt, T. J., Hawkins, J. A., & Jiao, Z. (1999). Influences of friends and friendships on adjustment to junior high school. *Merrill-Palmer Quarterly*, 45, 13-41.
- Berndt, T. J., & Perry, T. B. (1986). Children's perceptions of friendships as supportive relationships. *Developmental psychology*, 22, 640-648.
- Bukowski, W. M., & Hoza, B. (1989). Popularity and friendship: Issues in theory, measurement and outcome. In T. J. Berndt & G. W. Ladd (Eds.), *Peer relationships in child development* (pp. 15-45). Oxford: Wiley & Sons.
- Bukowski, W. M., Hoza, B., & Boivin, M. (1994). Measuring friendship quality during pre-and early adolescence: The development and psychometric properties of the Friendship Qualities Scale. *Journal of social and Personal Relationships*, 11, 471 - 484.
- Byrne, B. M. (2009). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.

- Ceulemans, E. & Kiers, H. A. L. (2006). Selecting among three-mode principal component models of different types and complexities: A numerical convex hull based method. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 59, 133-150.
- Coleman, J. C. (1974). *Relationships in adolescence*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11, 213-228.
- Davies, B. (1984). *Life in the classroom and playground*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2016). A note on improving EAP trait estimation in oblique factor-analytic and item response theory models. *Psicológica*, 37, 235-247.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). Children's perceptions of the personal relationships in their social networks. *Developmental psychology*, 21(6), 1016-1024.
- Garson, G.D. (2003). *PA 765 Statnotes: An online textbook*. Recuperado de: <<http://www2.chass.ncsu.edu/garson/pa765/statnote.htm>>. Acesso em: 20 maio 2017.
- George, D., & Mallery, P. (2002). *SPSS for Windows step by step: a simple guide and reference*. 11.0 update (4^a ed.). Boston: Allyn e Bacon.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.
- Hutcheson, G. D. & Sofroniou, N. (1999). *The multivariate social scientist: Introductory statistics using generalized linear models*. London: Sage Publications.
- Kelley, H. H., Berscheid, E., Christensen, A., Harvey, J. H., Huston, T. L., Levinger, G., ... & Peterson, D. R. (1983). *Close relationships* (pp. 265-314). New York: Freeman.
- Ladd, G. W., Kochenderfer, B. J., & Coleman, C. C. (1996). Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. *Child development*, 67, 1103-1118.
- Li, C. H. (2014). *The performance of MLR, USLMV, and WLSMV estimation in structural regression models with ordinal variables*. East Lansing, MI: Michigan State University.

- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 31, 130-132.
- Morry, M. M., & Kito, M. (2009). Relational-interdependent self-construal as a predictor of relationship quality: The mediating roles of one's own behaviors and perceptions of the fulfillment of friendship functions. *The Journal of social psychology*, 149(3), 305-322.
- Muthén, B., Du Toit, S. H. C., & Spisic, D. (1997). Robust inference using weighted least squares and quadratic estimating equations in latent variable modeling with categorical and continuous outcomes. *Non-published technical report*.
- Neves, C. I. C., & Pinheiro, M. D. R. M. (2009). A qualidade dos relacionamentos interpessoais com os amigos: adaptação e validação do Quality of Relationships Inventory (QRI) numa amostra de estudantes do ensino superior. *Exedra: Revista Científica*, 1(2), 9-32.
- Nezlek, J. B., Imbrie, M., & Shean, G. D. (1994). Depression and everyday social interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 1101–1111.
- Nunnally, J. C. (1991). *Teoria psicométrica*. México: Trilhas.
- Özen, A., Sümer, N., & Demir, M. (2011). Predicting friendship quality with rejection sensitivity and attachment security. *Journal of Social and Personal Relationships*, 28(2), 163-181.
- Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental psychology*, 29, 611-621.
- Pasquali, L. (2009). *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Vozes.

- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Pierce, G. R., Sarason, I. G., & Sarason, B. R. (1991). General and relationship-based perceptions of social support: Are two constructs better than one? *Journal of personality and social psychology*, 61(6), 1028-1039.
- Ponti, L., Guarnieri, S., Smorti, A., & Tani, F. (2010). A measure for the study of friendship and romantic relationship quality from adolescence to early-adulthood. *The Open Psychology Journal*, 3, 76-87.
- Rosseel, Y. (2012). Lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling. *Journal of Statistical Software*, 48, 1-36.
- Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Parker, J. G. (1998). Peer interactions, relationships, and groups. In W. Damon (series ed.) & N. Eisenberg (vol. ed.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (5th ed.). New York: Wiley.
- Rutter, M. (1989). *Presentation at the Pre-SRCD conference on peer relations*, Kansas City, Missouri.
- Souza, L. K. D., & Hutz, C. S. (2007). A Qualidade da Amizade: Adaptação e validação dos questionários McGill. *Aletheia*, 25, 82-96.
- Uchino, B. N., Uno, D., & Holt-Lunstad, J. (1999). Social support, physiological processes, and health. *Current Directions in Psychological Science*, 8, 145-148.
- Voss, K., Markiewicz, D., & Doyle, A. B. (1999). Friendship, marriage and self-esteem. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16, 103-122.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics*. Boston, MA: Allyn & Bacon.

- Thien, L. M., & Razak, N. A. (2013). Academic coping, friendship quality, and student engagement associated with student quality of school life: A partial least square analysis. *Social Indicators Research*, 112, 679-708.
- Thompson B. (2004). *Exploratory and confirmatory factor analysis: understanding concepts and applications*. Washington: American Psychological Association.
- Tillfors, M., Persson, S., Willén, M., & Burk, W. J. (2012). Prospective links between social anxiety and adolescent peer relations. *Journal of adolescence*, 35, 1255-1263.
- Walen, H. R., & Lachman, M. E. (2000). Social support and strain from partner, family, and friends: Costs and benefits for men and women in adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 17, 5-30.
- Weiss, M. R., & Smith, A. L. (1999). Quality of youth sport friendships: Measurement development and validation. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 21(2), 145-166.
- Zanon, C., & Filho, N. (2015). Fidedignidade. Em C. S. Hutz, D. R. Bandeira & C. M. Trentini (Eds.). *Psicometria*. (pp. 85-97). Porto Alegre: Artmed.

ARTIGO 2

Escala de Intimidade da Amizade: Adaptação e Evidências Psicométricas

Friendship Intimacy Scale: Adaptation and Psychometric Evidence

Título Abreviado: Escala de Intimidade da Amizade

Bruna de Jesus Lopes

Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

ESCALA DE INTIMIDADE DA AMIZADE: ADAPTAÇÃO E EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS

Resumo. O objetivo deste artigo consistiu em disponibilizar uma medida com bons parâmetros psicométricos ao contexto brasileiro, que mensurasse a intimidade dentro dos relacionamentos de amizade. Para alcançá-lo, foram realizados dois estudos. O Estudo I buscou adaptar a Escala de Intimidade da Amizade (EIA) e reunir evidência de sua validade de construto. Fez-se uso de uma amostra por conveniência, coletada em duas cidades do Piauí, a saber, Parnaíba (47,1%) e Teresina (52,9%), totalizando 427 graduandos, com média idade de 21,59 ($DP = 4,48$) e intervalo entre 18 e 50 anos. Estes responderam um caderninho contendo a EIA e um questionário sociodemográfico. As Análises Fatoriais Exploratórias, realizadas por meio do *software* Factor 10. 4, as quais apontaram uma estrutura unifatorial, foi composta por 29 itens, com $\alpha = 0,91$. O Estudo II visou reunir evidências que corroborasse a estrutura anteriormente apontada. Para isso, contou-se com uma amostra não probabilística, composta por 401 graduandos, com média idade de 20 anos ($DP = 4,83$; amplitude de 18 e 54). Os mesmos eram provenientes das cidades de João Pessoa (50,3%) e Cajazeiras (49,7%), ambas localizadas no Estado da Paraíba. Os questionários não se diferenciaram daqueles aplicados no Estudo I. A Análise Fatorial Confirmatória foi realizada por meio do *software* R, a qual apontou bons índices de ajustes [$\chi^2(377) = 532,18$, $\chi^2/gl = 1,41$, $p < 0,001$, CFI = 0,98, TLI = 0,97, SRMR = 0,05 e RMSEA = 0,03 (IC90% = 0,02-0,04)] e um alfa de *Cronbach* de 0,90. Ademais, comparou esse modelo com o octafatorial, proposto pelo seu criador, os resultados apontaram para a superioridade da estrutura composta por um único fator [$\chi^2(25) = 46,38$, $p < 0,05$]. Diante dos achados, acredita-se que o objetivo central foi alcançado.

Palavras-Chave: Adaptação; Validade; Intimidade; Amizade.

FRIENDSHIP INTIMACY SCALE: ADAPTATION AND PSYCHOMETRIC EVIDENCE

Abstract. The general objective of this article was to provide a measure with good psychometric parameters, to the Brazilian context, that measured the intimacy within the relationships of friendship. To achieve this, two studies were conducted. The first one was to adapt the Friendship Intimacy Scale (FIS) and to gather evidence of its validity as a construct. A sample was collected for convenience, collected in two cities of Piauí, namely Parnaíba (47.1%) and Teresina (52.9%), totaling 427 graduates, with a mean age of 21.59 ($SD = 4.48$) and a range between 18 and 50 years. They answered a notebook containing the FIS and a sociodemographic questionnaire. The Factorial Exploratory Analyzes, carried out using the software Factor 10.4, which indicated a unifactorial structure, consisted of 29 items, with $\alpha = 0.91$. Study II aimed to gather evidence that corroborates the previously mentioned structure. For this, a non-probabilistic sample was composed of 401 undergraduates, with a mean age of 20 years ($SD = 4.83$, amplitude of 18 and 54). They came from the cities of João Pessoa (50.3%) and Cajazeiras (49.7%), both located in the state of Paraíba. The questionnaires did not differ from those applied in Study I. The Confirmatory Factor Analysis was performed using software R, which indicated good indexes of adjustments [$\chi^2 (377) = 532.18$, $\chi^2 / gl = 1.41$, $p < 0.001$, CFI = 0.98, TLI = 0.97, SRMR = 0.05 and RMSEA = 0.03 (IC 90% = 0.02-0.04)] and a Cronbach's alpha of 0.90. In addition, it compared this model with the eight-factor, proposed by its creator, the results pointed to the superiority of the structure composed of a single factor [$\chi^2 (25) = 46.38$, $p < 0.05$]. Given the findings, it is believed that the central objective was achieved.

Keywords: Adaptation; Validity; Intimacy; Friendship.

ESCALA DE INTIMIDAD DE LA AMISTAD: ADAPTACIÓN Y EVIDENCIAS PSICOMÉTRICAS

Resumen. El objetivo general de este artículo consistió en poner a disposición una medida con buenos parámetros psicométricos, al contexto brasileño, que midiera la intimidad dentro de las relaciones de amistad. Para alcanzarlo, se realizaron dos estudios, el primero, buscó adaptar la Escala de Intimidad de la Amistad (EIA) y reunir evidencia de su validez de constructo. Se hizo uso de una muestra por conveniencia, recogida en dos ciudades de Piauí, a saber, Parnaíba (47,1%) y Teresina (52,9%), totalizando 427 graduandos, con edad media de 21,59 (DP = 4,48) y intervalo entre 18 y 50 años. Estos respondieron un cuadernito que contenía la EIA y un cuestionario sociodemográfico. Los Análisis Factoriales Exploratorios, realizados por medio del software Factor 10. 4, las cuales apuntaron a una estructura unifactorial, contienen 29 ítems, con $\alpha = 0,91$. El Estudio II tuvo como objetivo reunir evidencias que corroboran la estructura anteriormente señalada. Para ello, se contó con una muestra no probabilística, compuesta por 401 graduandos, con edad media de 20 años (DP = 4,83, amplitud de 18 y 54). Los mismos provenían de las ciudades de João Pessoa (50,3%) y Cajazeiras (49,7%), ambas localizadas en el Estado de Paraíba. Los cuestionarios no se diferenciaron de aquellos aplicados en el Estudio I. El Análisis Factorial Confirmatorio fue realizado por medio del software R, la cual apuntó buenos índices de ajustes [$\chi^2 (377) = 532,18$, $\chi^2 / gl = 1,41$, $p < 0,001$, CFI = 0,98, TLI = 0,97, SRMR = 0,05 y RMSEA = 0,03 (IC90% = 0,02-0,04)] y un alfa de Cronbach de 0,90. Además, comparó ese modelo con el octafactorial, propuesto por su creador, los resultados apuntar a la superioridad de la estructura compuesta por un único factor [$\chi^2 (25) = 46,38$, $p < 0,05$]. Ante los hallazgos, se cree que el objetivo central fue alcanzado.

Palabras clave: Adaptación; Validez; La Intimidad; Amistad.

Introdução

O homem, segundo Erik Erikson (1987), antes de tudo, é um ser social, o qual vive em grupo e sofre, constantemente, pressão e influência do mesmo. Tomando como norte esta concepção, o autor desenvolve a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento, voltando-se para o estudo do sujeito no plano psicológico e social (Fiedler, 2016).

Nessa teoria, Erikson (1987) propõe a existência de oito estágios, nos quais uma crise pode perpassar o ego, a saber: (1) Confiança Básica x Desconfiança Básica; (2) Autonomia x Vergonha e Dúvida; (3) Iniciativa x Culpa; (4) Diligência x Inferioridade; (5) Identidade x Confusão de Identidade; (6) Intimidade x Isolamento; (7) Generatividade x Estagnação e (8) Integridade x Desespero.

Os desfechos das crises vivenciadas podem ser positivos, proporcionando o surgimento de um ego mais rico e forte, ou negativo, ocasionando a fragilização do mesmo. A passagem por todos os estágios e a superação dos conflitos permite que o homem vá se moldando, promovendo, concomitantemente, a reestruturação e reformulação da personalidade (Rabello, 2001).

Dentre os estágios aqui apresentados, o presente artigo se voltará ao sexto, Intimidade *versus* Isolamento. A identidade já definitiva e bem estruturada permite ao ser humano, nessa fase, unir sua identidade a de outra pessoa, sem apresentar, em algum momento, o sentimento de insignificância frente ao outro. Essa associação pode apresentar um caráter positivo, caso o sujeito tenha conseguido construir ao longo dos estágios um ego forte e autônomo o suficiente para conviver com os seus semelhantes sem se sentir ameaçado. Contudo, quando o ego é frágil, a pessoa tende a optar pelo isolamento à união, visando assim se preservar (Rabello & Passos, 2009).

Segundo Erikson (1950), a sexta etapa é, portanto, caracterizada pela exploração dos relacionamentos pessoais. Sendo marcada pela intimidade, a qual pode ser descrita como o

sentimento de proximidade e desejo de compartilhar pensamentos íntimos com outra pessoa (Bauminger, Finzi-Dottan, Chason, & Har-Even, 2008).

Corroborando esta ideia, Bauminger et al. (2008) afirma que a intimidade se refere à proximidade com outra pessoa, a qual permite a construção de confiança e abertura para partilhar pensamentos e sentimentos íntimos. Já Rutter (1937), define a intimidade como uma questão de circunstância, em vez de escolha.

Sullivan (1953), por sua vez, compreende este construto não só em termos de autorrevelação, mas também de prontidão para ajudar um amigo quando este solicitar auxílio, frequência de interação, grau de reciprocidade, duração das relações e número de atividades realizadas em conjunto. Gerstein (1978), ao voltar seu olhar sobre os relacionamentos de amizade, afirmou que a intimidade é o fator que permite distinguir os vínculos importantes e significativos daqueles que não os são. Este autor, vai além na discussão sobre esse construto, ao se contrapor com os pensamentos que o vinculam às relações sexuais (e.g., Cross & Campbell, 2012; Reynolds & Knudson-Martin, 2015), propondo que esse tipo de relação entre duas pessoas não é condição necessária para a existência de intimidade.

A intimidade tende a oscilar de importância ao longo da vida (Conway & Holmes, 2004) e entre os diversos tipos de relacionamentos existentes (Mackinnon, Nosko, Pratt, & Norris, 2011), sendo este construto marca registrada dos vínculos de amizade estabelecidos entre adolescentes (McNelles & Connolly, 1999; Reisman, 1990).

Essa mudança, segundo Selfhout, Braje e Meeus (2009), ocorre devido a alterações, ao longo dos anos, nas principais características da intimidade, a saber, proximidade e individualização. A primeira se refere aos processos interpessoais cujos amigos se sentem ligados um ao outro (Reis & Shaver, 1988); a segunda, por sua vez, diz respeito ao processo pelo qual as pessoas se diferenciam dos outros, reconhecendo assim, o limiar entre o eu e o outro (Sullivan, 1953).

Segundo Selfhout et al. (2009), essa transformação pode ser visível com mais clareza entre o final da infância e início da adolescência, em que a proximidade é expressa através do compartilhamento de experiências, levando em consideração à opinião do outro frente as suas revelações, já a individualização apresenta um caráter persuasivo, voltando-se para as necessidades pessoais. Para esse mesmo autor, na metade da adolescência, a individualidade é exibida através de estratégias colaborativas voltadas para a integração das necessidades do eu e do outro, ao mesmo tempo em que ocorre o aumento dos sentimentos de proximidade com os melhores amigos.

A intimidade tem despertado o interesse de alguns pesquisadores (Cronin, 2015; Chambers, 2017; Chan & Lo, 2014; Shadur & Hussong, 2014) em virtude de a mesma ter se apresentado um importante preditor para o bem-estar subjetivo, otimismo, e ausência de sinais e sintomas de sinais de depressão, compreendendo assim, que aquelas pessoas as quais vivenciam uma relação marcada pela intimidade, apresentam baixa probabilidade de desenvolverem, no futuro, algum tipo de transtorno (Mackinnon et al., 2011). Palmer e Herbert (2016) vão ao encontro desse posicionamento ao afirmarem que a intimidade ajuda no sentimento de pertença a um grupo social e promoção da autoestima, tornando-se, portanto, um fator essencial para o bem-estar emocional.

Visando investigar tal construto, foram realizadas buscas (20 a 30 de abril de 2017) no Periódico CAPES, SCIELO e PsycINFO, com a combinação dos descritores “escala”, “inventário” ou “questionário” com “intimidade da amizade”, para localizar instrumentos que mensurassem, apenas, a intimidade nos relacionamentos de amizade, excluindo todos os instrumentos que mensurem outro aspecto da amizade que tenha como dimensão a intimidade. A busca revelou a existência de duas medidas, a saber: *Intimacy Attitude Scale – Revised* (Escala de Atitudes de Intimidade – Revisada; Amidon, Kumar, & Treadwell, 1983) e *Intimate Friendship Scale* (Escala de Intimidade da Amizade; Sharabany, 1994).

A primeira escala foi desenvolvida por Amidon et al. (1983). Essa é composta por 50 itens, que remetem sentimentos e atitudes das pessoas frente as suas relações com outros indivíduos, respondidos em uma escala do tipo *Likert* que varia de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), cuja alta pontuação indica uma maior capacidade de intimidade. Para este instrumento, a consistência interna foi de 0,91.

Já a Escala de Intimidade da Amizade foi construída por Sharabany (1994). Essa medida é composta por 32 itens, respondidos em uma escala de cinco pontos, em que 1 significa “não descreve em nada a minha relação” e 5 “descreve totalmente a minha relação”. Os itens foram distribuídos em oito dimensões que apresentaram consistência interna variando entre 0,77 e 0,89. São elas:

1. Franqueza e Espontaneidade: diz respeito à autorrevelação sobre os aspectos positivos e negativos de si mesmo, além de englobar um *feedback* honesto sobre as condutas realizadas.
2. Sensibilidade e Conhecimento: refere-se à empatia ou compreensão proveniente da sensibilidade ou conhecimento prévio de uma pessoa, e não apenas da autorrevelação.
3. Afetividade: reflete o sentimento de apego que um amigo tem para com o outro, fazendo com que aquele sinta falta deste quando ausente.
4. Exclusividade: esta dimensão identifica qualidades únicas de uma relação, tornando esse vínculo importante e prioritário quando comparado com outros.
5. Dar e Compartilhar com o Amigo: inclui passar um tempo ouvindo o amigo e compartilhar bens materiais quando o mesmo necessitar.
6. Imposição: indica algum grau de abertura e prontidão para exigir e aceitar ajuda de um amigo.
7. Atividades Comuns: refere-se às atividades desempenhadas em conjunto.

8. Confiança e Lealdade: diz respeito ao grau em que um amigo pode confiar em outro para guardar seus segredos, lhe dar suporte e não lhe trair.

Apesar da existência desses instrumentos que mensurem a intimidade dentro dos relacionamentos de amizade no âmbito internacional, no Brasil não foi encontrada nenhuma escala que apresentasse o mesmo objetivo. Diante desta constatação, optou-se por adaptar Escala de Intimidade da Amizade. A escolha pela mesma se justifica pela maior compatibilidade dessa medida com o objetivo do estudo, além de exibir indicadores satisfatórios ($\alpha > 0,60$) e de se apresentar mais parcimoniosa quando comparada com a primeira medida.

Com base nos argumentos anteriores, o presente estudo pretende adaptar e reunir evidência de validade da Escala de Intimidade da Amizade (Sharabany, 1994) para o Brasil. Visando assim, disponibilizar uma medida que mensure a intimidade dentro dos vínculos de amizades.

Estudo I – Adaptação e Validação da Escala de Intimidade da Amizade

Nesta seção será apresentado o caminho percorrido no processo de adaptação da Escala de Intimidade da Amizade (EIA) ao Brasil. Na oportunidade, buscar-se-á expor evidência de sua validade de construto, visando obter ao final um instrumento que permita a outros pesquisadores fazerem uso.

Método

Participantes

Para alcançar o objetivo do primeiro estudo, contou-se com uma amostra por conveniência, coletada em duas cidades do Piauí, a saber, Parnaíba (47,1%) e Teresina (52,9%), totalizando 427 graduandos, dos cursos de Psicologia (17,8%), Biologia (14,1%), Pedagogia

(8,9%) e Fisioterapia (7,0%), em maior frequência. As idades dos participantes tiveram como média 21,59 ($DP = 4,48$) e intervalo entre 18 e 50 anos. Destaca-se, ainda, que a maioria foi do sexo feminino (61,4%), solteira (89, 0%), católica (48, 5%), com o sentimento de pertença às classes sociais média baixa (42,6%) e média (40,5%), e frequentadores de instituições públicas de ensino superior (89,7%).

Instrumentos

As medidas aqui utilizadas foram:

Escala de Intimidade da Amizade (EIA): idealizada por Sharabany (1994) e composta por 32 itens, distribuídos em oito dimensões: *Franqueza e Espontaneidade*; *Sensibilidade e Conhecimento*; *Afetividade*; *Exclusividade*; *Dar e Compartilhar com o Amigo*; *Imposição*; *Atividades Comuns*; e *Confiança e Lealdade*. Todos os itens são respondidos fazendo-se uso de uma escala de seis pontos, variando de 1 (*Discordo Totalmente*) a 6 (*Concordo Totalmente*). A EIA apresentou consistências internas psicometricamente adequadas, variando entre 0,77 e 0,89.

Questionário Sociodemográfico: questionário utilizado para caracterizar a amostra, no que diz respeito à algumas variáveis (e.g., idade, sexo, estado civil, curso, período frequentado e renda).

Procedimentos

Visando seguir os procedimentos éticos com pesquisas com seres humanos, primeiramente, o projeto que versa sobre o estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/CCS/UFPB (CAAE: 73315917.2.0000.5188). E somente depois de sua aprovação deu-se início a coleta de dados.

Vale ressaltar, que a mesma buscou respeitar todas as prescrições presentes na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Dando seguimento, para tornar viável a aplicação do instrumento na população brasileira, o mesmo foi traduzido por meio da técnica de *backtranslation* (Pasquali, 2010; Duarte & Bordin, 2000), a qual consiste na tradução do idioma original da escala para o idioma da população cuja responderá a mesma, e em seguida uma retradução para o idioma inicial. As duas versões foram comparadas, visando constatar se as versões mantêm a equivalência semântica. Nesse estudo, em particular a EIA foi traduzida do inglês-português e em seguida do português-inglês. Para que essa etapa fosse concluída com excelência, contou-se com a colaboração de três proficientes em ambos os idiomas.

Outros cuidados importantes foram tomados, a saber: o vocabulário utilizado e compreensão dos itens por parte da amostra. No primeiro, buscou-se fazer uso de palavras que estavam mais voltadas para o contexto da população alvo, levando a troca da palavra escola por universidade. Quanto ao segundo, na busca de tornar o instrumento inteligível, foi realizada uma análise semântica dos itens (Fonseca, Salles, & Parente, 2006), visando verificar se os itens que compõem a medida se encontravam compreensíveis para os extratos extremos da população alvo (extrato inferior- extrato superior). Essa etapa foi finalizada após a aplicação de 20 questionários distribuídos equitativamente em dois grupos, a saber, primeiro e último período dos cursos de Psicologia e Biologia de uma instituição pública.

Após garantir o entendimento do instrumento, entrou-se em contato com o grupo amostral de interesse, em locais públicos. Antes dos participantes responderem os instrumentos, foi informado o caráter voluntário de sua colaboração e garantido o sigilo das suas respostas, solicitando, assim, que todos fossem os mais sinceros possíveis em seus retornos. Por fim, enfatiza-se que os instrumentos foram respondidos somente após a assinatura do Termo de

Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e que o tempo médio de resposta foi de aproximadamente 15 minutos.

Análise dos dados

Para análise dos dados foram utilizados os *softwares IBM SPSS* (versão 21) e o *Factor* 10.4 (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2016). O primeiro auxiliou nas análises descritivas (e.g., média e desvio padrão) e Análise de Variância (ANOVAs), visando à comparação entre grupos (Sousa, 2017). O segundo permitiu a execução da Análise Fatorial Exploratória (AFE), com o método de extração *Unweighted Least Squares* (ULS), correlações policóricas e rotação *Normalized Varimax*.

Acrescenta-se, ainda, que foi utilizado o método *Hull* (Ceulemans & Kiers, 2006), como subsídio para a retenção de fatores, sendo o mesmo considerado aquele que apresenta um melhor desempenho quando comparado com outros que detêm a mesma função, a exemplo, do *scree plot*, Análise Paralela e *Minimum Average Partial* (Damásio, 2012). Por fim, destaca-se que o *Factor* permitiu, ao final, a verificação da consistência interna da EIA, por meio do coeficiente alfa de *Cronbach*.

Resultados

Para alcançar o objetivo traçado, primeiramente, foi averiguado se a matriz de dados era passível de fatoração (Pasquali, 2006), para isso, contou-se com o *software Factor*, o qual permitiu executar os seguintes testes: *Kaiser-Meyer-Olkin* (*KMO*) e o Teste de Esfericidade de *Bartlett*. O primeiro tem como valores aceitáveis acima de 0,70 (Hutcheson & Sofroniou, 1999), enquanto que o segundo requer que os níveis de significância sejam menores que 0,05 (Hutcheson & Sofroniou, 1999). Os resultados dos mesmos foram satisfatórios, sendo o *KMO*

= 0,91 e Teste de Esfericidade de *Bartlett*, $\chi^2 (496) = 4.621,9$, $p < 0,001$, dando suporte para o seguimento das análises.

Fazendo uso do método de extração de ULS, correlações policóricas e rotação *Normalized Varimax*, foi realizada a primeira AFE. Tomando como base os autovalores ($> 1,0$), os mesmos apontaram para a existência de sete fatores, os quais explicam um total de 60,7 % da variância (Fator I = 34,1%; Fator II = 7,5%; Fator III = 4,4%; Fator IV = 4,0%; Fator V = 3,7%; Fator VI = 3,7 %; Fator VII = 3,3 %). Entretanto, ancorando-se na literatura que versa sobre a adaptação de instrumentos (e.g., Damásio, 2012), optou-se por fazer uso do método Hull, visando dirimir as dúvidas ainda existentes quanto à quantidade de fatores a serem extraídos. O mesmo apontou para uma solução unifatorial.

Diante disso, prosseguiu-se realizando uma nova AFE, utilizando-se das mesmas orientações empregadas na primeira. Não obstante, vale ressaltar que não foi empregada a rotação, em virtude da estrutura a ser trabalhada ser composta por apenas um único fator. Após uma averiguação detalhada foi possível constatar que três dos 32 itens do instrumento não apresentaram carga fatorial acima de 0,30, como sugerido por Pasquali (2010), a saber: *Item 5*. Eu trabalho com meu(minha) amigo(a) em alguns trabalhos acadêmicos; *Item 11*. Eu posso planejar como vamos gastar o nosso tempo sem ter que verificar com meu(minha) amigo(a); *Item 14*. Incomoda-me quando outras pessoas se juntam a nós quando estamos fazendo alguma coisa juntos. Decidiu-se pela exclusão dos mesmos nas análises subsequentes.

Buscando conhecer a estrutura final da EIA, foi realizada uma terceira AFE, com configuração semelhante a anterior. Esta apontou uma medida unifatorial composta por 29 itens, com cargas fatoriais variando entre 0,35 [*tem 9*. As coisas mais interessantes acontecem quando estou com meu(minha) amigo(a) e ninguém mais ao redor] e 0,79 [*Item 26*. Quando algo de bom acontece comigo, eu compartilho a experiência com meu(minha) amigo(a)], variância de 31,14 % e consistência de interna (α) de 0,91. Objetivando uma melhor

compreensão dos dados apresentados, a seguir será fornecida a Tabela 1, na qual expõe informações mais delineadas.

Tabela 1

Matriz de Cargas Fatoriais e Comunalidades da Escala de Intimidade da Amizade

Itens	Fator I	h ²
26. Quando algo de bom acontece comigo, eu compartilho a experiência com meu(minha) amigo(a).	0,79	0,62
18. Sinto-me próximo do(a) meu(minha) amigo(a).	0,75	0,57
25. Quando meu(minha) amigo(a) não está por perto eu sinto sua falta.	0,72	0,52
16. Eu sei como meu(minha) amigo(a) se sente sobre as coisas sem que me conte.	0,69	0,47
03. Eu gosto do(a) meu(minha) amigo(a).	0,68	0,46
30. Eu fico com meu(minha) amigo(a) quando ele(a) quer fazer algo que outras pessoas não querem fazer.	0,68	0,46
31. Eu converso com meu(minha) amigo(a) sobre as minhas expectativas e planos para o futuro.	0,68	0,46
04. Eu gosto de fazer coisas com meu(minha) amigo(a).	0,66	0,43
24. Eu tenho certeza que meu(minha) amigo(a) vai me ajudar sempre que eu pedir a ele(a).	0,66	0,44
27. Eu conto ao(a) meu(minha) amigo(a) quando faço algo que as outras pessoas não aprovariam.	0,66	0,44
32. Eu falo às pessoas coisas agradáveis sobre meu(minha) amigo(a).	0,65	0,42
13. Eu me sinto livre para falar sobre quase tudo com meu(minha) amigo(a).	0,62	0,39
23. Eu sou capaz de dizer quando meu(minha) amigo(a) está preocupado(a) com alguma coisa.	0,62	0,38
29. Sempre que meu(minha) amigo(a) quer me contar sobre um problema, eu paro o que estou fazendo e o ouço durante o tempo que ele(a) desejar.	0,62	0,38
15. Eu sei como meu(minha) amigo(a) se sente perto da(o) garota(o) que ele(a) gosta.	0,60	0,36
08. Eu defendo meu(minha) amigo(a) quando outras pessoas falam coisas ruins sobre ele(a).	0,59	0,35
07. Eu sei que o que eu digo ao(à) meu(minha) amigo(a) é mantido em entre nós.	0,58	0,35
28. Se meu(minha) amigo(a) faz algo que eu não gosto, sinto-me sempre a vontade para falar com ele(a) a respeito.	0,56	0,31
06. Se eu quero que meu(minha) amigo(a) faça algo para mim, tudo o que eu tenho que fazer é pedir.	0,53	0,28

Itens	Fator I	h ²
22. Se meu(minha) amigo(a) quer alguma coisa, eu o deixo ter, mesmo desejando a mesma coisa.	0,51	0,26
19. Eu faço coisas com meu(minha) amigo(a) que são completamente diferentes daquelas feitas por outras pessoas.	0,50	0,24
21. Sempre que você me vê pode ter certeza de que meu(minha) amigo(a) também está próximo(a).	0,50	0,24
01. Eu sei quais são os tipos de livros, jogos e atividades que meu(minha) amigo(a) gosta.	0,49	0,24
02. Eu ofereço as minhas coisas (como roupas, brinquedos, alimentos ou livros) ao(à) meu(minha) amigo(a).	0,46	0,21
10. Eu não vou me unir com outras pessoas para fazer algo contra meu(minha) amigo(a).	0,46	0,21
17. Quando meu(minha) amigo(a) não está por perto eu fico me perguntando onde e o que ele(a) está fazendo.	0,44	0,19
12. Eu trabalho com meu(minha) amigo(a) em alguns dos seus passatempos.	0,39	0,15
20. Eu posso usar as coisas do(a) meu(minha) amigo(a) sem pedir permissão.	0,37	0,14
09. As coisas mais interessantes acontecem quando estou com meu(minha) amigo(a) e ninguém mais ao redor.	0,35	0,12
Número de Itens		29
Variância Comum Explicada (%)		31,14 %
Alfas de <i>Cronbach</i>		0,91
Valor Próprio		9,03

Estudo II – Confirmação da Estrutura Fatorial da Escala de Intimidade da Amizade

Este estudo se faz meritório, tendo em vista que o mesmo busca reunir evidências que corrobore a estrutura unifatorial da Escala de Intimidade da Amizade (EIA), anteriormente, adaptada ao contexto brasileiro. Para isto, informa-se a seguir o método utilizado para que a pesquisa fosse consolidada.

Método

Participantes

Esse estudo contou com a colaboração de 401 graduandos de instituições públicas (50,4 %) e privadas (49,1%), das cidades de João Pessoa (50,3%) e Cajazeiras (49,7%), ambas

localizadas no Estado da Paraíba. A coleta deu-se por conveniência, configurando-se, assim, como uma amostra não-probabilística ou por conveniência (Cozby, 2006). Informa-se ainda que a média idade dos participantes foi de 20 anos ($DP = 4,83$; amplitude de 18 e 54), sendo a maioria do sexo feminino (65,4%), solteiro (91,0 %), católica (54,2%) e com o sentimento de pertença a classe média (59,9%). Quanto aos cursos que mais contribuíram nesta pesquisa, destacam-se: Psicologia (46,6%), Engenharia Mecânica (16,5%) e Engenharia Química (11,3 %).

Instrumentos

O questionário aplicado foi composto por um questionário sociodemográfico e a Escala de Intimidade da Amizade, comporta por 32 itens. A decisão de aplicar a versão completa foi pautada no interesse em comparar a estrutura unifatorial, encontrada no primeiro estudo, com a octafatorial achada pelo elaborador da medida (Sharabany, 1994).

Procedimento

Tendo em mãos aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/CCS/UFPB (CAAE: 73315917.2.0000.5188), iniciou-se o processo de coleta de dados. Vale destacar que esta pesquisa não mediu esforços para atender a todas as exigências pré-estabelecidas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que regulamenta as pesquisas com seres humanos no Brasil.

Os participantes foram abordados em locais públicos próximos as instituições de ensino superior. Durante o primeiro contato foi notificado, ainda, sobre o sigilo de suas respostas, a ausência de benefícios e riscos pessoais, e sobre o direito de desistir a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Após a concordância em contribuir com a pesquisa ser ratificada pela

assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), os participantes passaram a responder os instrumentos, exibindo como tempo médio de resposta 15 minutos.

Análise dos Dados

No presente estudo foram utilizados: *IBM SPSS* (versão 21) e *software R*. O primeiro permitiu a tabulação dos dados, análise descritiva e ANOVA's. Já o segundo auxiliou na averiguação da precisão da medida por meio da extração do alfa de *Cronbach* (α) e na execução da Análise Fatorial Confirmatória (AFC) categórica *Weighted Least Squares Mean- and Variance-adjusted* (WLSMV; Lara & Alexis, 2014), utilizando-se o pacote estatístico *lavaan* (Rosseel, 2012).

Nesse processo de verificação estatística da estrutura fatorial da EIA levou-se em consideração os seguintes indicadores de ajustes: *Qui-Quadrado* (χ^2); *Razão entre Qui-Quadrado e Graus de Liberdade* (χ^2/gl); *Comparative Fit Index* (CFI); *Tucker-Lewis Index* (TLI); *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) e *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA). Adicionalmente, a precisão da medida foi verificada com o auxílio do alfa de *Cronbach* e a Confiabilidade Composta (CC), sendo valores aceitáveis, para ambos, acima de 0,70 (George & Malley, 2002; Hair et al., 2009).

Resultados

Visando alcançar o objetivo do Estudo II, o qual consiste em conferir o ajuste do modelo unifatorial da EIA, composta por 29 itens, foi realizado por meio do *software R* uma Análise Fatorial Confirmatória com o estimador WLSMV, sendo o mesmo compreendido como o mais adequado para avaliação de variáveis ordinais (Brown, 2006), semelhantes às utilizadas nesta pesquisa.

Os achados apontam que o modelo composto por um único fator possui um ajuste dentro do sugerido pela literatura, exibindo os seguintes valores:

- $\chi^2 (377) = 532,18, p < 0,001, \chi^2/df = 1,41$: os quais revelam uma boa adequação, uma vez que o χ^2 apresenta um valor significativo ($p < 0,05$; Thompson, 2004) e a razão entre qui-quadrado e graus de liberdade foi menor que 2 (Gomez et al., 2014).
- CFI = 0,98: apesar dos seus valores variarem de zero (ajuste nulo) a um (ajuste perfeito) (Hair et al., 2009), a literatura aponta como aceitáveis aqueles acima de 0,90 (e.g., Muthén & Muthén, 2012), como o encontrado aqui.
- TLI = 0,98: este indicador exige valores semelhantes ao anterior, acima de 0,90 (Byrne, 2010), sendo o mesmo alcançado.
- SRMR = 0,06: essa medida trata-se do valor padronizado do estimador RMR (*Root Mean Residual*), na qual indica a diferença normalizada entre as correlações observada e prevista (Nascimento, Pimentel, & Adaid-Castro, 2016). Nesse, os valores considerados ajustados são aqueles iguais ou inferiores a 0,5 (Hair et al., 2009), sendo, aqui, atingindo o seu limite.
- RMSEA = 0,04 (IC90% = 0,038-0,049): os valores deparados vão ao encontro daqueles sugeridos pela literatura (Gomez et al., 2014; Muthén & Muthén, 2012), cuja recomenda que o RMSEA seja inferior a 0,06.

O modelo unifatorial, aqui testado, apresentou pesos fatoriais (λ) dentro do sugerido pela literatura ($\lambda \neq 0$; $z > 1,96$; $p < 0,05$), indicando que o mesmo possui validade fatorial; exibindo lambdas que variaram entre 0,20 [*Item 10*. Eu não vou me unir com outras pessoas para fazer algo contra meu(minha) amigo(a)] e 0,72 [*Item 18*. Sinto-me próximo do(a) meu(minha) amigo(a)]. Para avaliar a consistência interna da estrutura, foi utilizado o alfa de

Cronbach e a *CC*, cujo valor de ambos foi de 0,90. Tal estrutura pode ser visualizada na *Figura*

1.

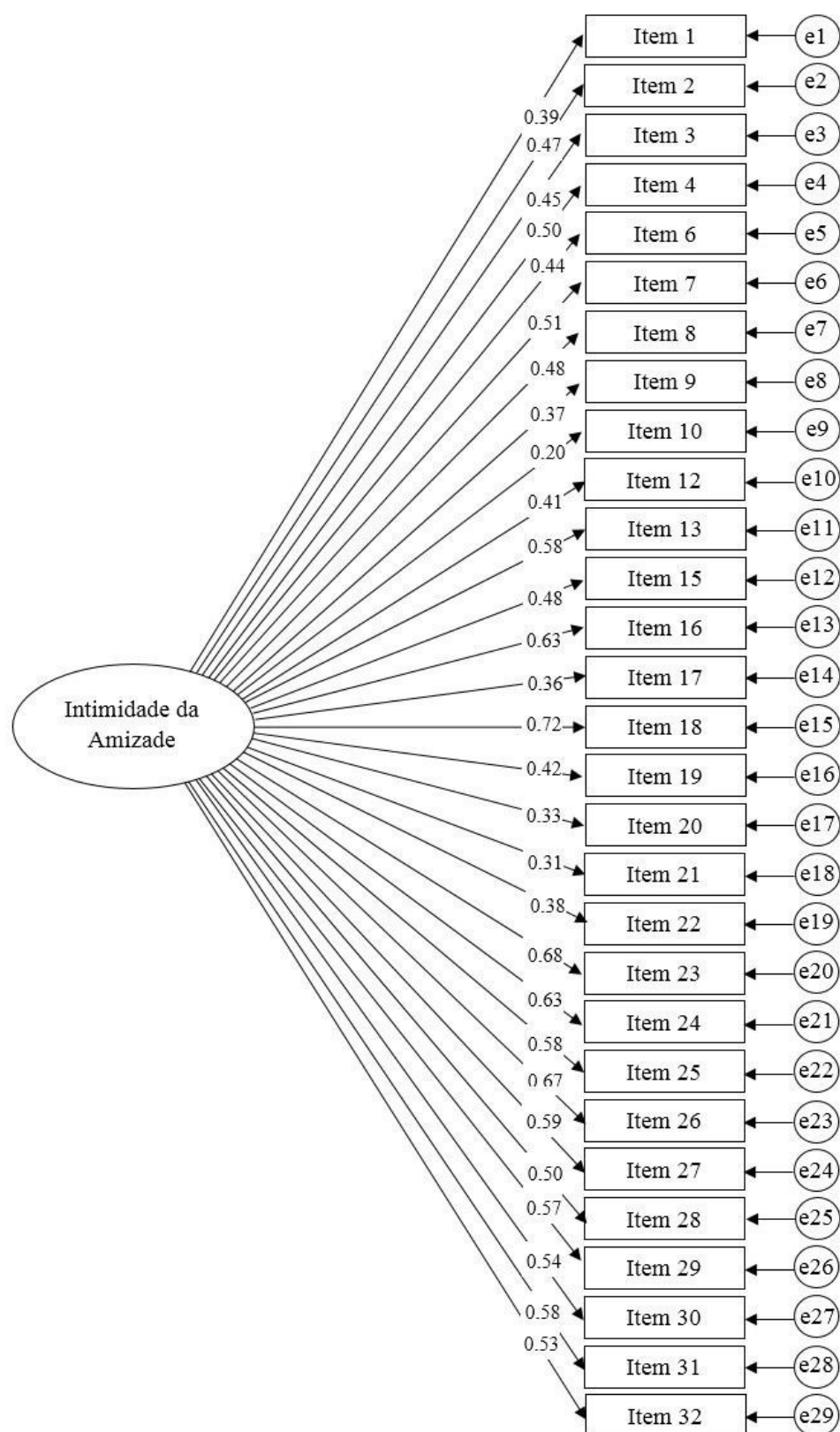


Figura 1. Estrutura Fatorial da Escala de Intimidade da Amizade

Apesar do objetivo central do Estudo II ter sido alcançado, buscou-se, ainda, reunir evidências de que o modelo apresentado é o mais adequado para avaliação do construto Intimidade da Amizade no contexto brasileiro, por meio da comparação entre o modelo unifatorial encontrado e o octafatorial sugerido por Sharabany (1994).

Para isso, realizou-se uma nova AFC, agora considerando com o modelo octafatorial. Os resultados da análise apresentaram indicadores de ajustes dentro do sugerido pela literatura como satisfatórios [χ^2 (405) = 623,08, $p > 0,001$, $\chi^2/\text{gl} = 1,54$, CFI = 0,97, TLI = 0,96, SRMR = 0,06, RMSEA = 0,04(IC 90% = 0,037 - 0,048)] (Hair et al., 2009; Marôco, 2014; Muthén & Muthén, 2012).

Os pesos de regressão do modelo octafatorial foram estatisticamente significativos ($t > 1,96$; $p < 0,05$) e variaram entre 0,10 [Item 5. *Eu trabalho com meu(minha) amigo(a) em alguns trabalhos acadêmicos*] e 0,76 [Item 18. *Sinto-me próximo do(a) meu(minha) amigo(a)*]. Os alfas de Cronbach e a CC de cada fator foram: Sinceridade e Espontaneidade ($\alpha = 0,71$; CC = 0,75); Sensibilidade e Conhecimento ($\alpha = 0,68$; CC = 0,69); Afetividade ($\alpha = 0,65$; CC = 0,67); Exclusividade ($\alpha = 0,61$; CC = 0,68); Dar e Compartilhar ($\alpha = 0,60$; CC = 0,65); Imposição ($\alpha = 0,58$; CC = 0,58); Atividades Comuns ($\alpha = 0,42$; CC = 0,33); Confiança e Fidedignidade ($\alpha = 0,51$; CC = 0,55).

Apesar da adequação do modelo octafatorial, o modelo unifatorial se mostrou estatisticamente superior, tanto no que diz respeito à estrutura [$\chi^2(25) = 46,38$, $p < 0,05$], como em relação à consistência interna. Diante desses dados, os quais apontam que as oito dimensões podem ser agrupada em um único fator, realizou, adicionalmente, uma correlação entre essas dimensões, a fim reunir evidências para tal conclusão. Os achados desta análise podem ser observados na Tabela 2.

Tabela 2

Correlatos entre os fatores da EIA

	1	2	3	4	5	6	7	8
1								
2	0,59*							
3	0,58*	0,69*						
4	0,31*	0,36*	0,50*					
5	0,59*	0,53*	0,58*	0,37*				
6	0,43*	0,48*	0,49*	0,36*	0,58*			
7	0,33*	0,35*	0,44*	0,32*	0,37*	0,36*		
8	0,52*	0,48*	0,49*	0,21*	0,52*	0,38*	0,32*	

Nota. * $p < 0,001$. 1. Sinceridade e Espontaneidade; 2. Sensibilidade e Conhecimento; 3. Afetividade; 4. Exclusividade; 5. Dar e Compartilhar; 6. Imposição; 7. Atividades Comuns; 8. Confiança e Fidedignidade

Os resultados, como já esperado, apontaram altos coeficientes de correlação entre os fatores existentes, variando entre 0,21 ($p < 0,001$), entre os fatores Exclusividade e Confiança e Fidedignidade, e 0,69 ($p < 0,001$), entre Sensibilidade e Conhecimento e Afetividade. Reunindo, assim, evidências empíricas que dão suporte a aplicabilidade do modelo unifatorial, no contexto brasileiro, para mensuração da intimidade da amizade.

Discussão

Os relacionamentos de amizade perpassados por um elevado nível de intimidade podem ser provedores do bem-estar (Palmer & Herbert, 2016), uma vez que possuir alguém com quem possa dividir informações sigilosas e compartilhar a carga das mesmas, obtendo assim, apoio e suporte, pode diminuir a probabilidade do desenvolvimento de algum transtorno mental (Mackinnon et al., 2011).

Diante da importância de vínculos permeados pela intimidade, desenvolveu-se dois estudos, independentes, visando adaptar e validar a Escala de Intimidade da Amizade ao contexto brasileiro. No Estudo I buscou-se adaptar e reunir evidências de validade de construto da medida; frente a isso, acredita-se que a meta tenha sido alcançada, tendo em vista que a escala exibiu bons indicadores de validade e precisão. Apresentando, por exemplo, consistência interna de 0,91, apontado como excelente (Alfa de *Cronbach* > 0,90; Zanon & Filho, 2015).

Além disso, a estrutura sugerida no Estudo I foi novamente corroborada no Estudo II por meio de uma AFC. Esta exibiu índices de ajustes (χ^2 , GFI, CFI, TLI, SRMR, RMSEA) com valores dentro do sugerido pela literatura (Byrne, 2010; Gomez et al., 2014; Hair et al., 2009; Marôco, 2014; Muthén & Muthén, 2012; Tabachnick & Fidell, 2013). Além de apresentar um alfa de 0,90, acima do recomendado por *Nunnally* (1991; $\alpha = 0,70$).

Vale ressaltar que a estrutura encontrada nos dois estudos, não vão ao encontro da estrutura encontrada nas versões da EIA utilizadas em outras pesquisas (Sharabany, 1974; Sharabany & Rosentahl, 1984; Harsheleg, 1984). Nos estudos de desenvolvimento da versão original, por exemplo, foi encontrada uma estrutura composta por oito dimensões (*Franqueza e Espontaneidade; Sensibilidade e Conhecimento; Afetividade; Exclusividade; Dar e Compartilhar com o Amigo; Imposição; Atividades Comuns; e Confiança e Lealdade*), as quais apresentaram consistência interna variando entre 0,51 e 0,82 na primeira pesquisa (Sharabany, 1974), e entre 0,77 e 0,89 na segunda (Sharabany & Rosentahl, 1984).

Do mesmo modo, em outra pesquisa, Harsheleg (1984) adaptou a EIA para o contexto israelense, a mesma sofreu alterações, visando mensurar a intimidade dentro dos relacionamentos conjugais. O autor incluiu além das oito dimensões, anteriormente citadas, mais duas, a saber: abertura emocional em relação à sexualidade (três itens) e capacidade de lidar com raiva e frustração (quatro itens). Esta versão apresentou consistência interna variando de 0,53 a 0,94.

Apesar das divergências entre a estrutura encontrada e as demais sugeridas na literatura, acredita-se que não hajam grandes implicações em relação à utilização dessa medida. Isso por que todas as dimensões propostas originalmente tinham por objetivo mensurar o mesmo construto, sendo natural que essas dimensões estejam relacionadas, como pôde ser observado nas correlações realizadas entre as dimensões teorizadas. Além disso, é importante observar que a estrutura proposta nesta pesquisa apresenta parâmetros psicométricos (validade e precisão) superiores em relação as demais versões.

Em relação ao parâmetro de precisão, os valores dos coeficientes alfa de cornbach apresentados nos dois estudos foram acima de 0,90, sendo, portanto, superiores àqueles apresentados em outros estudos (Sharabany, 1974; Sharabany & Rosentahl, 1984). Isso mostra que o modelo unifatorial é menos passível de erro do que o modelo teórico sugerido.

Quanto a validade, além de apresentar bons índices de qualidade de ajuste, o critério de análise de comparação de modelos feito pelo quiquadrado mostrou que o modelo proposto nesta pesquisa tem um melhor ajuste em relação ao modelo original. Além disso, uma vantagem desse modelo é o fato de ser unidimensional, uma característica que confere menor complexidade e consequentemente maior parcimônia à estrutura.

Considerações Finais

Diante dos resultados apresentados, conclui-se que os objetivos dos dois estudos foram alcançados, tendo em vista que: no Estudo I obteve-se uma versão adaptada da Escala de Intimidade da Amizade, para o contexto brasileiro, apresentando bons indicadores de validade de construto; e no Estudo II, por meio de uma Análise Fatorial Confirmatória corroborou o modelo unifatorial apontada no primeiro, exibindo bons índices de ajustes e alta consistência interna. Esses resultados a dequação do instrumento e modelo, possibilitando sua utilização futura.

Contudo, algumas limitações merecem destaque, dentre elas a utilização de uma amostra por conveniência. Esta última, no Brasil, é a mais empregada, em decorrência da falta de recursos financeiros que possibilitam o desenvolvimento de pesquisas com amostras probabilísticas, cuja não permitem a generalização dos resultados nem mesmo para a população da qual a amostra foi extraída.

Outro entrave consiste na colaboração, unicamente, de estudantes de graduação, com média idade de 20 anos, a qual não permite aos pesquisadores tomar conhecimento da variabilidade do nível de intimidade ao longo do desenvolvimento humano, sendo que a mesma é apontada pela literatura (Sharabany et al., 1981) como distintas ao longo da vida.

Outro fator que se pode destacar é o fator desejabilidade social presente nos questionários de autorrelato, podendo os participantes falsear suas respostas, distanciando-se assim do comportamento que normalmente emitem frente à situação a qual foram solicitados a darem um parecer.

Por fim, apesar das limitações apontadas, conclui-se as mesmas não diminuem a importância dos estudos aqui apresentados, já que permitiram a adaptação de uma nova medida ao Brasil, a qual apresenta bons parâmetros psicométricos, possibilitando assim, a sua utilização em estudos posteriores, os quais versem sobre a intimidade dentro dos vínculos de amizade.

Referências

- Amidon, E., Kumar, V. K., & Treadwell, T. (1983). Measurement of intimacy attitudes: the Intimacy Attitude Scale-revisited. *Journal of Personality Assessment*, 47, 635-639.
- Bauminger, N., Finzi-Dottan, R., Chason, S., & Har-Even, D. (2008). Intimacy in adolescent friendship: The roles of attachment, coherence, and self-disclosure. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25, 409-428.
- Bios, P. (1979). *The adolescent passage*. New York: International Universities Press.

- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.
- Byrne, B. M. (2010). *Structural equation modeling with AMOS: basic concepts, applications, and programming*. Nova York, USA: Routledge, Taylor and Francis Group.
- Ceulemans, E. & Kiers, H. A. L. (2006). Selecting among three-mode principal component models of different types and complexities: A numerical convex hull based method. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 59, 133–150.
- Chambers, D. (2017). Networked intimacy: Algorithmic friendship and scalable sociality. *European Journal of Communication*, 32, 26-36.
- Chan, G. H. Y., & Lo, T. W. (2014). Do friendship and intimacy in virtual communications exist? An investigation of online friendship and intimacy in the context of hidden youth in Hong Kong. *Revista de Cercetare si Interventie Sociala*, 47, 117 - 136.
- Conway, M. A., & Holmes, A. (2004). Psychosocial stages and the accessibility of autobiographical memories across the life cycle. *Journal of Personality*, 72, 461-480.
- Cozby, P. C. (2006). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Editora Atlas.
- Cronin, A. M. (2015). ‘Domestic friends’: women's friendships, motherhood and inclusive intimacy. *The Sociological Review*, 63, 662-679.
- Cross, C. P., & Campbell, A. (2012). The effects of intimacy and target sex on direct aggression: Further evidence. *Aggressive Behavior*, 38, 272-280.
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11, 213-228.
- Douvan, E., & Adelson, J. (1966). *The adolescent experience*. New York: Wiley.
- Duarte, C. S., & Bordin, I. A. S.(2000). Instrumentos de Avaliação. *Revista Brasileira Psiquiatria*, 22, 55-58.

- Erikson, E. H. (1950). Growth and crises of the "healthy personality." In M. J. E. Senn (Ed.), *Symposium on the healthy personality* (pp. 91-146). Oxford, England: Josiah Macy, Jr. Foundation.
- Erikson, E. H. (1987). *Identidade: juventude e crise*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2016). A note on improving EAP trait estimation in oblique factor-analytic and item response theory models. *Psicológica*, 37, 235-247.
- Fiedler, A. J. C. B. P. (2016). O desenvolvimento psicossocial na perspectiva Erik H. Erikson: As "Oito idades do Homem". *Revista Educação-UNG*, 11, 78-85.
- Fonseca, R. P., Salles, J. F. & Parente, M. A. M. P. (2006). Construção do Instrumento de Avaliação Neuro-psicológica Breve NEUPSILIN: Análise semântica dos itens. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Cérebro, Comportamento e Emoções, Bento Gonçalves, Brasil.
- Gerstein, R. S. (1978). Intimacy and privacy. *Ethics*, 89, 76-81.
- Gomez, R., McLaren, S., Sharp, M., Smith, C., Hearn, K., & Turner, L. (2014). Evaluation of the bifactor structure of the dispositional hope scale. *Journal of Personality Assessment*, 97, 191-199.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.
- Harsheleg, E. (1984). *Friendship and intimacy among couples*. Unpublished master's thesis, University of Haifa, Haifa, Israel
- Hutcheson, G. D. & SoFroniou, N. (1999). *The multivariate social scientist: Introductory statistics using generalized linear models*. London: Sage Publications.
- Lara, D., & Alexis, S. (2014). ¿Matrices policóricas/ tetracóricas o matrices pearson? Un estudio metodológico. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento*, 6, 39-48.

- Maccoby, E. E., & Jacklin, C. N. (1974). *The psychology of sex differences*. Stanford, Calif.: Stanford University Press.
- Mackinnon, S. P., Nosko, A., Pratt, M. W., & Norris, J. E. (2011). Intimacy in young adults' narratives of romance and friendship predicts Eriksonian generativity: A mixed method analysis. *Journal of Personality*, 79, 587-617.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- McNelles, L. R., & Connolly, J. A. (1999). Intimacy between adolescent friends: Age and gender differences in intimate affect and intimate behaviors. *Journal of Research on Adolescence*, 9, 143-159.
- Muthén, L. K., & Muthén, B. O. (2012). *Mplus user's guide* (7th ed.). Los Angeles: Muthén & Muthén.
- Nascimento, T. G., Pimentel, C. E. & Adaid-Castro, B. G. (2016). Escala de Atitudes frente à Arma de Fogo (EAFAF): Evidências de Sua Adequação Psicométrica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32, 239-248.
- Nunnally, J. C. (1991). *Teoría psicométrica*. México: Trilhas.
- Palmer, S., & Herbert, C. (2016). Friendships and intimacy: Promoting the maintenance and development of relationships in residential neurorehabilitation. *NeuroRehabilitation*, 38, 291-298.
- Pasquali, L. (2006). *Análise fatorial: um manual teórico-prático*. Brasília, DF: Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas*. Porto Alegre: Artmed.

- Rabello, E. T. (2001). *Personalidade: estrutura, dinâmica e formação – um recorte eriksoniano*. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.
- Rabello, E., & Passos, J. S. (2009). Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. Recuperado de: < <http://josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>.> Acesso em: 01 de janeiro de 2018.
- Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. Duck, D. F. Hay, S. E. Hobfoll, W. Ickes, & B. M. Montgomery (Eds.), *Handbook of personal relationships: Theory, research and interventions* (pp. 367–389). Oxford, England: Wiley & Sons
- Reisman, J. M. (1990). Intimacy in same-sex friendships. *Sex Roles*, 23, 65-82.
- Reynolds, C., & Knudson-Martin, C. (2015). Gender and the construction of intimacy among committed couples with children. *Family Process*, 54, 293-307.
- Rosseel, Y. (2012). Lavan: An R Package for Structural Equation Modeling. *Journal of Statistical Software*, 48, 1-36.
- Runner, J. R. (1937). Social distance in adolescent relationships. *American journal of Sociology*, 43, 428-439.
- Selfhout, M. H. W., Branje, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2009). Developmental trajectories of perceived friendship intimacy, constructive problem solving, and depression from early to late adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 37, 251-264.
- Shadur, J. M., & Hussong, A. M. (2014). Friendship intimacy, close friend drug use, and self-medication in adolescence. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31, 997-1018.
- Sharabany, R. (1974). Intimate friendship among kibbutz and city children and its measurement. *Dissertation Abstracts International*, 35(2-B), 1028-1029.

- Sharabany, R. (1994). Intimate friendship scale: Conceptual underpinnings, psychometric properties and construct validity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 449-469.
- Sharabany, R., Gershoni, R., & Hofman, J. E. (1981). Girlfriend, boyfriend: Age and sex differences in intimate friendship. *Developmental psychology*, 17, 800.
- Sharabany, R., & Rosenthal, L. (1984). Intimacy vs. comradeship: Relations to best friend compared to group orientation in the Israeli Kibbutz. *International Psychologist*, 25, 14.
- Sousa, N. (2017). Planeamento experimental usando ANOVA de 1 e 2 fatores com R: uma breve abordagem prática. Recuperado de: <
https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/6389/1/R_textAnova12_v5_ReposAb.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics*. Boston, MA: Allyn & Bacon.
- Thompson B. (2004). *Exploratory and confirmatory factor analysis: understanding concepts and applications*. Washington: American Psychological Association.
- Zanon, C., & Filho, N. H. (2015). Fidedignidade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 53-70). Porto Alegre: Artmed

ARTIGO 3

Entendendo a amizade: Contribuições dos traços de personalidade e valores humanos

Understanding Friendship: Contributions of Personality Traits and Human Values

Título Abreviado: Entendendo a amizade

Bruna de Jesus Lopes

Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

ENTENDENDO A AMIZADE: CONTRIBUIÇÕES DOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE E VALORES HUMANOS

Resumo. O presente artigo objetivou investigar se os valores humanos e a personalidade sombria e virtuosa podem prever a qualidade e intimidade da amizade. Colaboraram com a pesquisa 200 estudantes universitários, de ambos os sexos [masculino (25%) e feminino (75%)], de 18 a 53 anos ($M = 22,81$; $DP = 5,35$); os quais foram selecionados por conveniência. Os mesmos responderam a um questionário contendo os seguintes instrumentos: *Escala de Qualidade da Amizade*, *Escala de Intimidade da Amizade*, *Dark Triad Dirty Dozen*, *Inventário de Personalidade Virtuosa*, *Questionário de Valores Básicos* e um Questionário Sociodemográfico. As análises foram executadas por meio do software IBM SPSS, versão 21, o qual permitiu a realização de correlações (r de Pearson) e regressões (método *Stepwise*). Os resultados revelaram correlações significativas entre os atributos da amizade com as demais variáveis. Tendo como base os resultados desta análise foram realizadas duas regressões, na primeira, inserido os tipos de orientação, revelou que apenas a gratidão, altruísmo e valores centrais explicaram a intimidade [$F(3, 163) = 9,82$; $p < 0,001$; $R^2_{\text{ajustado}} = 0,13$] e a qualidade [$F(3, 176) = 11,94$; $p < 0,001$; $R^2_{\text{ajustado}} = 0,15$] da amizade. O segundo, diferente do primeiro inseriu como variáveis antecedentes os tipos de motivadores, os resultados mostraram que somente gratidão, altruísmo e valores humanitários contribuíram para explicação dos atributos da amizade, a saber: intimidade [$F(3, 166) = 10,85$; $p < 0,001$; $R^2_{\text{ajustado}} = 0,15$] e qualidade [$F(3, 176) = 13,78$; $p < 0,001$; $R^2_{\text{ajustado}} = 0,18$]. Diante dos achados, acredita-se que o artigo alcançou suas metas, além de proporcionar a literatura, que versa sobre os vínculos de amizades, novas direções para compreensão dos mesmos.

Palavras-Chave: Amizade; Valores Humanos; Personalidade.

UNDERSTANDING FRIENDSHIP: CONTRIBUTIONS OF PERSONALITY TRAITS AND HUMAN VALUES

Abstract. The present article aimed to investigate whether human values and the dark and virtuous personality can predict the quality and intimacy of friendship. They collaborated with the research 200 college students, of both sexes [male (25%) and female (75%)], from 18 to 53 years old ($M = 22.81$, $SD = 5.35$); which were selected at random (for convenience). They answered a questionnaire containing the following instruments: Friendship Quality Scale, Friendship Intimacy Scale, Dark Triad Dirty Dozen, Virtuous Personality Inventory, Basic Values Questionnaire, and a Sociodemographic Questionnaire. The analyzes were performed using IBM SPSS software, version 21, which allowed for the realization of correlations (Pearson r) and regressions (Stepwise method). The results revealed significant correlations between the attributes of friendship with the other variables. Based on the results of this analysis, two regressions were performed. In the first one, the types of orientation were introduced, revealing that only gratitude, altruism and central values explained the intimacy [$F(3, 163) = 9.82$; $p < 0.001$; R^2 adjusted = 0.13] and the quality [$F(3, 176) = 11.94$; $p < 0.001$; R^2 adjusted = 0.15] of the friendship. The second, different from the first one, inserted as antecedent variables the types of motivators, the results showed that only gratitude, altruism and humanitarian values contributed to the explanation of the attributes of friendship, namely: intimacy [$F(3, 166) = 10.85$; $p < 0.001$; R^2 adjusted = 0.15] and quality [$F(3, 176) = 13.78$; $p < 0.001$; R^2 adjusted = 0.18]. In view of the findings, it is believed that the article reached its goals, besides providing literature, which deals with the bonds of friends, new directions for understanding them.

Keywords: Friendship; Humans Values; Personality.

ENTENDIENDO LA AMISTAD: CONTRIBUCIONES DE LOS RASGOS DE PERSONALIDAD Y VALORES HUMANOS

Resumen. El presente artículo tiene por objeto investigar si los valores humanos y la personalidad sombría y virtuosa pueden predecir la calidad e intimidad de la amistad. Colaboraron con la investigación 200 estudiantes universitarios, de ambos sexos [masculino (25%) y femenino (75%)], de 18 a 53 años ($M = 22,81$; $DP = 5,35$); los cuales fueron seleccionados al azar (por conveniencia). Los mismos respondieron a un cuestionario que contenía los siguientes instrumentos: Escala de Calidad de la Amistad, Escala de Intimidad de la Amistad, *Dark Triad Dirty Dozen*, Inventario de Personalidad Virtuosa, Cuestionario de Valores Básicos y un Cuestionario Sociodemográfico. Los análisis se realizaron a través del software IBM SPSS, versión 21, que permitió la realización de correlaciones (r de Pearson) y regresiones (método Stepwise). Los resultados revelaron correlaciones significativas entre los atributos de la amistad con las demás variables. En la primera, inserto los tipos de orientación, reveló que sólo la gratitud, el altruismo y los valores centrales explicaron la intimidad [$F(3, 163) = 9,82$; $p < 0,001$; R^2 ajustado = 0,13] y la calidad [$F(3, 176) = 11,94$; $p < 0,001$; R^2 ajustado = 0,15] de la amistad. El segundo, diferente del primero introdujo como variables antecedentes los tipos de motivadores, los resultados mostraron que solamente gratitud, altruismo y valores humanitarios contribuyeron a explicar los atributos de la amistad, a saber: intimidad [$F(3, 166) = 10,85$; $p < 0,001$; R^2 ajustado = 0,15] y calidad [$F(3, 176) = 13,78$; $p < 0,001$; R^2 ajustado = 0,18]. Ante los hallazgos, se cree que el artículo alcanzó sus metas, además de proporcionar la literatura, que versa sobre los vínculos de amistades, nuevas direcciones para la comprensión de los mismos.

Palabras clave: Amistad; Valores Humanos; Personalidad.

Introdução

Os seres humanos, ao longo de sua vida, formam laços íntimos e duradouros e se beneficiam com eles. Os vínculos podem receber algumas classificações, como irmãs, irmãos, pais, namorados e amigos; estes trazem, de forma particular, hipóteses de pensamentos e emoções que subjazem cada tipo de relacionamento; além de apresentarem expectativas sobre as condutas dentro deles (Seyfarth & Cheney, 2012).

As amizades, por exemplo, são relações voluntárias e íntimas edificadas a partir da cooperação e confiança construída ao longo dos anos, que são caracterizadas, principalmente, pela afiliação e sentimentos positivos recíprocos um para o outro (Hartup, 1996). Meuwese, Cillessen e Güroğlu (2017) dão destaque ainda para a reciprocidade social, pois a mesma se apresenta como um fator estável que une o conceito de amizade em todas as etapas de desenvolvimento humano.

Esse tipo de vínculo, o qual pode ser encontrado em todas as culturas (Ciarrochi et al., 2016), quando saudável pode acarretar alguns benefícios, como por exemplo, o desenvolvimento de habilidades interpessoais, aprendizagem, amadurecimento (Gifford-Smith & Brownell, 2003), redução do estresse, diminuição de riscos de doença, aumento da longevidade (Holt-Lunstad, Smith, & Layton, 2010), desenvolvimento psicológico benéfico, resultados globais (e.g., satisfação com a vida) positivos (Akin, Akin, & Uğur, 2016), flexibilidade cognitiva, humor equilibrado, clareza dos sentimentos, otimismo e bem-estar subjetivo (Feldman, Hayes, Kumar, Greeson, & Laurenceau, 2007; Keng, Smoski, & Robins, 2011).

Chow, Ruhl e Buhrmester (2013), ao tecer discussões acerca amizade, apontou alguns fatores que podem influenciar nas consequências acima citadas, dentre elas destacam-se a empatia, capacidade de resolução de conflitos e a intimidade e Qualidade da Amizade. O primeiro desses é descrito como a capacidade de compartilhar (empatia afetiva) e entender

(empatia cognitiva) os estados emocionais, resultando na emissão de comportamentos que busquem o bem-estar do outro (Netten et al., 2015). Diante disso, alguns autores (Hayes & Ciarrochi, 2015, Kashdan & Ciarrochi, 2013) apontam a empatia como uma habilidade chave para o desenvolvimento de relações positivas.

Dentro dos relacionamentos de amizade, os conflitos são situações inevitáveis, principalmente, devido à quantidade de tempo compartilhado (Amichai-Hamburger, Kingsbury, & Schneider, 2013). Entretanto, a tendência para a resolução das desavenças podem proporcionar uma maior proximidade e estabilidade dentro das relações (Hartup, 1992).

Por fim, não menos importantes, a intimidade e a Qualidade da Amizade, as quais são, no presente artigo, centrais nas discussões. O primeiro é responsável por caracterizar os vínculos de amizade, distinguindo-os das relações cordiais e daquelas que se mantêm com seus responsáveis (Entralgo, 1985). Tal construto pode ser definido como um estado emocional de se sentir bem em compartilhar sentimentos e vivências com o outro, sem medo de julgamento; além de, apresentar-se empático frente à fala do outro (Buhrmester, 1990). Tudo isso, contribui para uma melhor gerência dos laços, e por consequência uma redução de conflitos e aumento da satisfação do relacionamento (Laursen, 1996).

A Qualidade da Amizade, por sua vez, pode ser entendida como o reflexo direto dos construtos, anteriormente, citados (Chow et al., 2017). Segundo Berndt (2002) vínculos de alta qualidade são caracterizados por elevados níveis de características positivas, como comportamento pro-social, intimidade, lealdade (Thien & Abd Razak, 2013), e, concomitantemente, baixos níveis de características negativas, a exemplo de conflitos, dominância e rivalidade (Amichai-Hamburger et al., 2013). Pesquisas que versam sobre este construto têm apontado que amizades de boa qualidade acarretam elevação na autoestima (Keefe & Berndt, 1996), aumento do bem-estar (Demir & Weitekamp, 2007), redução da ansiedade (La Greca & Moore Harrison, 2005).

Frente a esta exposição é possível perceber que um vínculo marcado por um bom nível de intimidade e qualidade é capaz de proporcionar um bem-estar para aqueles que se encontram imersos na relação (Demir & Weitekamp, 2007; Laursen, 1996). Diante dos seus efeitos sobre a vida das pessoas, este artigo buscou aprofundar as discussões sobre esses construtos, visando investigar se a Qualidade e Intimidade da Amizade podem ser explicados por algumas variáveis fortemente discutidas na atualidade: a personalidade sombria e virtuosa e os valores humanos.

A personalidade, segundo a enciclopédia Britânica (2009), pode ser compreendida como uma maneira particular de pensar, sentir e se comportar; que abarca modos, atitudes e opiniões. O documento afirma ainda que a mesma inclui características comportamentais, inerentes ou adquiridas, que distinguem uma pessoa de outra, e que podem ser observadas nas relações com o meio, com o outro ou grupos sociais. Sendo tal construto empregado com grande frequência na explicação de outras variáveis, a exemplo, conflito interpessoal (Nakayama & Ikeda, 2013), empatia (Winning & Boag, 2015), qualidade (Yu, Branje, Keijsers, & Meeus, 2014) e intimidade dos relacionamentos (Ghalami & Esmacili, 2012); justificando, assim, a sua inclusão na pesquisa.

Especificamente, voltar-se-á para os traços de personalidade sombria e virtuosa. Os primeiros descrevem pessoas que apresentam tendências e estratégias psicológicas nocivas, sendo representado pelo narcisismo, maquiavelismo e psicopatia (O'Boyle, Forsyth, Banks, Story, & White, 2014). Enquanto que narcisismo é caracterizado por um padrão agudo de grandiosidade, necessidade de admiração e egocentrismo (Caligor, Levy, & Yeomans, 2015); o maquiavelismo é marcado pelo desapego emocional, cinismo e um estilo manipulador interpessoal (Ináncsi, Láng & Bereczkei, 2015); e a psicopatia representa as pessoas com baixa afetividade, emoções superficiais, falta de remorso e empatia (Patrick, Fowles, & Krueger, 2009).

Em relação à personalidade virtuosa, essa é composta pelo altruísmo, gratidão e perdão (Oliveira, 2017) e aborda traços que instigam a emissão de comportamentos pró-sociais e interações sociais, marcadas pela harmonia, estabilidade, respeito mútuo e reciprocidade (Snyder & Lopez, 2009). O altruísmo, segundo Carlson e Zaki (2018), pode ser conceituado como um forma benéfica de se direcionar ao outro, o qual pode acarretar ganhos ao benfeitor; contudo, vale destacar que apesar deste retorno positivo, a motivação inicial e central é a promoção do bem-estar do próximo.

A gratidão pode ser definida, segundo Fagley (2012), como a tendência em responder com estima àqueles que prestaram algum ato benéfico. Este construto, segundo Watkins (2014), reforça e fortalece as relações interpessoais, surtindo nos envolvidos o sentimento de apoio. O perdão, por sua vez, é compreendido como a renúncia de sentimentos, pensamentos e comportamentos negativos frente ao seu ofensor, passando a nutrir por ele, sentimentos, pensamentos e comportamentos benévolos (Maio, Thomas, Fincham, & Carnelley, 2008). Esse assim, como os demais é responsável pela construção de vínculos sólidos e estáveis no âmbito das relações (Fenell, 1993).

Por fim, os valores humanos, última variável explicadora inserida no artigo, segundo Tamayo (1988), podem ser definidos como critérios que conduzem o comportamento, desenvolvimento e conservação das atitudes em relação às pessoas, lugares, entre outros. Os estudos acerca desse construto, dentro da Psicologia, apontam para a existência de duas perspectivas (Psicológica e Cultural), cada uma com teorias relevantes para o estudo dos valores (Gouveia, 2016). Contudo, sem deixar de reconhecer as contribuições dos demais modelos existentes, no presente trabalho, voltar-se-á para a *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos*, proposta por Gouveia (1998), a qual tem se revelado parcimoniosa e com bons índices psicométricos (Gouveia, Fonseca, Milfont, & Fischer, 2011). Gouveia (2003) destaca duas funções dos valores, a primeira se refere a guiar o comportamento humano (Tipo De

Orientação), e a segunda volta-se para expressar cognitivamente as necessidades (Tipo de Motivador). Quanto aos tipos de orientação, esta é representada pelos valores sociais, pessoais e centrais. Os valores sociais se voltam para o contexto das interações interpessoais, ou seja, os sujeitos que os priorizam são centrados na sociedade e na convivência com os demais. Os valores pessoais caracterizam indivíduos que são egocêntricos e que buscarem alcançar seus próprios interesses e benefícios (Medeiros, 2011).

Por fim, os valores centrais representam uma interface entre: (1) a certeza de boas condições para garantir a existência e (2) o comprometimento social indispensável a uma boa convivência. Os mesmos servem interesses mistos, justificando assim, seu posicionamento no centro do modelo teórico, uma vez que não há conflitos com os outros tipos de valores (Medeiros et al., 2012).

Quanto ao tipo de motivador, os valores podem ser materialistas (pragmáticos) ou idealistas (humanitários). Os primeiros representam valores de ordem prática, ou seja, dirigidos a objetivos específicos e regras normativas; além de serem peculiares de pessoas que tem um pensamento voltado para aspectos biológicos de sobrevivência. O segundo, ao contrário do anterior, são baseados em princípios e ideias mais abstratas, os quais se encontram coligados à criatividade e a abertura de espírito, implicando assim, uma menor dependência de bens materiais (Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014).

A *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos* é aqui utilizada em virtude de a mesma receber, ao longo dos últimos anos, apoio empírico, com evidências de adequação tanto em contexto brasileiro como internacional (Gouveia, 2013; Medeiros, 2011). A mesma tem apresentado um valor explicativo diante de alguns construtos que permeiam as relações interpessoais a exemplo do conflito conjugal (Freitas, 2017), satisfação conjugal (Almeida, 2016) e Escolha do (a) parceiro (a) ideal por heterossexuais (Gomes, Gouveia, Júnior, Coutinho,

& Campos, 2013), entre outros; amparando assim, a decisão de tomá-los como variáveis antecedentes no presente artigo.

Diante disso, ratifica-se aqui que a pesquisa desenvolvida teve como objetivo investigar se a Qualidade e Intimidade da Amizade podem ser explicados pela personalidade sombria e virtuosa e os valores humanos.

Método

Participantes

Colaboraram com a pesquisa 200 estudantes universitários, de ambos os sexos [masculino (25%) e feminino (75%)], de 18 a 53 anos ($M = 22,81$; $DP = 5,35$); os quais foram selecionados por conveniência. A maioria dos participantes era proveniente de instituições públicas (87 %), solteiros (87,9%) e católicos (44 %). Enfatiza-se, ainda, que os cursos que mais contribuíram na pesquisa foram Psicologia (35%) e Pedagogia (26,5%), concentrados no segundo (30,5 %) e oitavo períodos (31 %).

Instrumentos

Os participantes responderam um questionário presencial que, além de perguntas sociodemográficas (e.g., idade, sexo e estado civil), continha às medidas descritas a seguir:

Escala de Qualidade da Amizade (EQA): este instrumento foi construído por Bukowski, Hoza e Boivin (1994) e adaptado ao contexto brasileiro no Artigo 1 desta Tese. O mesmo é composto por 18 itens, organizado em um único fator, os quais são respondidos em uma escala de cinco pontos, variando de 1 (*Não descreve em nada a minha relação*) a 5 (*Descreve totalmente a minha relação*). A versão adaptada do instrumento apresentou alfas de 0,93 e 0,91, no estudo exploratório e confirmatório, respectivamente.

Escala de Intimidade da Amizade (EIA): construída por Sharabany (1994) e adaptado para o Brasil no Artigo 2 desta Tese, apresenta 29 itens distribuído em um único fator. Destaca-se que os descritores são respondidos em uma escala de seis pontos, variando de 1 (*Discordo Totalmente*) a 6 (*Concordo Totalmente*). A EIA, em sua versão adaptada, apresentou consistências internas variando de 0,91, no estudo exploratório, a 0,90, no confirmatório.

Inventário de Personalidade Virtuosa: este instrumento foi desenvolvido por Oliveira (2017), o mesmo é composto por 18 itens os quais integram três fatores de personalidade de primeira ordem (perdão, gratidão e altruísmo), em seis fatores de segunda ordem (remissão e incriminação; reconhecimento e inexpressividade; e, beneficência e egotismo). Os descritores são respondidos em uma escala *Likert* de 5 pontos, variando de 1 (*Não me descreve*) a 5 (*Descreve-me totalmente*). A medida se revelou psicometricamente adequada, apresentado índices de ajuste dentro do sugerido pela literatura [χ^2 / g.l. = 1,89; GFI = 0,92; CFI = 0,94; TLI = 0,93; RMSEA (IC 90%) = 0,05 (0,04-0,07)].

Dark Triad Dirty Dozen (DTDD): esta escala foi proposta por Jonason e Webster (2010). É composta por 12 itens, distribuídas em três fatores, a saber: psicopatia (e.g., *Item 7. Eu tendo a ser insensível ou indiferente*), maquiavelismo (e.g., *Item 3. Costumo bajular os outros para conseguir o que quero*) e narcisismo (e.g., *Item 10. Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim*). Os descritores são respondidos em uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos, variando de 1 (*Discordo totalmente*) a 5 (*Concordo totalmente*). Em sua adaptação ao contexto brasileiro a estrutura trifatorial apresentou indicadores de ajuste satisfatórios (GFI = 0,92; TLI = 0,90; RMSEA = 0,08; Gouveia, Monteiro, Gouveia, Athayde, & Cavalcanti, 2015).

Questionário dos Valores Básicos (QVB-18): Compreende 18 itens ou valores específicos, cobrindo seis subfunções valorativas (Gouveia, 2013): existência (estabilidade pessoal, sobrevivência e saúde), realização (êxito, poder e prestígio), normativa (obediência, religiosidade e tradição), suprapessoal (beleza, conhecimento e maturidade), interativa

(afetividade, apoio social e convivência) e experimentação (emoção, prazer e sexual). Com o fim de respondê-lo, o participante deveria indicar o grau de importância que cada valor tem como um princípio-guia na sua vida, utilizando escala de resposta de sete pontos, variando de 1 (Pouco importante) a 7 (Muito importante).

Procedimentos

A pesquisa teve seus primeiros passos marcados pela submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/CCS/UFPB, o qual emitiu um parecer favorável para a realização da mesma (CAAE: 73315917.2.0000.5188). Após o cumprimento dessa etapa, entrou-se em contato com os possíveis colaboradores, os quais foram abordados em locais públicos próximos das instituições de ensino, os quais eram caracterizados pela frequência constante de estudantes de graduação.

Durante a abordagem eram prestadas algumas informações sobre: o objetivo da pesquisa, a inexistência de respostas certas e erradas, a ausência de benefícios e prejuízos, o caráter sigiloso das respostas, e o direito de parar de responder em qualquer momento sem nenhum dano ao colaborador. Estas eram acordadas no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) apresentado aos participantes, os quais assinavam a fim de ratificar o entendimento geral acerca da pesquisa e aprovar o uso de suas respostas para fins científicos. Informa-se, ainda, que os colaboradores levaram aproximadamente 25 minutos para responderem todos os instrumentos.

Análise dos Dados

Para análise dos dados foi utilizado o *software* IBM SPSS (versão 21), o qual auxiliou no cálculo de estatísticas descritivas (e.g., média, frequência e desvio padrão) para caracterizar os participantes da pesquisa, e análises de correlação (r de Pearson) e regressão

múltipla (método *Stepwise*) para estimar a relação e o poder preditivo dos traços de personalidade e dos valores humanos na explicação da qualidade e intimidade da amizade.

Resultados

Para alcançar o objetivo traçado, a princípio foram executadas algumas análises de correlação (r de Pearson). Nelas foram inseridas as seguintes variáveis: valores humanos, personalidade virtuosa (perdão, gratidão e altruísmo), personalidade sombria (narcisismo, maquiavelismo e psicopatia), qualidade e intimidade da amizade. Para facilitar o entendimento dos dados, os mesmos serão explanados tomando como variáveis norteadoras as últimas citadas.

Os achados revelaram que o construto Qualidade da Amizade possui correlações positivas e significativas com as seguintes variáveis: Intimidade da Amizade ($r = 0,84$; $p < 0,001$); Gratidão ($r = 0,28$; $p < 0,001$); Altruísmo ($r = 0,29$; $p < 0,001$); as subfunções Interativa ($r = 0,26$; $p < 0,001$), Suprapessoal ($r = 0,22$; $p = 0,002$), Existência ($r = 0,27$; $p < 0,001$), Experimentação ($r = 0,22$; $p = 0,003$); os valores Sociais ($r = 0,20$; $p = 0,007$), Centrais ($r = 0,28$; $p < 0,001$), Pessoais ($r = 0,16$; $p = 0,025$), Humanitários ($r = 0,30$; $p < 0,001$) e Materialistas ($r = 0,19$; $p = 0,008$). Contudo, observou-se, também, correlação inversa e significativa com Maquiavelismo ($r = -0,23$; $p = 0,002$).

A Intimidade da Amizade, por sua vez, apresentou correlações positivas e significativas com as variáveis: Qualidade da Amizade ($r = 0,84$; $p < 0,001$); Gratidão ($r = 0,30$; $p < 0,001$); Altruísmo ($r = 0,28$; $p < 0,001$); as subfunções Interativa ($r = 0,17$; $p = 0,02$), Suprapessoal ($r = 0,20$; $p = 0,007$), Existência ($r = 0,20$; $p = 0,008$), Experimentação ($r = 0,19$; $p = 0,014$); os valores Centrais ($r = 0,30$; $p = 0,002$), Pessoais ($r = 0,16$; $p = 0,039$), Humanitários ($r = 0,24$; $p = 0,001$) e Materialistas ($r = 0,15$; $p = 0,04$). Os resultados podem ser visualizados, com maiores detalhes, na Tabela 1.

Tabela 1

Coefficiente de correlações: Qualidade da Amizade x Intimidade da Amizade x Valores Humanos x Personalidade

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Qualidade da Amizade	0,84***	0,28***	0,11	0,29***	-0,03	-0,23**	-0,13	0,12	0,26***
Intimidade da Amizade	1,00***	0,30***	0,13	0,28***	0,05	-0,13	-0,10	0,08	0,18*
	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Qualidade da Amizade	0,22**	0,27***	0,22**	0,07	0,20**	0,28***	0,16*	0,30***	0,19**
Intimidade da Amizade	0,20**	0,20**	0,19*	0,08	0,13	0,23**	0,16*	0,24**	0,15*

Notas: 1. Intimidade da Amizade; 2. Gratidão; 3. Perdão; 4. Altruísmo; 5. Narcisismo; 6. Maquiavelismo; 7. Psicopatia; 8. Subfunção Normativa; 9. Subfunção Interativa; 10. Subfunção Suprapessoal; 11. Subfunção Existência; 12. Subfunção Experimentação; 13. Subfunção Realização; 14. Valores Sociais; 15. Valores Centrais; 16. Valores Pessoais; 17. Valores Humanitários; 18. Valores Materialistas. Nível de Significância: *p < 0,05; ** p < 0,01; *** p < 0,001.

Após a conclusão desta etapa foram executadas análises de regressão, adotando o método *Stepwise*, visando conhecer quais das variáveis melhor explicariam os dois atributos da amizade. A primeira, teve-se como variável consequente o construto Qualidade da Amizade, e variáveis antecedentes, as seguintes: Gratidão, Altruísmo, Maquiavelismo, Valores Sociais, Centrais e Pessoais.

O modelo encontrado considera conjuntamente a Gratidão, o Altruísmo e os Valores Centrais [$F(3, 176) = 11,94; p < 0,001$], os quais explicaram juntos 15% da variância total (R^2 ajustado) da Qualidade da Amizade. Informa-se, ainda, que apenas a Gratidão ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,18$), Altruísmo ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,21$) e os Valores Centrais ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,21$) atuaram explicando diretamente a variável consequente em questão, sendo tais indicadores estatisticamente significativos ($t > 1,96; p < 0,05$). Na Tabela 2, é possível conferir os resultados apresentados.

Tabela 2

Primeira regressão múltipla para a Qualidade da Amizade

Preditores	R	R^2 ajustado	F	B	Beta	<i>t</i>
Altruísmo	0,29	0,08	$F(1,178) = 16,98^{***}$	0,32	0,21	$2,86^{**}$
Gratidão	0,36	0,12	$F(2,177) = 12,88^{***}$	0,25	0,18	$2,43^*$
Valores Centrais	0,41	0,15	$F(3,176) = 11,94^{***}$	0,22	0,21	$2,98^{**}$

Nota: $*p < 0,05$; $**p < 0,01$, $***p < 0,001$.

A segunda, comparada com a primeira, alterou apenas as variáveis antecedentes, retirando os valores segundo o tipo de orientação e incluiu os tipos de motivadores, humanitários e materialistas. Os resultados apontaram a Gratidão, o Altruísmo e os valores Humanitários como aqueles que melhor explicam a Qualidade da Amizade [$F(3, 176) = 13,78; p < 0,001$]. Tais variáveis contribuíram de forma direta [Valores Humanitários ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,25$); Altruísmo ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,22$) e Gratidão ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,18$)], elucidando juntas 18% da variância total (R^2 ajustado). Os resultados podem ser conferidos na Tabela 3.

Tabela 3

Segunda regressão múltipla para a Qualidade da Amizade

Preditores	R	R ² ajustado	F	B	Beta	t
Valores Humanitários	0,29	0,08	F(1,178) = 17,03***	0,28	0,25	3,70***
Altruísmo	0,40	0,15	F(2,177) = 17,24***	0,34	0,22	3,08**
Gratidão	0,43	0,18	F(3,176) = 13,78***	0,25	0,17	2,43*

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$.

A terceira análise de regressão teve-se como variáveis *inputs* Intimidade da Amizade (variável antecedente), Gratidão, Altruísmo, Valores Centrais, Sociais e Pessoais (variáveis consequentes). Os resultados encontrados estão dispostos na Tabela 4.

Tabela 4

Primeira regressão múltipla para a Intimidade da Amizade

Preditores	R	R ² ajustado	F	B	Beta	t
Gratidão	0,31	0,09	F(1,168) = 17,62***	0,22	0,21	2,66**
Altruísmo	0,36	0,12	F(2,167) = 12,28***	0,16	0,18	2,41*
Valores Centrais	0,39	0,13	F(3,166) = 9,82***	0,15	0,15	2,10*

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$.

Nota-se que apenas a Gratidão, Altruísmo e Valores Centrais [$F(3, 163) = 9,82$; $p < 0,001$] explicam a variável antecedente em questão ($R^2_{\text{ajustado}} = 0,13$), apresentando índices estatisticamente significativos ($t > 1,96$; $p < 0,001$). Destaca-se que todas as variáveis antecedentes contribuíram de forma positiva [Gratidão ($\beta_{\text{padronizado}} = 0,21$); Altruísmo ($\beta_{\text{padronizado}} = 0,18$); e Valores Centrais ($\beta_{\text{padronizado}} = 0,15$)] para a explicação da intimidade da amizade.

Uma quarta regressão foi executada, a qual se diferencia da terceira quanto as variáveis consequentes, sendo retirados os valores referentes ao tipo de orientação e inseridos os valores humanitários e materialistas. Os resultados estão descritos detalhadamente na Tabela 5.

Tabela 5

Segunda regressão múltipla para a Intimidade da Amizade

Preditores	R	R ² ajustado	F	B	Beta	t
Gratidão	0,31	0,09	F(1,168) = 17,62***	0,22	0,21	2,68**
Altruísmo	0,36	0,12	F(2,167) = 12,28***	0,23	0,19	2,54*
Valores Humanitários	0,40	0,15	F(3,166) = 10,85***	0,16	0,19	2,66**

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$, *** $p < 0,001$.

Nesta última análise, pode-se constatar que a Gratidão, o Altruísmo e os Valores Humanitários [$F(3, 166) = 10,85$; $p < 0,001$] explicaram 15 % da variância total (R^2 ajustado) da Intimidade da Amizade. Esta última foi explicada diretamente pelas variáveis antecedentes [Gratidão ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,21$); Altruísmo ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,19$) e Valores Humanitários ($\beta_{\text{Padronizado}} = 0,19$)], e os indicadores foram estatisticamente significativos ($t > 1,96$; $p < 0,05$).

Discussão

O presente artigo buscou conhecer o papel que os valores humanos e os traços de personalidade exercem na explicação da Intimidade e Qualidade da Amizade. Especificamente tomou-se como base a Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2016) e a Personalidade Sombria e Virtuosa (Monteiro, 2017; Oliveira, 2017). Acredita-se que estes objetivos tenham sido alcançados. A seguir os achados, serão melhores discutidos visando um maior aprofundamento dos mesmos.

A princípio, enfatiza-se a alta correlação existente entre a qualidade e intimidade da amizade; esta, por sua vez, já era esperada, tendo em vista que alguns autores (Bukowski & Hoza, 1989; Furman & Buhrmester, 2009), trazem, a intimidade, definida como uma das

dimensões do construto Qualidade da Amizade. Berndt (2002) corrobora esse pensamento ao afirmar que uma amizade de alta qualidade é, sempre, provida de características positivas, a exemplo de intimidade, lealdade e comportamento pró-social, e ao mesmo tempo faltosa de características negativas como conflito e rivalidade.

Quanto à personalidade virtuosa, percebeu-se que apenas a gratidão e o altruísmo se correlacionaram com a Intimidade e Qualidade da Amizade, os quais são suportados pela literatura (e.g., Algoe & Haidt, 2009; Forster, Pedersen, Smith, McCullough, & Lieberman, 2017; Hruschka, 2010). Esse vínculo, segundo Batson, Klein, Highberger e Shawet (1995), é permeado pelo altruísmo, o qual é definido como um estado motivacional, cujo objetivo final é promover o bem-estar do outro. Diante disso, a prestação de ajuda nos momentos de necessidade é um componente fundamental para a amizade em várias culturas (Hruschka, 2010). Trivers (1971) corrobora tais achados ao afirmar que as relações entre amigos dependem do altruísmo, sendo ele marcado muitas vezes pelo suporte social e material.

A gratidão, compreendida como um traço de personalidade (McCullough, Emmons, & Tsang, 2002), desempenha um importante papel na construção e manutenção de vínculos sociais, a exemplo de amizade (Bartlett, Condon, Cruz, Baumann, & Desteno, 2012), corroborando os resultados aqui expostos. O processo recíproco de receber e retornar benefícios, em uma díade, característico da gratidão, aumenta o desejo dos envolvidos em renunciar benefícios próprios para alcançar aqueles que favoreçam a todos que estão envolvidos (Forster et al., 2017). Essas condutas tem como consequência o desenvolvimento de amizades fortalecidas, as quais se pautam na percepção do outro como um fator promotor do bem-estar (Barclay, 2013), aproximando e fortalecendo os laços (Algoe, Haidt, & Gable, 2008), além de fomentar a cada dia o desejo de passar mais tempo com o seu benfeitor, elevando a qualidade e intimidade dos vínculos (Algoe & Haidt, 2009).

O perdão, o último traço de personalidade virtuosa, não exibiu correlações significativas com os atributos da amizade. Destaca-se que tais resultados não eram esperados; pois a remissão se trata de um fenômeno interpessoal que fornece estratégias pró-sociais (Bartholomaeus & Strelan, 2016) para a manutenção dos relacionamentos (Hill & Allemand, 2010). Cotroneo (1982) ratifica esse posicionamento, ao afirmar que o perdão é um fator central no processo de cura das relações estagnadas ou mergulhadas no sentimento de injustiça ou lesão. O mesmo é compreendido como uma estratégia eficiente para a resolução de conflitos (Lambert, 1979), pois implica na redução de estados emocionais negativos (e.g., vingança; Gordon, Baucom, & Snyder, 2005) e, ao mesmo tempo, na restauração de sentimentos positivos (e.g., benevolência; McCullough, Root, & Cohen, 2006), contribuindo assim, para a conservação dos vínculos de amizade e edificação de relações sociais melhores (Fincham, Hall, & Beach, 2006).

Não obstante, tal resultado pode ser reflexo da exclusão dos itens de conflito da EQA. Pois para que o perdão seja concedido à alguém é necessário a existência de alguma situação de ofensa, transgressão ou conflito (Fincham & Beach, 2002; Fincham, Beach, & Davila, 2004; Fincham, Beach, & Davila, 2007). Outra possibilidade remete-se a própria amostra, a qual tem como média de idade de 22,81 anos, público este apontado por ser mais criterioso ao construir os laços de amizade, chegando a refletir uma maior maleabilidade dentro dos seus relacionamentos de amizade, ou seja, menos motivados a manter um relacionamento marcado por ofensas e mais direcionados ao estabelecimento de novos vínculos de amizade, buscando construir laços com pessoas que proporcionem uma maior bem-estar emocional (Levinson, 1996).

Quanto aos traços de personalidade sombria, apenas o maquiavelismo apresentou uma correlação significativa com o atributo Qualidade da Amizade. A mesma foi inversa, ou seja, pessoas com altos níveis deste traço possuem baixa qualidade de amizade. Tais achados vão ao

encontro da literatura (Abell, Lyons, & Brewer, 2014; Brewer & Abell, 2017), cuja aponta que altos níveis de maquiavelismo refletem em baixos níveis de comprometimento, intimidade e qualidade dentro dos relacionamentos. Isso é justificado pela expressão desse traço de personalidade, pois o mesmo é marcado pelo desprendimento emocional, desconfiança e disposição para explorar os outros (Ináncsi et al., 2015).

Abell, Brewer, Qualter e Austin (2016), em seu estudo ratificam essa associação, ao encontrarem relações significativas e inversas, entre o maquiavelismo e as seguintes dimensões da amizade, companheirismo, ajuda, intimidade, aliança confiável, auto avaliação e segurança emocional. Segundo Abell et al. (2016) isso não é surpreendente, uma vez que o traço em questão se encontra associado a altos níveis de suspeita, cinismo e desapego. Devido a isso, pessoas com altos níveis de maquiavelismo tendem a se aproximar de pessoas gentis; os quais são, segundo os manipuladores, mais fáceis de serem exploradas (Jonason & Schmitt, 2012).

Os traços de personalidade sombria, narcisismo e psicopatia, por sua vez, não exibiram correlações relevantes, muito embora se esperasse que ambos exibissem correlações negativas. Pessoas narcisistas, por exemplo, são egocêntricas e arrogantes (Adams, Florell, Alex Burton, & Hart, 2014), e que evitam, frequentemente, aprofundar suas relações sociais devido à falta de desejo em construir e manter laços próximos e íntimos, resultando em vínculos de baixa qualidade (Khodabakhsh & Besharat, 2011) e elevação de conflito dentro da amizade (Ogrodniczuk, Piper, Joyce, Steinberg, & Duggal, 2009).

Já as pessoas com altas pontuações em psicopatia apresentam um estilo interpessoal hostil, com a manifestação de condutas que visam humilhar, retaliar e criticar o próximo, projetadas, por vezes, para inspirar medo (Leary, 1957). Essa deficiência em afetividade (Newman, MacCoon, Vaughn, & Sadeh, 2005) e baixa empatia ou remorso (Crysel, Crosier, & Webster, 2013) acarretam relacionamentos frágeis e de má qualidade (Ali & Chamorro-

Premuzic, 2010). Apesar de se esperar tal relação, no presente artigo, a mesma não foi encontrada.

Os valores, também, exibiram coeficientes de correlação significativos e positivos com a qualidade e intimidade da amizade. Dentre os comuns entre os atributos da amizade destacam-se: Valores Centrais e suas subfunções (Suprapessoal e Existência); Valores Pessoais e a sua subfunção Experimentação; a subfunção Interativa; Valores Materialista e Humanitário. Contudo, vale destacar que o tipo de orientação social se correlacionou apenas com o construto Qualidade da Amizade. Não obstante, era esperado um coeficiente de correlação elevado deste tipo de orientação com ambos os construtos de relacionamento aqui tratados, pois as pessoas que assumem esses valores primam pela boa convivência com os demais, visando à construção de bons laços, a exemplo de amizades verdadeiras, e uma vida social ativa (Gouveia, 2003; 2013).

As relações diretas dos valores pessoais com a qualidade e intimidade da amizade, podem ser explicadas pelas características das pessoas que priorizam estes valores, as quais buscam estabelecer e manter relações pessoais contratuais (Formiga, 2006). Isto favorece a instituição de um acordo entre os envolvidos, no qual é pontuado o que cada amigo acrescentará para a relação, as configurações e os demais processos que perpassam a interação (Newcomb, Bukowski, & Bagwell, 1999). Acrescenta-se, ainda, que enquanto as normas estabelecidas são cumpridas o nível de satisfação é estável ou elevada; todavia, quando há um descumprimento do acordo, os sujeitos passam a nutrir percepções negativas frente à relação, gerando tensão e insatisfação (Bagwell et al., 2005). Já as relações expressivas dos valores centrais podem ser entendidas pelo desejo de se reconhecer um ser humano útil (Gouveia, 2013), podendo o mesmo destinar altos níveis de energias para ajudar um amigo, quando este necessitar.

Quanto aos tipos de motivadores foram constatadas relações positivas com os construtos da amizade. Os valores materialistas, possuem uma ênfase em coisas práticas, guiando as

peessoas a pensarem em termos mais biológicos da sobrevivência, ou seja destinando energias para garantir sua existência e assegurar condições favoráveis para a mesma (Gouveia, Milfont, Soares, Andrade, & Leite, 2011). Os amigos, segundo Mendelson e Aboud (1999), podem contribuir diretamente a satisfação das necessidade de sobrevivência, fornecendo quando preciso assistência e aconselhamento.

Já as pessoas que endossam os valores humanitários possuem uma mente aberta, como menor dependência a bens materiais; elas tendem a não visualizar diferenças quando comparadas com os demais, considerando assim, iguais. Além disso, as relações interpessoais são apreciadas como um meta em si (Gouveia et al., 2011). Segundo McPherson, Smith-Lovin e Cook (2001), os vínculos de amizade tendem a se estenderem quando esse tipo de relacionamentos são perpassados pela percepção de igualdade entre os envolvidos. Esse entendimento, contribui para que os amigos respeitem o ponto de vista do outro, incentivando-o a expressar suas escolhas, pensamentos e emoções, resultando ao final em um maior bem-estar psicossocial nos vínculos de amizade (Deci, La Guardia, Moller, Scheiner, & Ryan, 2006).

Tomando como base os achados das correlações, foram realizadas quatro análises de regressão. Essas revelaram que a Qualidade e Intimidade da Amizade tiveram como seus principais explicadores o altruísmo, a gratidão, os valores centrais e humanitários. Tomando como base a literatura apresentada (e.g., Algoe & Haidt, 2009; Gouveia, 2013; Hruschka, 2010; Jonason & Schmitt, 2012), nessa artigo, entende-se que os construtos contribuíam para explicação de cada atributo da amizade da forma esperada. Chegando ao final com achados relevantes para a compreensão desses vínculos.

Considerações Finais

A pesquisa chega ao seu final com os seus objetivos alcançados, uma vez que se pode tomar conhecimentos das relações existentes entre as variáveis trabalhadas, além de conhecer

quais são dentre os valores e a personalidade, sombria e virtuosa, que melhor explicam a qualidade e intimidade da amizade. Entretanto, vale destacar alguns entraves, a exemplo, do uso de uma amostra não-probabilística e a possível influência da deseabilidade social nas respostas dos colaboradores. Todavia, acredita-se que tais limitações não tiram o mérito dos resultados encontrados.

Quanto a estudos futuros, sugere-se englobar outras variáveis explicadoras dos atributos da amizade aqui trabalhados, a exemplo de empatia, tempo do relacionamento e sexo do amigo próximo. A empatia, segundo a literatura (Chow et al., 2013; Davis & Kraus, 1991), é crucial para a manutenção de bons vínculos, pois as pessoas movidas pela mesma são capazes de superar seus pontos de vistas egocêntricos e experimentar os sentimentos e pensamentos dos outros, produzindo assim, relacionamentos mais satisfatórios e menos conflitantes.

O tempo decorrido após o estabelecimento de um vínculo, também é apontado como um fator influenciador da amizade. Segundo Parks (1997), com o passar do tempo os laços tendem a se aprofundarem, fazendo com que os envolvidos se tornem mais comprometidos com o relacionamento. O sexo, do amigo próximo, pode ser outra variável que venha a influenciar a qualidade e a intimidade das relações, pois as mulheres tendem a expressar um maior envolvimento e ênfase emocional em suas amizades quando comparadas com os homens (Barth & Kinder, 1988).

Por fim, acredita-se que os achados, bem como sua articulação com a literatura, aqui apresentados contribuem para a discussão dos vínculos de amizade, fornecendo material para a articulação de novas pesquisas e instigando a investigação da Qualidade e Intimidade da Amizade com novos fatores que perpassam essa interação.

Referências

- Abell, L., Brewer, G., Qualter, P., & Austin, E. (2016). Machiavellianism, emotional manipulation, and friendship functions in women's friendships. *Personality and Individual Differences*, 88, 108-113.
- Abell, L., Lyons, M., & Brewer, G. (2014). The relationship between parental bonding, Machiavellianism and adult friendship quality. *Individual Differences Research*, 12, 191-197.
- Adams, J. M., Florell, D., Burton, K. A., & Hart, W. (2014). Why do narcissists disregard social-etiquette norms? A test of two explanations for why narcissism relates to offensive-language use. *Personality and Individual Differences*, 58, 26-30.
- Akin, U., Akin, A., & Uğur, E. (2016). Mediating role of mindfulness on the associations of friendship quality and subjective vitality. *Psychological Reports*, 119, 516-526
- Algoe, S. B., & Haidt, J. (2009). Witnessing excellence in action: The 'other-praising' emotions of elevation, gratitude, and admiration. *The journal of positive psychology*, 4, 105-127.
- Algoe, S. B., Haidt, J., & Gable, S. L. (2008). Beyond reciprocity: Gratitude and relationships in everyday life. *Emotion*, 8, 425-429.
- Ali, F., & Chamorro-Premuzic, T. (2010). The dark side of love and life satisfaction: Associations with intimate relationships, psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual Differences*, 48, 228-233.
- Almeida, A. C. (2016). *Satisfação conjugal e valores humanos dos casais de famílias intactas e recasadas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Amichai-Hamburger, Y., Kingsbury, M., & Schneider, B. H. (2013). Friendship: An old concept with a new meaning? *Computers in Human Behavior*, 29, 33-39.
- Bagwell, C. L., Bender, S. E., Andreassi, C. L., Kinoshita, T. L., Montarello, S. A., & Muller, J. G. (2005). Friendship quality and perceived relationship changes predict psychosocial

- adjustment in early adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 235–254.
- Barclay, P (2013). Strategies for cooperation in biological markets, especially for humans. *Evolution and Human Behavior*, 34, 164 -175.
- Barth, R. J., & Kinder, B. N. (1988). A theoretical analysis of sex differences in same-sex friendships. *Sex Roles*, 19(5-6), 349-363.
- Bartholomaeus, J., & Strelan, P. (2016). Just world beliefs and forgiveness: The mediating role of implicit theories of relationships. *Personality and Individual Differences*, 96, 106-110.
- Bartlett, M. Y., Condon, P., Cruz, J., Baumann, J., & Desteno, D. (2012). Gratitude: Prompting behaviours that build relationships. *Cognition & Emotion*, 26, 2-13.
- Batson, C. D., Klein, T. R., Highberger, L., & Shaw, L. L. (1995). Immorality from empathy-induced altruism: When compassion and justice conflict. *Journal of personality and social psychology*, 68, 1042 - 1054.
- Berndt, T. J. (2002). Friendship quality and social development. *Current directions in psychological science*, 11, 7-10.
- Brewer, G., & Abell, L. (2017). Machiavellianism, relationship satisfaction, and romantic relationship quality. *Europe's journal of psychology*, 13, 491-502.
- Buhrmester, D. (1990). Intimacy of friendship, interpersonal competence, and adjustment during preadolescence and adolescence. *Child development*, 61, 1101-1111.
- Bukowski, W. M., & Hoza, B. (1989). Popularity and friendship: Issues in theory, measurement and outcome. In T. J. Berndt & G. W. Ladd (Eds.), *Peer relationships in child development* (pp. 15–45). Oxford: Wiley & Sons.
- Bukowski, W. M., Hoza, B., & Boivin, M. (1994). Measuring friendship quality during pre-and early adolescence: The development and psychometric properties of the Friendship Qualities Scale. *Journal of social and Personal Relationships*, 11, 471-484.

- Caligor, E., Levy, K. N., & Yeomans, F. E. (2015). Narcissistic personality disorder: diagnostic and clinical challenges. *American Journal of Psychiatry*, 172, 415-422.
- Carlson, R. W., & Zaki, J. (2018). Good deeds gone bad: Lay theories of altruism and selfishness. *Journal of Experimental Social Psychology*, 75, 36-40.
- Chow, C. M., Ruhl, H., & Buhrmester, D. (2013). The mediating role of interpersonal competence between adolescents' empathy and friendship quality: A dyadic approach. *Journal of Adolescence*, 36, 191-200.
- Ciarrochi, J., Parker, P. D., Sahdra, B. K., Kashdan, T. B., Kiuru, N., & Conigrave, J. (2017). When empathy matters: The role of sex and empathy in close friendships. *Journal of personality*, 85, 494-504.
- Cotroneo, M. (1982). The role of forgiveness in family therapy. Gurman, A. J. (Ed.). In *Questions and Answers in the Practice of Family Therapy*, (pp. 241-244). New York: Brunner/Mazel.
- Crysel, L. C., Crosier, B. S., & Webster, G. D. (2013). The Dark Triad and risk behavior. *Personality and Individual Differences*, 54, 35-40.
- Davis, M. H., & Kraus, L. A. (1991). Dispositional empathy and personal relationships. In W. H. Jones, & D. Perlman (Eds.). *Advances in personal relationships*, Vol. 3 (pp. 75-115). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Deci, E. L., La Guardia, J. G., Moller, A. C., Scheiner, M. J., & Ryan, R. M. (2006). On the benefits of giving as well as receiving autonomy support: Mutuality in close friendships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 313-327.
- Demir, M., & Weitekamp, L. A. (2007). I am so happy'cause today I found my friend: Friendship and personality as predictors of happiness. *Journal of Happiness Studies*, 8, 181-211.
- Entralgo, J. (1985). *Sobre la amistad [About friendship]*. Madrid, Spain: Austral

- Fagley, N. S. (2012). Appreciation uniquely predicts life satisfaction above demographics, the Big 5 personality factors, and gratitude. *Personality and Individual Differences*, 53, 59-63.
- Feldman, G., Hayes, A., Kumar, S., Greeson, J., & Laurenceau, J. -P. (2007). Mindfulness and emotion regulation: The development and initial validation of the cognitive and affective mindfulness scale-revised (CAMS-R). *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 29, 177–190.
- Fenell, D. (1993). Characteristics of long-term first marriages. *Journal of Mental Health Counseling*, 15, 450-460.
- Fincham, F. D., & Beach, S. R. (2002). Forgiveness in marriage: Implications for psychological aggression and constructive communication. *Personal Relationships*, 9(3), 239-251.
- Fincham, F. D., Beach, S. R., & Davila, J. (2004). Forgiveness and conflict resolution in marriage. *Journal of family psychology*, 18(1), 72-81.
- Fincham, F. D., Beach, S. R., & Davila, J. (2007). Longitudinal relations between forgiveness and conflict resolution in marriage. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 542-545.
- Fincham, F. D., Hall, J., & Beach, S. R. (2006). Forgiveness in marriage: Current status and future directions. *Family Relations*, 55, 415-427.
- Formiga, N. S. (2006). Valores humanos e condutas delinqüentes: As bases normativas da conduta anti-social e delitiva em jovens brasileiros. *Psicología para América Latina*, 7, 1-15.
- Forster, D. E., Pedersen, E. J., Smith, A., McCullough, M. E., & Lieberman, D. (2017). Benefit valuation predicts gratitude. *Evolution and Human Behavior*, 38, 18-26.
- Freitas, N. B. C. (2017). *Estratégias de resolução dos conflitos conjugais: uma explicação a partir da personalidade e dos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

- Furman, W., & Buhrmester, D. (2009). Methods and measures: The network of relationships inventory: Behavioral systems version. *International journal of behavioral development*, 33, 470-478.
- Ghalami, F., & Esmaeili, A. T. (2012). Five personality factors and intimacy attitude. *International Journal of Psychology*, 47, 719-719.
- Gifford-Smith, M. E., & Brownell, C. A. (2003). Childhood peer relationships: Social acceptance, friendships, and peer networks. *Journal of School Psychology*, 41, 235-284.
- Gordon, K. C., Baucom, D. H., & Snyder, D. K. (2005). Forgiveness in couples: Divorce, infidelity, and couples therapy. In E. L. Worthington (Ed.), *Handbook of forgiveness* (pp. 407–421). New York: Routledge Taylor & Francis Group. America.
- Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Fundamentos, Aplicações e Perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V. (2016). Introdução à Teoria Funcionalista dos Valores. In V. V. Gouveia (Ed.), *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-27). São Paulo: Vetor.
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. Em C. V. Torres & E. R. Neiva (Eds.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes* (pp. 296 - 313). Porto Alegre, RS: ArtMed

- Gouveia, V.V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014). Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, 60, 41-47.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Soares, A. K. S., Andrade, P. R., & Leite, I. L. (2011). Conhecendo os valores na infância: evidências psicométricas de uma medida. *Psico*, 42, 106-115.
- Hartup, W. W. (1992). Conflict and friendship relations. In C. U. Shantz & W. W. Hartup (Eds.), *Conflict in child and adolescent development* (pp. 186–215). New York, NY: Cambridge University Press.
- Hayes, L., & Ciarrochi, J. (2015). *The thriving adolescent: Using acceptance and commitment therapy and positive psychology to help young people manage emotions, achieve goals, and build positive relationships*. Oakland, CA: Context Press.
- Hill, P. L., & Allemand, M. (2010). Forgiveness and adult patterns of individual differences in environmental mastery and personal growth. *Journal of Research in Personality*, 44, 245-250.
- Holt-Lunstad, J., Smith, T. B., & Layton, J. B. (2010). Social relationships and mortality risk: a meta-analytic review. *PLoS medicine*, 7, 1-20.
- Hruschka, DJ (2010). *Friendship: development, ecology, and evolution of a relationship*. Berkeley, CA: University of California Press.
- Ináncsi, T., Láng, A., & Bereczkei, T. (2015). Machiavellianism and adult attachment in general interpersonal relationships and close relationships. *Europe's journal of psychology*, 11, 139-154.
- Jonason, P.K., & Schmitt, D.P. (2012). What have you done for me lately? Friendship selection in the shadow of the Dark Triad traits. *Evolutionary Psychology*, 10, 400–421.

- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The dirty dozen: a concise measure of the dark triad. *Psychological Assessment, 22*, 420-432.
- Kashdan, T. B., & Ciarrochi, J. (Eds.). (2013). *Mindfulness, acceptance, and positive psychology: The seven foundations of wellbeing*. Oakland, CA: Context Press.
- Keefe, K., & Berndt, T. J. (1996). Relations of friendship quality to self-esteem in early adolescence. *The Journal of Early Adolescence, 16*, 110-129.
- Keng, S. L., Smoski, M. J., & Robins, C. J. (2011). Effects of mindfulness on psychological health: A review of empirical studies. *Clinical psychology review, 31*, 1041-1056.
- Khodabakhsh, M. R., & Besharat, M. A. (2011). Mediation effect of narcissism on the relationship between empathy and the quality of interpersonal relationships. *Procedia-Social and Behavioral Sciences, 30*, 902-906.
- La Greca, A. M., & Harrison, H. M. (2005). Adolescent peer relations, friendships, and romantic relationships: Do they predict social anxiety and depression? *Journal of clinical child and adolescent psychology, 34*, 49-61.
- Lambert, J. C. (1979). *The Human Action of Forgiving*. New York: University Press of
- Laursen, B. (1996). Closeness and conflict in adolescent peer relationships: interdependence with friends and romantic partners. In W. M. Bukowski, A. F. Newcomb, & W. W. Hartup (Eds.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 186–210). New York: Cambridge University Press.
- Leary, T. (1957). *Interpersonal diagnosis of personality*. New York: Ronald Press.
- Levinson, D. J. (1996). *The seasons of a woman's life*. New York: Knopf.
- Maio, G. R., Thomas, G., Fincham, F. D., & Carnelley, K. B. (2008). Unraveling the role of forgiveness in family relationships. *Journal of Personality and Social Psychology, 94*, 307-319.

- McCullough, M. E., Emmons, R. A., & Tsang, J. A. (2002). The grateful disposition: a conceptual and empirical topography. *Journal of personality and social psychology*, 82, 112-127.
- McCullough, M. E., Root, L. M., & Cohen, A. D. (2006). Writing about the benefits of an interpersonal transgression facilitates forgiveness. *Journal of consulting and clinical psychology*, 74, 887- 897.
- McPherson, M., Smith-Lovin, L., & Cook, J. M. (2001). Birds of a feather: Homophily in social networks. *Annual review of sociology*, 27, 415-444.
- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Medeiros, E. D., Gouveia, V. V., Gusmão, E. É. S, Milfont, T. L., Fonseca, P. N., & Aquino, T. A. A. (2012). Teoria funcionalista dos valores humanos: evidências de sua adequação no contexto paraibano. *Revista de Administração Mackenzie*, 13, 18-44.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue canadienne des sciences du comportement*, 31, 130 -132.
- Meuwese, R., Cillessen, A. H., & Güroğlu, B. (2017). Friends in high places: A dyadic perspective on peer status as predictor of friendship quality and the mediating role of empathy and prosocial behavior. *Social Development*, 26, 503-519.
- Nakayama, M., & Ikeda, Y. (2013). The Relationship between Interpersonal Conflicts and Personality Traits in Friendship between Mothers Rearing Little Children. *Japanese Journal of Personality*, 22, 285-289.

- Netten, A. P., Rieffe, C., Theunissen, S. C., Soede, W., Dirks, E., Briare, J. J., & Frijns, J. H. (2015). Low empathy in deaf and hard of hearing (pre) adolescents compared to normal hearing controls. *PLoS One*, *10*, 1-15.
- Newcomb, A. F., Bukowski, W. M., & Bagwell, C. L. (1999). Knowing the sounds: Friendship as a developmental context. In W. A. Collins & B. Laursen (Eds.), *The Minnesota Symposia on Child Psychology* (Vol. 30): Relationships as developmental contexts (pp. 63–84). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Newman, J. P., MacCoon, D. G., Vaughn, L. J., & Sadeh, N. (2005). Validating a distinction between primary and secondary psychopathy with measures of Gray's BIS and BAS constructs. *Journal of Abnormal Psychology*, *114*, 319-323.
- O'Boyle, E. H., Forsyth, D. R., Banks, G. C., Story, P. A., & White, C. D. (2015). A meta-analytic test of redundancy and relative importance of the dark triad and five-factor model of personality. *Journal of Personality*, *83*, 644-664.
- Ogrodniczuk, J. S., Piper, W. E., Joyce, A. S., Steinberg, P. I., & Duggal, S. (2009). Interpersonal problems associated with narcissism among psychiatric outpatients. *Journal of Psychiatric Research*, *43*, 837-842.
- Oliveira, I. C. V. (2017). *Personalidade Virtuosa: evidências psicométricas e correlatos valorativos e pró-sociais*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Parks, M. R. (1997). Communication networks and relationship life cycles. In S. Duck, R. S. L. Mills, W. Ickes, K. Dindia, R. M. Milardo, & B. R. Sarason (Eds.), *Handbook of personal relationships* (2nd ed., pp. 351–372). Chichester, UK: Wiley.
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology*, *21*, 913-938.

- "Personality." Britannica Academic, Encyclopædia Britannica (2009). Recuperado de: academic-eb-britannica.ez17.periodicos.capes.gov.br/levels/collegiate/article/personality/108533. Acessado em: 02 de Fevereiro de 2018.
- Seyfarth, R. M., & Cheney, D. L. (2012). The evolutionary origins of friendship. *Annual Review of Psychology*, 63, 153-177.
- Sharabany, R. (1994). Intimate friendship scale: Conceptual underpinnings, psychometric properties and construct validity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 449-469.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Tamayo, A. (1988). Influência do sexo e da idade sobre o sistema de valores. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 40, 91-104.
- Thien, L. M., Thurasamy, R., & Razak, N. A. (2014). Specifying and assessing a formative measure for Hofstede's cultural values: a Malaysian study. *Quality & Quantity*, 48, 3327-3342.
- Trivers, R. L. (1971). The evolution of reciprocal altruism. *The Quarterly review of biology*, 46, 35-57.
- Watkins, P. C. (2014). *Gratitude and the good life: Toward a psychology of appreciation*. Dordrecht, The Netherlands: Springer.
- Winning, A. P., & Boag, S. (2015). Does brief mindfulness training increase empathy? The role of personality. *Personality and Individual Differences*, 86, 492-498.
- Yu, R., Branje, S., Keijsers, L., & Meeus, W. H. (2014). Personality effects on romantic relationship quality through friendship quality: A ten-year longitudinal study in youths. *PloS one*, 9, 1- 12.

ARTIGO 4

Amizade: Desenvolvimento de um Modelo Explicativo

Friendship: Development of an Explanatory Model

Título Abreviado: Explicando a Amizade

Bruna de Jesus Lopes

Universidade Federal da Paraíba

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

AMIZADE: DESENVOLVIMENTO DE UM MODELO EXPLICATIVO

Resumo. O artigo, em questão, voltou-se para a construção e comparação de modelos explicativos da amizade incluindo como explicadores os construtos personalidade virtuosa e valores humanos, visando obter como produto final um modelo que apresentasse indicadores de ajustes mais satisfatórios. Para alcançar o objetivo, contou-se com uma amostra não probabilística (por conveniência), composta por 200 sujeitos, os quais apresentaram média idade de 21 anos ($DP = 4,24$; variando entre 18 e 39). A maioria era do sexo feminino (68,0 %), estado civil solteiro (90,5 %), católicos (52,0 %) e estudantes do curso de Psicologia (56,5 %). Os mesmos responderam os seguintes instrumentos: Escala de Qualidade da Amizade, Escala de Intimidade da Amizade, Inventário de Personalidade Virtuosa, Questionário dos Valores Básicos e um Questionário Sociodemográfico. As análises foram auxiliadas pelos softwares IBM SPSS e AMOS. Os resultados das análises de caminhos (*path analysis*) revelou que o modelo cuja exibiu melhores índices de bondade de ajuste foi o terceiro, o qual tem como variáveis explicadoras os traços de personalidade virtuosos, gratidão e altruísmo, e os valores sociais. O modelo apresentou os seguintes índices: $\chi^2 (6) = 5,38$; $p < 0,001$; $\chi^2/df = 0,90$, CFI = 1,00, TLI = 1,00; RMSEA = 0,00 (IC 90% = 0,00 - 0,08), adiciona-se ainda que todos os pesos de regressão foram significativamente diferentes de zero ($t > 1,96$; $p < 0,05$), variando entre 0,10 e 0,90. Diante disso, conclui-se que a amizade pode ter como um fator mantenedor o altruísmo, a gratidão e os valores sociais, os quais juntos contribuem para a construção e manutenção de um vínculo saudável e forte.

Palavras-Chave: Modelo Explicativo; Amizade; Personalidade Virtuosa; Valores Humanos.

FRIENDSHIP: DEVELOPMENT OF AN EXPLANATORY MODEL

Abstract. The article, in question, turned to the construction and comparison of explanatory models of friendship including as constructors the constructs virtuous personality and human values, aiming to obtain as final product a model that presented indicators of more satisfactory adjustments. To reach the objective, a non-probabilistic sample (for convenience) was composed of 200 subjects, who presented a mean age of 21 years ($SD = 4.24$, ranging from 18 to 39). The majority were female (68.0%), single civil status (90.5%), Catholics (52.0%) and Psychology students (56.5%). They answered the following instruments: Friendship Quality Scale, Friendship Intimacy Scale, Virtuous Personality Inventory, Basic Values Questionnaire, and a Sociodemographic Questionnaire. The analyzes were aided by the IBM SPSS and AMOS software. The results of the path analysis revealed that the model with the best indices of goodness of fit was the third one, which has as explanatory variables the virtuos personality traits, gratitude and altruism, and social values. The model presented the following indexes: $\chi^2(6) = 5.38$; $p < 0.001$; $\chi^2 / gl = 0.90$, CFI = 1.00, TLI = 1.00; RMSEA = 0.00 (IC 90% = 0.00 - 0.08), it is further added that all regression weights were significantly different from zero ($t > 1.96$, $p < .05$), ranging from 0.10 and 0.90. In the light of this, it can be concluded that friendship can have as a main factor altruism, gratitude and social values, which together contribute to the construction and maintenance of a healthy and strong bond.

Keywords: Explanatory Model; Friendship; Virtuous Personality; Humans Values.

AMISTAD: DESARROLLO DE UN MODELO EXPLICATIVO

Resumen. El artículo, en cuestión, se volvió a la construcción y comparación de modelos explicativos de la amistad incluyendo como explicadores los constructos personalidad virtuosa y valores humanos, buscando obtener como producto final un modelo que presentase indicadores de ajustes más satisfactorios. Para alcanzar el objetivo, se contó con una muestra no probabilística (por conveniencia), compuesta por 200 sujetos, los cuales presentaron edad media de 21 años ($DP = 4,24$, variando entre 18 y 39). La mayoría era del sexo femenino (68,0%), estado civil soltero (90,5%), católicos (52,0%) y estudiantes del curso de Psicología (56,5%). Los mismos respondieron los siguientes instrumentos: Escala de Calidad de la Amistad, Escala de Intimidad de la Amistad, Inventario de Personalidad Virtuosa, Cuestionario de los Valores Básicos y un Cuestionario Sociodemográfico. Los análisis fueron auxiliados por el software IBM SPSS y AMOS. Los resultados de los análisis de caminos (path analysis) reveló que el modelo cuya exhibición de mejores índices de bondad de ajuste fue el tercero, el cual tiene como variables explicadoras los rasgos de personalidad virtuosos, gratitud y altruismo, y los valores sociales. El modelo presentó los siguientes índices: $\chi^2 (6) = 5,38$; $p < 0,001$; $\chi^2 / gl = 0,90$, CFI = 1,00, TLI = 1,00; En el caso de que se produzca un cambio en la calidad de los alimentos, se debe tener en cuenta que, en la mayoría de los casos, 0, 10 y 0,90. Por lo tanto, se concluye que la amistad puede tener como un factor mantenedor el altruismo, la gratitud y los valores sociales, los cuales juntos contribuyen a la construcción y mantenimiento de un vínculo sano y fuerte.

Palabras clave: Modelo explicativo; Amistad; Personalidad virtuosa; Valores Humanos.

Introdução

A amizade trata-se de um vínculo interpessoal, o qual é marcado pela reciprocidade, confiança e apreço mútuo (Garcia, 2005). Smollar e Youniss (1985) definem esse tipo de relação como aquela marcada pela aceitação dos pensamentos e comportamentos do outro, mesmo que estes sejam distintos dos seus, ou seja, a amizade consiste em aceitar os outros em suas particularidades, desviando assim, de possíveis conflitos decorrentes das diferenças individuais.

A investigação acerca desse tipo de vínculo teve um crescimento a partir dos anos 80 (Garcia, 2005), principalmente pelas suas consequências positivas na vida daqueles que detinham bons laços de amizade, a exemplo do bem estar social e emocional (Amichai-Hamburger, Kingsbury, & Schneider, 2013), e redução de quadros depressivos e de estresse (Bagwell et al., 2005).

Segundo Souza e Garcia (2008) esse tipo de vínculo varia ao longo dos estágios do desenvolvimento humano. Na infância, os relacionamentos de amizade possuem um importante papel no desenvolvimento social das crianças, possibilitando-as, durante o processo de interação, mediada pela brincadeira (Souza, Silveira, & Rocha, 2013), aprenderem mais sobre si mesmas, seus pares e o ambiente que o circunda (Garcia & Pereira, 2008). Nessa fase, a maioria das crianças tem uma média de três amigos (Berndt, Hawkins, & Hoyle, 1986), os quais são selecionados em virtude das semelhanças (e.g., comportamento) percebidas com os seus pares (Rubin, Coplan, Chen, Buskirk, & Wojslawowicze, 2005). Segundo Garcia e Pereira (2008), com o avanço da idade, as amizades antes abstratas, tornam-se concretas, revelando uma maior estabilidade nos relacionamentos, elevação do altruísmo e ampliação do seu conhecimento pessoal.

As amizades na adolescência, quando comparadas com a infância, envolvem maior exposição social a amigos e acréscimo do número de atividades e tempo compartilhado com

seus pares (Bagwell & Schmidt, 2013). A conquista de uma maior autonomia, contribui para que os adolescentes compartilhem horas a mais com os seus amigos, acarretando na valorização das opiniões e expectativas destes; desenvolvendo assim, relacionamentos mais complexos e duradouros (Brown & Larson, 2009).

Nesta fase, ainda, é possível perceber uma vasta literatura que buscou investigar as consequências desses vínculos, podendo estes ser positivos e negativos. Como exemplo destes últimos, destacam-se iniciação sexual precoce (Sieving, Eisenberg, Pettingell, & Skay, 2006), uso de drogas lícitas (e.g., cigarros e álcool; Bauman, Carver, & Gleiter, 2001), distorção da imagem corporal (Jaccard, Blanton, & Dodge, 2005) e emissão de comportamentos delinquentes (Elliott, 1994). Dentre os efeitos positivos encontrados pode-se enfatizar o aumento de condutas pró-sociais e o desenvolvimento acadêmico (Barry & Wentzel, 2006).

Já na fase jovem adulto, os relacionamentos de amizade se intensificam, principalmente, devido à entrada no ambiente universitário (Rawlins, 1992). Esse período é acompanhado por desafios, tornando as construções de vínculos mais críticas e consistentes (Levinson, 1996); principalmente, devido aos conflitos que surgem, com frequência, em decorrência do alto número de horas que os envolvidos compartilham (Legge & Rawlins, 1992).

No início da idade adulta os amigos possuem um papel importante. Eles são fontes de informações que contribuem para a tomada de decisões sobre assuntos pertinentes, a exemplo, da carreira, relacionamentos românticos e até mesmo mudanças de autoconceito; contribuindo assim, para um ajuste social positivo nessa idade (Rawlins, 1992). Apesar dessa importância, nessa fase da vida, há uma redução de amigos, que ocorre em virtude de uma possível relação amorosa estável e/ou filhos que se encontram em fase de cuidados maiores; perdendo a amizade espaço para a família e a carreira (Carbery & Buhrmester, 1998).

Na velhice as amizades tornam-se mais heterogêneas, ou seja, as pessoas possuem dentro do seu vínculo de relacionamentos próximos, tanto homens quanto mulheres. Nessa fase,

nota-se a presença de amizades antigas e novas. As primeiras, normalmente, são procuradas para trocar confidências, pedir conselhos e relembrar momentos os quais foram compartilhados; já os vínculos mais recentes não deixam de ter o seu valor, elas ganham espaço na vida das pessoas mais velhas ao fornecerem novas perspectivas de ver e compreender o mundo, ou seja, elas oferecem um ponto de vista distinto (Shea, Thompson, & Blieszner, 1988).

Destaca-se, ainda, que a velhice é marcada, também, pela redução do número de amigos, em virtude, principalmente, da diminuição das horas compartilhadas e encontros sociais (Adams, Blieszner & deVries, 2000). Todavia, os vínculos existentes são, por vezes, considerados suficientes para suprir suas necessidades afetivas (Marchi, Schneider, Oliveira, 2011). Debert (1999) ratifica essa ideia ao afirmar que a convivência e cultivos dessas poucas amizades são essenciais para a felicidade e bem-estar desse grupo etário.

Contudo, vale destacar que apesar das transformações, ao longo da vida, dos vínculos de amizades, estes possuem características próprias (Asher, Parker, & Walker, 1996). Esses mesmos autores, por exemplo, destacam como os principais atributos da amizade: (1) a disposição em compartilhar o tempo livre com o outro, acarretando, por conseguinte, comprometimento recíproco e interdependência; o (2) companheirismo, marcado pela ação de se fazer presente na vida do outro, dividindo vários momentos, sejam eles agradáveis ou não; e (3) a reciprocidade, a qual implica no ato de retribuir sentimentos, palavras e ações semelhantes aquelas recebidas.

O apoio social, por sua vez, é apontado por alguns autores (Dykstra, 1995; Oda, Hiraishi, Fukukawa, & Matsumoto-Oda, 2011) como outro importante atributo dos vínculos de amizade, o qual consiste em ser suporte para o outro quando este precisar. Bagwell et al. (2005) demonstra essa afirmação ao trazer evidências empíricas de que o apoio, principalmente, na adolescência encontra-se relacionado a um bom ajuste psicológico.

Outra característica que merece destaque trata-se da empatia, a qual consiste no exercício de pôr-se no lugar do outro e contribuí para o melhor entendimento sobre os pensamentos e os comportamentos do seu amigo (Davis & Kraus, 1991). Esse atributo, segundo Chow, Ruhl e Buhrmester (2013), colabora com a superação de pontos de vistas egocêntricos e aumento da competência de gerenciar conflitos, reduzindo, assim, os desentendimentos e aumentando o nível de satisfação frente aos seus vínculos.

Por fim, destaca-se aqui a Intimidade e a Qualidade da Amizade, os quais são, neste estudo, construtos centrais de investigação. O primeiro é apontando como o atributo facilitador de formação de vínculos fora do contexto familiar (Collins & Van Dulmen, 2006), pois o mesmo ajuda as pessoas a distinguirem entre as pessoas que são e aquelas não são próximas e importantes (Gerstein, 1978).

A intimidade pode ser compreendida, ainda, como um fator que ocupa uma posição privilegiada, dentro dos relacionamentos de amizade (Chambers, 2017). Isso é justificado devido á abertura proporcionada por esse atributo, em compartilhar pensamentos e sentimentos íntimos (Bauminger, Finzi-Dottan, Chason, & Har-Even, 2008). De acordo com a literatura (Ahmetoglu, Swami, & Chamorro-Premuzic, 2010; Cheng, Phil, Chan, & Yong, 2006) essa confiança permite dividir segredos ao longo do tempo, uma vez que as amizades mais longas são mais íntimas e compreensíveis, quando comparadas com aquelas de curta duração.

Já a Qualidade da Amizade, pode ser entendida como o resultado de todos os atributos anteriormente citados, ou seja, altos níveis de intimidade, empatia, disposição em compartilhar o tempo livre com o outro, companheirismo, reciprocidade e apoio social (Ahmetoglu et al., 2010; Berndt, 2002; Brechwald & Prinstein, 2011; Harter, 1999; Heilbron & Prinstein, 2008; Hussong, 2000; Smith & Rose, 2011; Thien & Abd Razak, 2013). Berndt (2002), completa essa definição, ao pontuar que a Qualidade da Amizade é caracterizada pelo alto nível de

características positivas (e.g., Intimidade) e baixos níveis de características negativas (e.g., conflitos).

Embora a amizade seja permeada pelos diversos atributos descritos, o presente artigo voltar-se-á apenas para a qualidade e intimidade desse vínculo. Mas especificamente, tomará como base o estudo realizado no Artigo 3, intitulado “Entendendo a amizade: Contribuições dos traços de personalidade e valores humanos”, o qual teve como objetivo conhecer o poder destes últimos construtos em explicar a qualidade e intimidade da amizade. Diante desse suporte empírico, a presente pesquisa incluirá as variáveis personalidade virtuosa e valores humanos, em virtude de as mesmas terem se apresentado como maiores preditoras dos atributos da amizade.

Os traços de personalidade (e.g., gratidão, altruísmo e perdão) podem ser utilizados para prever e explicar os comportamentos dos indivíduos (Pervin & John, 2004). Schultz e Schultz (2015) corroboram esta ideia ao definirem os traços de personalidade como elementos mentais relativamente estáveis, que detêm a capacidade de explicar as condutas das pessoas em diversas situações.

Paralela a essa discussão, Oliveira (2017) voltou seu trabalho para a investigação dos seguintes traços: perdão, gratidão e altruísmo; sendo estes denominados, pela autora, dimensões da personalidade virtuosa. Esses traços, diferentes daqueles que compõem a Dark Triad (Paulhus & Williams, 2002), favorecem a emissão de comportamentos pró-sociais e interações sociais, marcadas por estabilidade, respeito mútuo e reciprocidade (Snyder & Lopez, 2009).

O perdão, por exemplo, pode ser compreendido como a renúncia a ressentimentos e julgamentos negativos, fomentando, ao mesmo tempo, qualidades positivas, como compaixão, generosidade e até mesmo amor (Enright, Freedman, & Rique, 1998). A importância desse construto ancora-se no seu papel regulador e mantenedor dos mais variados tipos de relacionamentos, pois o perdão ajuda a diminuição de sentimentos, pensamentos e

comportamentos negativos frente ao ofensor, despertando na vítima o desejo e esforço de reaproximação e reconciliação (Fincham, Beach, & Davila, 2004; Fincham, Hall, & Beach, 2006).

A gratidão, pode ser compreendida como o reconhecimento, por parte de uma pessoa, das ações benéficas emitidas por um terceiro (Emmons, 2004). Em outras palavras, a mesma pode ser entendida como um traço de personalidade empático, o qual possibilita que os indivíduos emitam condutas pró-sociais (Paludo & Koller, 2006). Além disso, a gratidão pode propiciar o desenvolvimento de habilidades (e.g., lealdade e cuidado) que reverbere positivamente nas relações interpessoais (Fredrickson, 2013).

No que diz respeito ao altruísmo, esse pode ser considerado uma forma avançada de comportamento pró-social (Gouveia, Santos, Athayde, Souza, & Gusmão, 2014), uma vez que o mesmo tem como característica principal a emissão de atos voluntários que visem beneficiar o outro, sem levantar probabilidades ou expectativas de receber algo em troca, ou ainda evitar punições e castigos (Maner & Gailliot, 2007). O altruísmo pode, portanto, ser compreendido como um fator que contribui para o fortalecimento dos vínculos, pois o mesmo colabora com o despertar e fortalecimento do sentimento de pertença e afiliação (Szuster, 2016).

A partir do exposto, percebe-se a ênfase que é dada as características de personalidade na explicação de comportamentos dos indivíduos (e.g., companheirismo, reciprocidade; Ahmetoglu et al., 2010; Berndt, 2002). Todavia, além de considerar a influência de variáveis mais estáveis, e com maior componente genético, como a personalidade, também é pertinente pensar em construtos que possam auxiliar em um maior entendimento das condutas, bem como verificar o papel de variáveis de cunho social para o estudo da intimidade e qualidade na amizade. Considerando estas características, é possível pensar nos valores humanos, construto formado, sobretudo no processo de socialização dos indivíduos (Araújo, 2016).

Nesse contexto, algo que chama atenção e aumenta a utilidade destes dois construtos é a estabilidade temporal e contextual dos mesmos (Homer & Kahle, 1988; Roccas, Sagiv, Schwartz, & Knafo, 2002). Assim, mesmo com as diferenças existentes entre valores e traços de personalidade, como, por exemplo, um componente socialmente aprendido dos valores em contraste com a disposição hereditária da personalidade, é importante adotar uma perspectiva integrativa, ou seja, considerar ambos os construtos na explicação da amizade. Logo, percebe-se que a inserção do estudo dos valores parece ser algo pertinente, uma vez que possibilitará compreender a interferência do contexto social nos comportamentos dos sujeitos (Monteiro, 2014).

Apesar da existência de uma compreensão razoavelmente comum acerca dos valores, diferentes teóricos vêm buscando explicar seu conteúdo e estrutura (tais como Rokeach, 1973; Inglehart, 1991; Schwartz, 1994). No presente artigo considera-se um modelo específico, denominado Teoria Funcionalista dos Valores Humanos, que tem se configurando como uma proposta mais parcimoniosa e integradora (Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014), destacando-se seu valor explicativo de atitudes e comportamentos sociais (Gouveia, Fônsaca, Milfont, & Fischer, 2011), a partir de estudos sobre resolução de conflitos conjugais (Freitas, 2017), atributos desejáveis do parceiro ideal (Gonçalves, 2012), e escolha de parceiro ideal (Gomes, Gouveia, Júnior, Coutinho, & Campos, 2013).

A Teoria Funcionalista dos Valores Humanos admite alguns pressupostos teóricos básicos, a saber: (1) assume a natureza benevolente do ser humano; (2) possui uma base motivacional, na medida em que os valores expressam cognitivamente as necessidades humanas; (3) os valores são princípios-guia dos comportamentos, ou seja, são categorias que orientam as condutas dos indivíduos no meio social; (4) possuem caráter terminal, uma vez que os valores representam um propósito em si; e (5) admitem uma condição perene, que indica que a história é cíclica e que as pessoas estão sujeitas a um destino imutável (Gouveia et al., 2014).

Gouveia (2013) postula que os valores humanos são conceituados segundo duas funções psicológicas principais: (1) eles servem como princípios-guia para os comportamentos das pessoas (tipo de orientação; Schwartz, 1994) e (2) expressam cognitivamente suas necessidades (tipo motivador, Inglehart, 1991). A primeira função é representada por três tipos de orientação: pessoal, central e social, sendo a segunda composta por dois tipos de motivadores: materialista (pragmático) e idealista (humanitário).

Nesse contexto, o cruzamento das duas funções, isto é, tipo de orientação (social, central e pessoal) e tipo de motivador (materialista e humanitário), gera uma estrutura bidimensional 3x2, correspondendo aos eixos horizontal e vertical, respectivamente. Tais funções são distribuídas de forma equitativa nos critérios de orientação social (interativa e normativa), central (suprapessoal e existência) e pessoal (experimentação e realização) (Gouveia, 2013; Gouveia, Milfont, Vione, & Santos, 2015).

Diversas teorias que tratam sobre os valores no plano individual estão sendo úteis para caracterizar as prioridades que orientam os indivíduos no âmbito social, possibilitando conhecer tomadas de decisões e manifestação de atitudes (Ros, 2006); portanto, mostram-se válidas para o devido estabelecimento de relações entre as propriedades valorativas e os comportamentos das pessoas. Nesse sentido, justifica-se o uso desta teoria, acreditando que a mesma juntamente com os traços de personalidade, possam contribuir para explicar a qualidade e intimidade na amizade.

Este artigo apresenta uma explicação da amizade, tendo como suporte as variáveis traços de personalidade e valores humanos. Especificamente objetivou-se construir um modelo explicativo por meio da modelagem de equações estruturais, usando como base os achados do Artigo 3 desta Tese. No modelo do presente estudo foram incluídos os construtos personalidade virtuosa e valores humanos como explicadores da amizade.

Método

Participantes

O estudo contou com uma amostra não probabilística (por conveniência), composta por 200 graduandos de instituições públicas (81,0 %) e privadas (17,0 %). Estes tinham média idade de 21 anos ($DP = 4,24$; variando entre 18 e 39), a maioria era do sexo feminino (68,0 %), estado civil solteiro (90,5 %), católicos (52,0 %) e estudantes do curso de Psicologia (56,5 %).

Instrumentos

Os participantes responderam um questionário presencial contendo os seguintes instrumentos:

Escala de Qualidade da Amizade (EQA): originalmente elaborado por Bukowski, Hoza e Boivin (1994), e adaptado para o Brasil no Artigo 1 desta Tese, o instrumento é formado por 18 itens [e.g., Item 4. Sinto-me feliz quando estou com meu(minha) amigo(a)], que mensuram a qualidade dos relacionamentos de amizades. Os mesmos são respondidos em uma escala Likert de 5 pontos variando entre 1 (Não descreve em nada a minha relação) e 5 (Descreve totalmente a minha relação). A versão adaptada do instrumento apresentou alfas de 0,93 e 0,91, no estudo exploratório e confirmatório, respectivamente.

Escala de Intimidade da Amizade (EIA): instrumento adaptado ao contexto brasileiro no Artigo 2 desta Tese, contudo, a mesma foi elaborada por Sharabany (1994), objetivando medir a intimidade dentro dos vínculos de amizade. A escala original era composta por 32 itens, contudo, no presente estudo utilizará a versão adaptada formada por apenas 29 descritores [e.g., Item 7. Eu sei que o que eu digo ao(à) meu(minha) amigo(a) é mantido em entre nós], os quais são respondidos em uma escala de seis pontos, variando de 1 (Discordo Totalmente) a 6 (Concordo Totalmente). Informa-se ainda que a versão brasileira apresentou bons indicadores

psicométricos com consistência interna variando de 0,91, no estudo exploratório, a 0,90, no confirmatório.

Inventário de Personalidade Virtuosa (IPV): esta medida foi desenvolvida no Brasil por Oliveira (2017) e é composta por 18 itens que mensuram o perdão (e.g., Item 9. Perdoo facilmente as pessoas.), o altruísmo (e.g., Item 7. Colaboro com as pessoas, ainda que a situação envolva perigo) e a gratidão (e.g., Item 4. Reconheço todas as coisas que os outros têm feito por mim). Os itens são respondidos em uma escala Likert de 5 pontos, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Descreve-me totalmente). Por fim, vale destacar que o IPV se mostrou psicometricamente adequado [χ^2 / g.l. = 1,89; GFI = 0,92; CFI = 0,94; TLI = 0,93; RMSEA (IC 90%) = 0,05 (0,04-0,07)].

Questionário dos Valores Básicos (QVB-18): a versão aqui utilizada contém 18 itens, ou valores específicos (Gouveia, 2013). Estes são respondidos em uma escala de sete pontos variando de 1 (Totalmente não importante) a 7 (Totalmente importante). O instrumento tem apresentado alfas variando de 0,48 (interativa) a 0,63 (normativa), e o índice de homogeneidade (*r.m.i*) com amplitude de 0,24 (interativa) a 0,38 (normativa) para o contexto brasileiro; além de apresentar bons indicadores de ajustes [χ^2 = 949,75, GFI=0,92, CFI= 0,81; RMSEA= 0,07 (90% IC= 0,07-0,08)] (Medeiros, 2011).

Questionário Sociodemográfico: questionário utilizado com o objetivo de caracterizar a amostra, no que diz respeito à algumas variáveis (e.g., idade, sexo, estado civil, curso, período frequentado e renda).

Procedimentos

Para realização desta pesquisa alguns passos foram necessários. O primeiro consistiu na submissão do projeto, o qual detalhava a pesquisa e seus objetivos, ao Comitê de Ética em

Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/CCS/UFPB. Somente após a aprovação (CAAE: 73315917.2.0000.5188) do mesmo que o estudo foi iniciado.

Os participantes foram abordados em locais públicos, a exemplo de praças. A aplicação dos instrumentos era antecedida pela a apresentação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), o qual informava sobre o objetivo da pesquisa, o caráter sigiloso, a ausência de prejuízos e benefícios, e o direito do colaborador de parar de responder a qualquer momento sem nenhum tipo de dano.

E somente depois da leitura e assinatura do TCLE que os colaboradores começavam a responder os instrumentos. Ressalta-se, ainda, que essa etapa era sempre acompanhada por pesquisadores responsáveis, os quais estavam à disposição para sanar eventuais dúvidas. O tempo médio de respostas foi de aproximadamente 25 minutos.

Análise dos Dados

As análises foram auxiliadas pelos softwares IBM SPSS e AMOS, ambos versão 21. O primeiro permitiu a tabulação e execução de análises descritivas (e.g., média, frequência e desvio padrão). O segundo, por sua vez, permitiu a realização de análises de caminhos (path analysis) a fim de verificar a adequabilidade de modelos explicativos da amizade. Nesse processo foram considerados os seguintes indicadores de ajustes:

χ^2/gl (*Razão entre Qui-Quadrado e Graus de Liberdade*). Índice que avalia se o modelo teórico testado se ajusta aos dados (Thompson, 2004). Embora não exista concordância na literatura quanto aos valores satisfatórios para esse índice, alguns autores têm recomendado valores entre 2 e 3, preferencialmente, admitindo-se até 5 (Byrne, 2009).

GFI (*Goodness-of-Fit Index*). Consiste em uma medida de ajuste absoluta, que indica a proporção de variância-covariância nos dados explicados pelo modelo. Tal índice pode variar

de 0 a 1, compreendendo valores entre 0,80 e 0,90, ou superior, como indicadores de um ajuste satisfatório (Hair, Tatham, Anderson, & Black, 2005; Bilich, Silva, & Ramos, 2006).

CFI (*Comparative Fit Index*). Índice comparativo, adicional, de ajuste ao modelo, com valores mais próximos de 1 indicando melhor ajuste. Em geral, são admitidos valores próximos ou superiores a 0,90 como aceitável (Byrne, 2009; Hair et al., 2009; Marôco, 2014).

TLI (*Tucker-Lewis Index*). Índice similar ao CFI, porém penaliza menos a qualidade do ajustamento no que diz respeito à complexidade do modelo (Marôco, 2014). É interpretado da mesma forma que o CFI, admitindo-se valores próximos ou superiores 0,90 (Marôco, 2014).

RMSEA (*Root-Mean-Square Error of Approximation*). Indicador de erro do modelo baseado nos residuais entre o modelo teórico estimado e os dados empíricos obtidos. Para este índice, valores próximos de zero (melhor o ajuste do modelo hipotético aos dados), são considerados bons, sendo recomendável que o RMSEA se situe entre 0,05 e 0,08, admitindo-se até 0,10. O mesmo deve ser interpretado levando em conta o intervalo de confiança de 90% (IC90%; Byrne, 2009; Tabachnick & Fidell, 2013).

ECVI (*Expected Cross-Validation Index*) e CAIC (*Consistent Akaike Information Criterion*). São indicadores utilizados para avaliar a adequação de um modelo quando comparado com outro. Segundo a literatura (Hair et al., 2009; Marôco, 2014), valores baixos de tais indicadores expressam o modelo com melhor ajuste.

Resultados

Por meio de modelagem por equações estruturais buscou-se testar modelos explicativos entre valores humanos, personalidade virtuosa e a amizade. Para tanto, considerando que os valores humanos e a personalidade têm si mostrado bons preditores de uma diversidade de comportamentos (Almeida, 2016; Freitas, 2017; Lopes, 2016; Paiva, Pimentel, & Moura, 2017), tais variáveis foram colocadas como explicadoras nos modelos.

Nos primeiros modelos testados, nomeados Modelo 1 e 2, foi levado em consideração os resultados das correlações e regressões encontrados no Artigo 3, os quais apontaram os valores centrais, valores humanitários e os traços de personalidade virtuosa, gratidão e altruísmo, como aqueles que melhor explicaram a qualidade e intimidade da amizade.

O Modelo 1 inseriu como variáveis explicadoras da amizade os traços de personalidade e os valores centrais, o mesmo apresentou índices de bondade de ajuste considerados excelentes: $\chi^2 (6) = 7,83$; $p < 0,001$; $\chi^2/\text{gl} = 1,30$, CFI = 0,99, TLI = 0,98; RMSEA = 0,04 (IC 90% = 0,00 - 0,10) e bem acima daqueles recomendados pela literatura (Marôco, 2014). Além disso, todos os pesos de regressão foram significativamente diferentes de zero ($t > 1,96$; $p < 0,05$), variando entre 0,13 e 0,95 (Figura 1).

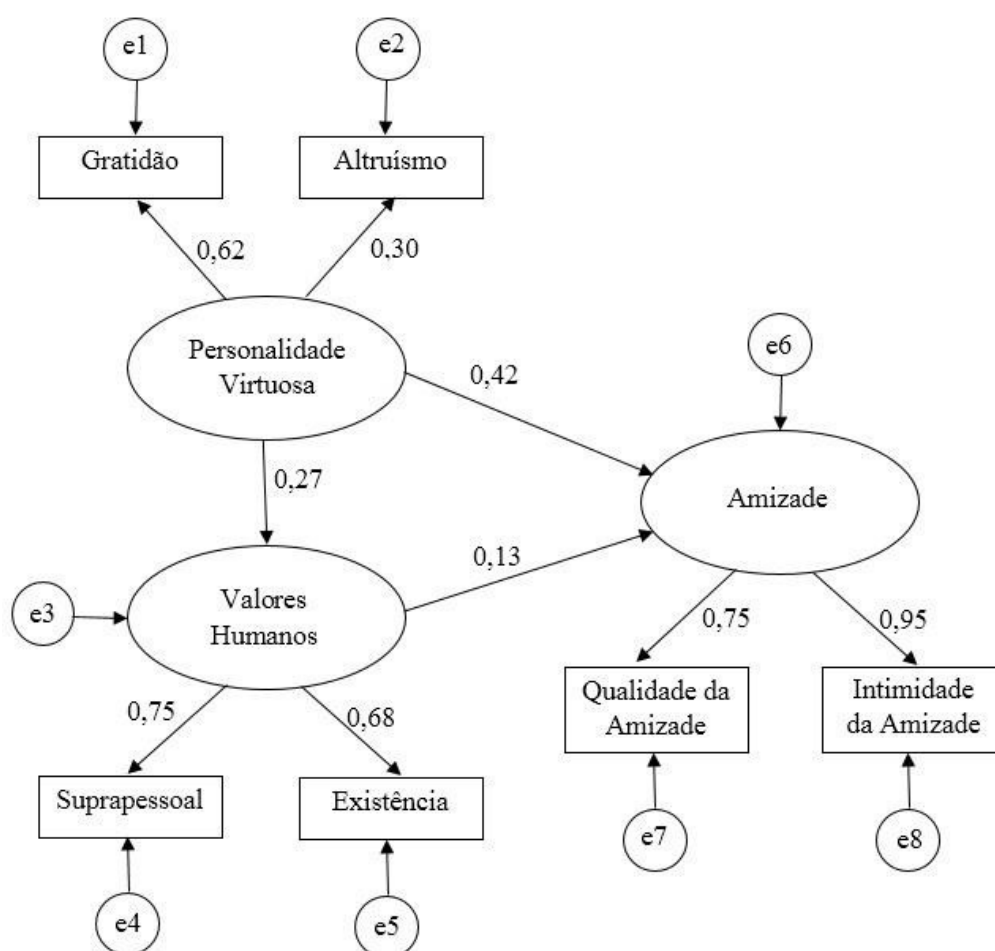


Figura 1. Modelo explicativo da amizade com valores centrais

O segundo modelo, diferente do primeiro, inseriu ao invés dos valores centrais aqueles do tipo motivador humanitário. Este exibiu os seguintes índices de bondade de ajuste: $\chi^2 (11) = 25,83$; $p < 0,001$; $\chi^2/\text{gl} = 2,34$, CFI = 0,94, TLI = 0,89; RMSEA = 0,08 (IC 90% = 0,04 - 0,12), os quais se encontram dentro do sugerido (Marôco, 2014). Os pesos de regressão foram significativamente diferentes de zero ($t > 1,96$; $p < 0,05$), variando entre 0,04 e 0,90, como pode ser visualizado na Figura 2.

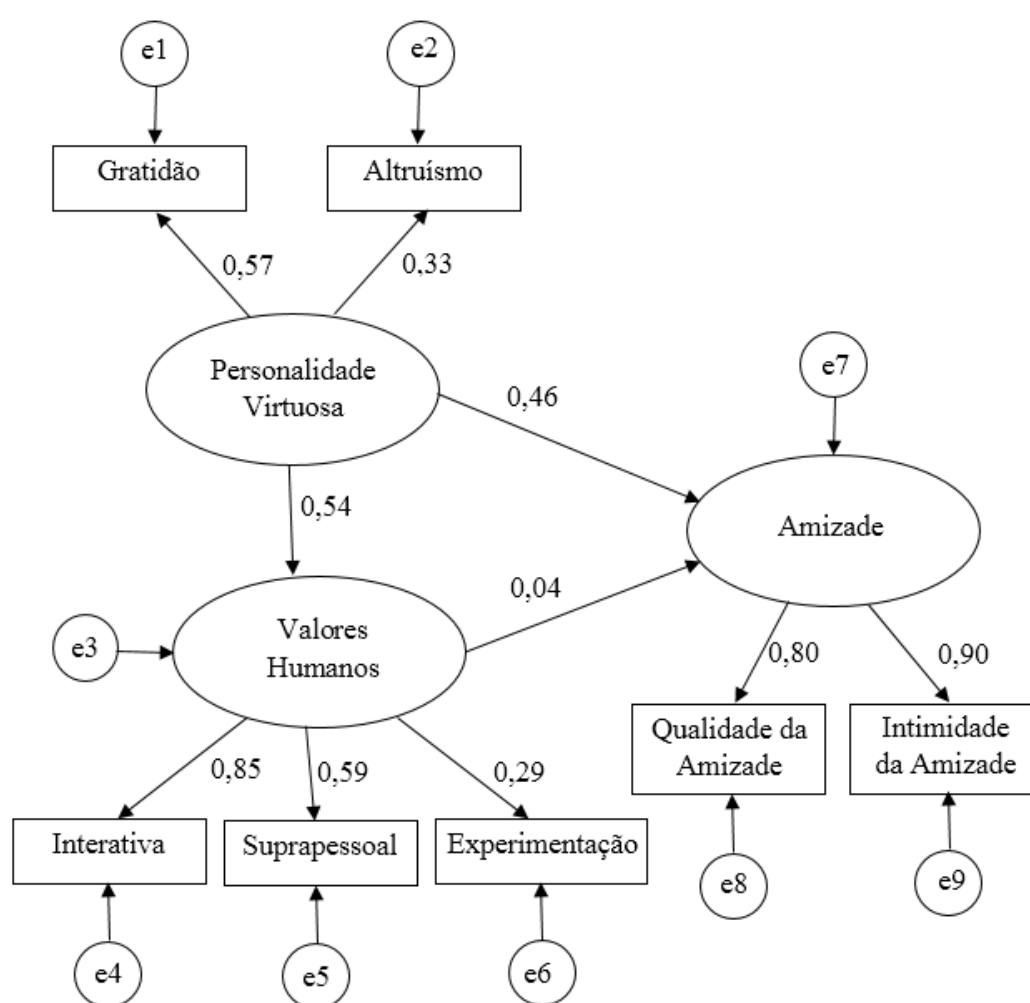


Figura 2. Modelo explicativo da amizade com valores humanitários

O terceiro modelo, por sua vez, fez uso dos valores sociais para explicar a amizade. Tal decisão pautou-se na própria Teoria Funcionalista dos Valores Humanos, a qual sugere que as

pessoas que priorizam tais valores são “centradas na sociedade ou possuem um foco interpessoal” (Gouveia, 2013, p. 133), seguindo assim a ideia apresentada por Hair et al. (2009) de plausibilidade teórica, a qual justifica a inserção de variáveis no modelo explicador pautado na teoria, mesmo não apresentando contribuições expressivas nas análises de regressão. Esse modelo pode ser visualizado na Figura 3.

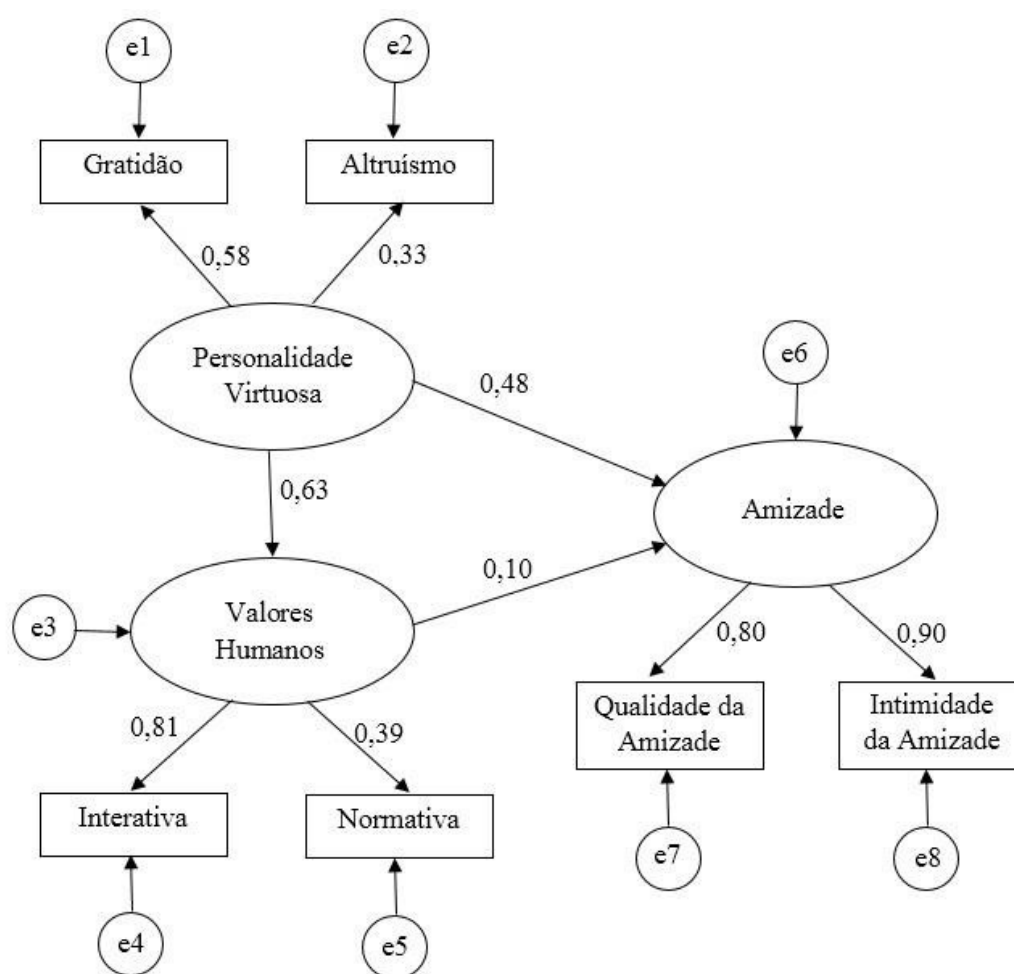


Figura 3. Modelo explicativo da amizade com valores sociais

A exemplo dos dois modelos, o Modelo 3 também apresentou excelentes índices de bondade de ajuste: $\chi^2 (6) = 5,38$; $p < 0,001$; $\chi^2/g1 = 0,90$, CFI = 1,00, TLI = 1,00; RMSEA =

0,00 (IC 90% = 0,00 - 0,08) (Marôco, 2014). Todos os pesos de regressão foram significativamente diferentes de zero ($t > 1,96$; $p < 0,05$), variando entre 0, 10 e 0,90.

Como se percebe os três modelos foram considerados aceitáveis, apresentando indicadores de ajustes satisfatórios para sugerir a adequação dos mesmos. No mais, também buscou-se verificar qual dos modelos era o melhor. Para isso, além dos indicadores usuais de adequabilidade também foram empregados os índices de comparação de modelos (ECVI e CAIC). A Tabela 1 mostra todos esses índices para os três modelos.

Tabela 1

Índices de bondade de ajuste dos modelos testados

Modelo	χ^2/gl	CFI	CAIC	ECVI	RMSEA (IC 90%)
Modelo 1	1,30	0,99	102,30	0,19	0,04 (0, 00 - 0,10)
Modelo 2	2,34	0,94	132,90	0,30	0,08 (0,04 - 0,12)
Modelo 3	0,90	1,00	99,85	0,18	0,00 (0,00 - 0,08)

Observe na Tabela 1 que tanto os índices CAIC quanto ECVI são menores para o Modelo 3 em comparação com o Modelo 1 e 2, indicando o Modelo 3 como mais adequado. Em acréscimo a isso, os demais índices também foram levemente melhores para o Modelo 3 em relação aos Modelos 1 e 2.

Discussão

Tendo como base os resultados apresentados, observou-se que tanto os modelos explicativos baseados em evidências empíricas do Artigo 3, como o modelo baseado em suposições teóricas, mostraram-se adequados. Desse modo, apesar desse último ser um pouco melhor que os demais, acredita-se que os três podem ajudar a entender essa relação existente entre a qualidade e intimidade da amizade, os traços de personalidade virtuosa e os valores

humanos. Para melhor organização da discussão, a seguir será abordada cada variável explicadora, enfatizando a sua contribuição para a construção de bons vínculos.

A gratidão, como exibida nos resultados, se apresentou um traço importante para a compreensão da amizade. Tal fato já era esperado tendo em vista o arcabouço teórico que versa sobre esse traço. Keltner e Haidt (1999), por exemplo, pontuam que a gratidão consiste em um fator que contribui não apenas para emissão de respostas cognitivas, mas também de comportamentos reais, voltados para a construção de relacionamentos. Segundo alguns autores (Fredrickson, 2013; Paludo & Koller, 2006), isso é possível porque a gratidão se configura como um fator que propicia a redução de condutas negativas e, ao mesmo tempo, estimula o desenvolvimento de habilidades voltadas para a lealdade, laços sociais e demonstração de cuidado.

Clark e Mills (2011) corroboram com esse posicionamento ao indicar a gratidão como detentora de uma função ampla, a qual consiste em intermediar os vários tipos de relacionamentos, colaborando para que os mesmos tenham alta qualidade. Segundo Algoe e Haidt (2009), isso pode ser explicado pela reciprocidade de comportamentos benéficos existentes entre o beneficiário e o benfeitor, promovendo entre os personagens o desejo de estreitarem os laços e compartilharem mais tempo juntos. O reflexo da gratidão nos vínculos pode ir mais longe, como o direcionamento de condutas pró-social a estranhos, ou seja, para além do beneficiário-benfeitor (Nowak & Roch, 2007). Tais pontuações permitem, portanto, compreender o porquê do traço de personalidade gratidão exibir, no presente estudo, um importante papel na explicação da amizade.

Já o altruísmo, historicamente, avançou dentro dos relacionamentos sociais, extrapolando os vínculos sanguíneos e atingindo aqueles construídos a partir da interação cotidiana (Ackerman, Kenrick, & Schaller, 2007; Brown & Brown, 2006; Hill et al., 2011). Hruschka (2010) enfatiza que apesar dos sentimentos serem semelhantes entre amigos e

parentes próximos, a manifestação de comportamentos altruístas é sutilmente diferente. Apesar desta distinção vale destacar que este construto dentro dos relacionamentos de amizade possui um importante papel na manutenção dos mesmos, pois ele promove interações mais próximas, aumentando os níveis de sociabilidade e bem-estar entre os envolvidos (Becchetti, Corrado, & Conzo, 2016; Szuster, 2016).

Os valores humanos, como anteriormente justificado, foram inseridos no modelo tomando como base o seu poder em explicar vários construtos sociais a exemplo, de condutas antissociais e delitivas (Medeiros, Sá, Monteiro, Santos, & Gusmão, 2017), atitudes (Medeiros, Pimentel, Monteiro, Gouveia, & Medeiros, 2015), hábitos alimentares (Santos, 2018), entre outros. Os mesmos têm ajudado a compreender o desenvolvimento e manutenção de vínculos (Almeida, 2016; Freitas, 2017; Gomes et al., 2013; Gonçalves, 2012; Lopes, 2016), dando, assim, suporte para a sua inclusão e contribuição para explicação dos relacionamentos de amizade.

Esta variável foi a única que foi alterada ao longo dos três modelos testados. Os dois primeiros tiveram como suporte os resultados encontrados no Artigo 3, o qual apontou por meio das análises de regressão os valores centrais e humanitários como aqueles que melhor explicam o construto da amizade. A contribuição dos valores centrais pode ser compreendida em virtude da essência dos dois traços de personalidade virtuosa inseridas no modelo. O altruísmo e a gratidão, os quais, respectivamente, voltam-se para promoção do bem estar do outro, deixando, por vezes, sua própria situação em segundo plano (Hruschka, 2010), possuem um panorama geral que permite sugerir que aquelas pessoas imersas em laços de amizade tendem a valorizar a reciprocidade de comportamentos que são característicos desses traços de personalidade (e.g., companheirismo, ajuda, lealdade; Xue, 2013). Diante disso, sujeitos com altas pontuações em altruísmo e gratidão, tendem a possuir um sentimento maior de segurança no amanhã, pois

compreendem os seus amigos como um importante suporte para as mudanças inesperadas e indesejadas que podem surgir.

Tendo como base essa reflexão, tornar-se mais fácil a compreensão dos valores centrais no modelo explicativo, uma vez que aquelas pessoas que priorizam tais valores são preocupadas com a sobrevivência, saúde e estabilidade, destinando energias para garantir que amanhã terão condições que propiciem o bem-estar e boas condições de vida (Gouveia, 2013). Para isto, as pessoas buscam trabalhos estáveis, segurança econômica (Gouveia et al., 2014), e porque não pensar em construir e manter bons vínculos de amizade, os quais são apontados como um fator benéfico para a saúde física e mental (Uchino, Uno, & Holt-Lunstad, 1999), assim como um apoio em momentos de grande dificuldade, sendo, por vezes, os amigos provedores de condições básicas para a sobrevivência (Xue, 2013).

A inclusão dos valores humanitários no Modelo 2, pode ser compreendido pelo fato de tais expressarem uma orientação mais universalista e abstrata, sugerindo um espírito inovador, os quais se preocupam com os outros, não se restringindo apenas aqueles que o cercam (Gouveia, 2013; Gouveia et al., 2011). Corroborando essa ideia Gouveia et al. (2014), em uma pesquisa sobre altruísmo e valores humanos em uma amostra de doadores e não doadores de sangue, constataram que apenas o primeiro grupo apresentou correlações positivas e significativas entre os valores humanitários e o altruísmo, sustentando assim, que as pessoas que priorizam tais valores tendem a manifestar ações que visem promover o bem-estar ao próximo. Ações que seguem essas ideias, dentro dos vínculos de amizade, como apoio e suporte de seus pares, são compreendidas como ações mantenedoras desses vínculos afetivos (Demir, Özdemir, & Marum, 2011), resultando em bem-estar psicológico e maior qualidade dentro dos relacionamentos (Deci, Guardia, Moller, Scheiner, & Ryan, 2006).

E por fim, ancorando-se na plausibilidade teórica (Hair et al., 2009), o terceiro modelo inseriu os valores sociais, sendo esse aquele que exibiu os melhores indicadores de ajustes

quando comparado com os modelos 1 e 2. O resultado era aguardado, uma vez que as pessoas que endossam tais valores tendem a dar mais importância as interações sociais e interesses coletivos (Gouveia, 2003). Isto, fica evidente na pesquisa desenvolvida Gomes et al. (2013), os quais constataram que os valores sociais influenciam diretamente na escolha do parceiro, sendo este processo pautado, principalmente, na afetividade. Compreendendo, desta forma, o sentimento de fazer parte de uma díade caracterizada pela lealdade, confiança, apoio, reciprocidade eleva a qualidade e intimidade dos vínculos de amizade (Bagwell & Schmidt, 2011; Marton, Wiener, Rogers, & Moore, 2015; Thien & Abd Razak, 2013).

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo central testar e comparar modelos explicativos da amizade a partir dos traços de personalidade virtuosa, gratidão e altruísmo, e valores humanos, a fim de encontrar aquele que exiba melhores indicadores de ajustes. Confia-se, de modo geral, que o objetivo tenha sido alcançado, uma vez que após a construção e comparação entre três modelos, aquele que teve como explicadores os valores sociais se apresentou superior quando comparado com os outros dois. Este estudo, chega ao seu final contribuindo para a sustentação teórica e empírica de que tanto os traços de personalidade quanto os valores humanos, são bons explicadores de comportamentos, como aqueles que perpassam os vínculos de amizade. Entretanto algumas limitações merecem ser enfatizadas.

Entre elas pode-se destacar a amostragem não probabilística, cuja impede que os achados se estendam para a população. Certamente, a amostra utilizada, que foi de conveniência, participando apenas as pessoas que estavam dispostas a dedicar um pouco do seu tempo ao registro do questionário. Apesar de os estudantes universitários não serem a maioria no Brasil, correspondendo, majoritariamente, a jovens de classe socioeconômica média, incluí-los em pesquisas não é somente um problema neste país, podendo produzir incertezas quanto a generalização e reprodutibilidade dos achados (Peterson & Merunka, 2014). Tal fato já serve

como indicador para estudos futuros, os quais podem fazer uso de uma amostragem probabilística, ou caso, este seja um recurso inviável fazer uso de uma amostra mais diversificada (e.g., diferentes faixas etárias), coletando em mais de um estado brasileiro, permitindo, assim, obter um perfil dos vínculos de amizade mais bem detalhado, bem como conseguir uma visão mais geral e mais precisa sobre o relacionamento entre as variáveis aqui trabalhadas.

Enfatiza-se ainda a desejabilidade social presente no estudo, uma vez que se utilizou estudo de autorrelato. Tal fato pode sugerir que pesquisas futuras façam uso de medidas que controlem esta variável ou obtenha respostas de maneira automática, fazendo uso, por exemplo, de medidas implícitas (Athayde, 2012).

Contudo, tais limitações não ofuscam as contribuições teóricas aqui apresentadas, sendo o estudo um fomentador para o desenvolvimento de novas pesquisas sobre as relações de amizade, além de fornecer arcabouço empírico sobre o poder explicativo dos traços de personalidade e valores humanos.

Referências

- Ackerman, J. M., Kenrick, D. T., & Schaller, M. (2007). Is friendship akin to kinship?. *Evolution and Human Behavior*, 28, 365-374.
- Adams, R. G., Blieszner, R., & De Vries, B. (2000). Definitions of friendship in the third age: Age, gender, and study location effects. *Journal of Aging Studies*, 14, 117-133.
- Ahmetoglu, G., Swami, V., & Chamorro-Premuzic, T. (2010). The relationship between dimensions of love, personality, and relationship length. *Archives of Sexual Behavior*, 39, 1181-1190.
- Algoe, S. B., & Haidt, J. (2009). Witnessing excellence in action: The ‘other-praising’ emotions of elevation, gratitude, and admiration. *The journal of positive psychology*, 4, 105-127.

- Almeida, A. C. (2016). *Satisfação conjugal e valores humanos dos casais de famílias intactas e recasadas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Amichai-Hamburger, Y., Kingsbury, M., & Schneider, B. H. (2013). Friendship: An old concept with a new meaning? *Computers in Human Behavior*, 29, 33-39.
- Araújo, R. C. R. (2016). *Honra, valores humanos e traços de personalidade: A influência cultural*. Tese de Doutorado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Asher, S. R., Parker, J. G., & Walker, D. L. (1996). Distinguishing friendship from acceptance: Implications for intervention and assessment. In: W. Bukowski, A. Newcomb, & W. Hartup (Orgs.), *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence* (pp. 366-405). Cambridge: Cambridge University Press.
- Athayde, R. A. A. (2012). *Medidas implícitas de valores humanos: elaboração e evidências de validade*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Bagwell, C. L., Bender, S. E., Andreassi, C. L., Kinoshita, T. L., Montarello, S. A., & Muller, J. G. (2005). Friendship quality and perceived relationship changes predict psychosocial adjustment in early adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 235–254.
- Bagwell, C. L., & Schmidt, M. E. (2011). The friendship quality of overtly and relationally victimized children. *Merrill-Palmer Quarterly*. 52, 158-185.
- Bagwell, C. L., & Schmidt, M. E. (2013). *Friendships in childhood and adolescence*. Guilford Press, NY: New York.

- Barry, C. M., & Wentzel, K. R. (2006). Friend influence on prosocial behavior: The role of motivational factors and friendship characteristics. *Developmental Psychology*, 42, 153-163.
- Bauman, K. E., Carver, K., & Gleiter, K. (2001). Trends in parent and friend influence during adolescence: the case of adolescent cigarette smoking. *Addictive Behaviors*, 26, 349-361.
- Bauminger, N., Finzi-Dottan, R., Chason, S., & Har-Even, D. (2008). Intimacy in adolescent friendship: The roles of attachment, coherence, and self-disclosure. *Journal of Social and Personal Relationships*, 25, 409-428.
- Becchetti, L., Corrado, L., & Conzo, P. (2016). Sociability, altruism and well-being. *Cambridge Journal of Economics*, 41, 441-486.
- Berndt, T. J. (2002). Friendship quality and social development. *Current directions in psychological science*, 11, 7-10.
- Berndt, T. J., Hawkins, J. A., & Hoyle, S. G. (1986). Changes in friendship during a school year: Effects on children's and adolescents' impressions of friendship and sharing with friends. *Child Development*, 57, 1284-1297.
- Berndt, T. J., & Perry, T. B. (1986). Children's perceptions of friendships as supportive relationships. *Developmental psychology*, 22, 640-648.
- Bilich, F., Silva, R., & Ramos, P. (2006). Análise de flexibilidade em economia da informação: modelagem de equações estruturais. *Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação*, 3, 93-122.
- Brechwald, W. A., & Prinstein, M. J. (2011). Beyond homophily: A decade of advances in understanding peer influence processes. *Journal of Research on Adolescence*, 21, 166-179.

- Brown, S. L., & Brown, R. M. (2006). Selective investment theory: Recasting the functional significance of close relationships. *Psychological Inquiry*, 17, 1-29.
- Brown, B., & Larson, J. (2009). Peer relationships in adolescence. In R. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (3rd ed., Vol. 2, pp. 74–103). New York: Wiley.
- Bukowski, W. M., Hoza, B., & Boivin, M. (1994). Measuring friendship quality during pre-and early adolescence: The development and psychometric properties of the Friendship Qualities Scale. *Journal of social and Personal Relationships*, 11, 471-484.
- Byrne, B. M. (2009). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Carbery, J., & Buhrmester, D. (1998). Friendship and need fulfillment during three phases of young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 393-409.
- Chambers, D. (2017). Networked intimacy: Algorithmic friendship and scalable sociality. *European Journal of Communication*, 32, 26-36.
- Cheng, G. H. L., Phil, M., Chan, D. K. S., & Yong, P. Y. (2006). Qualities of online friendships with different gender compositions and durations. *CyberPsychology and Behavior*, 9, 14–21.
- Chow, C. M., Ruhl, H., & Buhrmester, D. (2013). The mediating role of interpersonal competence between adolescents' empathy and friendship quality: A dyadic approach. *Journal of adolescence*, 36, 191-200.
- Clark, M. S., & Mills, J. R. (2011). A theory of communal (and exchange) relationships. In P. A. M. Van Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 232–250). Los Angeles, CA: Sage.
- Collins, W. A., & van Dulmen, M. (2006). Friendships and romance in emerging adulthood: assessing distinctiveness in close relationships. In J. J. Arnett, & J. L. Tanner (Eds.),

- Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 219–234). Washington, DC: American Psychological Association.
- Davis, M. H., & Kraus, L. A. (1991). Dispositional empathy and personal relationships. In W. H. Jones, & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships*, Vol. 3 (pp. 75–115). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. Edusp.
- Deci, E. L., La Guardia, J. G., Moller, A. C., Scheiner, M. J., & Ryan, R. M. (2006). On the benefits of giving as well as receiving autonomy support: Mutuality in close friendships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 313-327.
- Demir, M., Özdemir, M., & Marum, K. P. (2011). Perceived autonomy support, friendship maintenance, and happiness. *The Journal of psychology*, 145, 537-571.
- Dykstra, P. A. (1995). Loneliness among the never and formerly married: The importance of supportive friendships and a desire for independence. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 50, S321-S329.
- Elliott, D. S. (1994). Longitudinal research in criminology: Promise and practice. In E. G. M. Weitekamp & H. J. Kerner (Eds.), *Cross-national longitudinal research on human development and criminal behavior* (pp. 198–201). Dordrecht, Netherlands: Kluwer Academic.
- Emmons, R. A. (2004). An introduction. In R. A. Emmons & M. E. McCullough (Eds.), *The Psychology of Gratitude* (pp. 3-16). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Enright, R. D., Freedman, S., & Rique, J. (1998). The psychology of interpersonal forgiveness. In R. D. Enright & J. North (Eds.), *Exploring forgiveness* (pp. 46-62). Madison, WI: University of Wisconsin Press.

- Fagley, N. S. (2012). Appreciation uniquely predicts life satisfaction above demographics, the Big 5 personality factors, and gratitude. *Personality and Individual Differences*, 53, 59-63.
- Fincham, F. D., Beach, S. R., & Davila, J. (2004). Forgiveness and conflict resolution in marriage. *Journal of family psychology*, 18, 72-81.
- Fincham, F. D., Hall, J., & Beach, S. R. (2006). Forgiveness in marriage: Current status and future directions. *Family Relations*, 55, 415-427.
- Fredrickson, B. L. (2013). Positive emotions broaden and build. *Advances in Experimental Social Psychology*, 47, 1-53.
- Freitas, N. B. C. (2017). *Estratégias de resolução dos conflitos conjugais: uma explicação a partir da personalidade e dos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Garcia, A. (2005). Psicologia da amizade na infância: uma revisão crítica da literatura recente. *Interação em Psicologia*, 9, 285 -295.
- Garcia, A., & Pereira, P. C. D. C. (2008). Amizade na infância: um estudo empírico. *PSIC: Revista da Vetor Editora*, 9, 25-34.
- Gerstein, R. S. (1978). Intimacy and privacy. *Ethics*, 89, 76-81.
- Gomes, A. I. A. B, Gouveia, V.V, Júnior, N. A.S, Coutinho, M.L, & Campos, L. C.O. (2013). Escolha do (a) parceiro (a) ideal por heterossexuais: são seus valores e traços de personalidade uma explicação? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 29-37.
- Gonçalves, M. P. (2012). *Atributos desejáveis do (a) parceiro (a) ideal: Valores e traços de personalidade como explicadores*. Tese de Doutorado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Fundamentos, Aplicações e Perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. In Claudio, V.T & Elaine, R.N. (Eds.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes* (pp. 296-313). Artmed
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014). Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, 60, 41-47.
- Gouveia, V., Milfont, T. L., Vione, K. C., & Santos, W. S. (2015). Guiding Actions and Expressing Needs: On the Psychological Functions of Values. *Psykhé*, 24, 1- 14.
- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Athayde, R. A. A., Souza, R. V. L., & Gusmão, E. E. S. (2014). Valores, altruísmo e comportamentos de ajuda: comparando doadores e não doadores de sangue. *Psico*, 45, 209-218.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.
- Hair, J. F., Tatham, R. L., Anderson, R. E., & Black, W. (2005). *Análise Multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York, NY: Guilford.
- Heilbron, N., & Prinstein, M. J. (2008). Peer influence and adolescent nonsuicidal self-injury: A theoretical review of mechanisms and moderators. *Applied and Preventive Psychology*, 12, 169-177.
- Hill, K. R., Walker, R. S., Božičević, M., Eder, J., Headland, T., Hewlett, B., ... & Wood, B. (2011). Co-residence patterns in hunter-gatherer societies show unique human social structure. *Science*, 331, 1286–1289.
- Homer, P. M., & Kahle, L. R. (1988). A structural equation test of the value-attitude-behavior hierarchy. *Journal of Personality and social Psychology*, 54, 638-646.

- Hruschka, D. J. (2010). *Friendship: Development, ecology, and evolution of a relationship*. Berkeley and Los Angeles, CA: University of California Press.
- Hussong, A. M. (2000). Perceived peer context and adolescent adjustment. *Journal of Research on Adolescence*, 10, 391-415.
- Inglehart, R. (1991). *El cambio cultural en las sociedades industriales avanzadas*. Madrid: Siglo XXI.
- Jaccard, J., Blanton, H., & Dodge, T. (2005). Peer influences on risk behavior: an analysis of the effects of a close friend. *Developmental Psychology*, 41, 135- 147.
- Keltner, D., & Haidt, J. (1999). Social functions of emotions at four levels of analysis. *Cognition & Emotion*, 13, 505-521.
- Legge, N. J., & Rawlins, W. K. (1992). Managing disputes in young adult friendships: Modes of convenience, cooperation, and commitment. *Western Journal of Communication (includes Communication Reports)*, 56, 226-247.
- Levinson, D. J. (1996). *The seasons of a woman's life*. New York: Knopf.
- Lopes, B. J. (2016). *Perdão conjugal: uma explicação a partir dos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Maner, J. K., & Gailliot, M. T. (2007). Altruism and egoism: prosocial motivations for helping depend on relationship context. *European Journal of Psychology*, 37, 347-358.
- Marchi, A. C. W., Schneider, C. M., & de Oliveira, L. A. (2011). Implicações sociais na velhice e a depressão. *Unoesc & Ciência-ACHS*, 1, 149-158.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Marton, I., Wiener, J., Rogers, M., & Moore, C. (2015). Friendship characteristics of children with ADHD. *Journal of attention disorders*, 19, 872-881.

- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Medeiros, E. D. D., Pimentel, C. E., Monteiro, R. P., Gouveia, V. V., & Medeiros, P. C. B. D. (2015). Valores, atitudes e uso de bebidas alcoólicas: proposta de um modelo hierárquico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35, 841-854.
- Medeiros, E. D., Sá, E. C. D. N., Monteiro, R. P., Santos, W. S., & Gusmão, E. É. D. S. (2017). Valores humanos, comportamentos antissociais e delitivos: evidências de um modelo explicativo. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12, 147-163.
- Monteiro, R. P. (2014). *Entendendo a psicopatia: contribuição dos traços de personalidade e valores humanos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Nowak, M. A., & Roch, S. (2007). Upstream reciprocity and the evolution of gratitude. *Proceedings of the Royal Society of London B: Biological Sciences*, 274, 605-610.
- Oda, R., Hiraishi, K., Fukukawa, Y., & Matsumoto-Oda, A. (2011). Human prosociality in altruism niche. *Journal of Evolutionary Psychology*, 9, 283-293.
- Oliveira, I. C. V. (2017). *Personalidade Virtuosa: evidências psicométricas e correlatos valorativos e pró-sociais*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10, 215-227.
- Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2006). Gratidão em contextos de risco: uma relação possível. *Psicodebate*, 7, 55-66.

- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The Dark Triad of personality: Narcissism, machiavellianism, and psychopathy. *Journal of Research in Personality*, 36, 556-563.
- Pervin, L. A., & John, O. P. (2008). *Personalidade: teoria e pesquisa*. Porto Alegre: ArtMed.
- Peterson, R. A., & Merunka, D. R. (2014). Convenience samples of college students and research reproducibility. *Journal of Business Research*, 67, 1035-1041
- Rawlins, W. K. (1992). *Friendship matters: Communication, dialects, and the life course*. New York: Aldine de Gruyter.
- Roccas, S., Sagiv, L., Schwartz, S. H., & Knafo, A. (2002). The big five personality factors and personal values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28, 789-801.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Ros, M. (2006). Psicologia social dos valores humanos: Uma perspectiva histórica. Em M. Ros & V. V. Gouveia (Cords.), *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 23-53), São Paulo: Editora Senac.
- Rubin, K.H., Coplan, R., Chen, X., Buskirk, A. & Wojslawowicz, J. C. (2005). Peer relationships in childhood. In: M. Bornstein & M. Lamb (Orgs.), *Developmental Psychology: An advanced textbook* (pp. 469-512). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Santo, L. C. O. (2018). *Motivações para alimentação (não) saudável: contribuições dos valores humanos, imagem corporal e autocontrole*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2015). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Cengage Learning.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects in the structure and contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50, 19-45.

- Sharabany, R. (1994). Intimate friendship scale: Conceptual underpinnings, psychometric properties and construct validity. *Journal of Social and Personal Relationships*, 11, 449-469.
- Shea, L., Thompson, L., & Blieszner, R. (1988). Resources in older adults' old and new friendships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5, 83-96.
- Sieving, R. E., Eisenberg, M. E., Pettingell, S., & Skay, C. (2006). Friends' influence on adolescents' first sexual intercourse. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 38, 13-19.
- Smith, R. L., & Rose, A. J. (2011). The “cost of caring” in youths' friendships: Considering associations among social perspective taking, co-rumination, and empathetic distress. *Developmental psychology*, 47, 1792-1803.
- Smollar, J., & Youniss, J. (1985). Parent-adolescent relations in adolescents whose parents are divorced. *The Journal of Early Adolescence*, 5, 129-144.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre: Artmed.
- Souza, L. K., & Garcia, A. (2008). Amizade em idosos: Um panorama da produção científica recente em periódicos estrangeiros. *Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, 13, 173-190.
- Souza, L. K. D., Silveira, D. C., & Rocha, M. A. (2013). Lazer e amizade na infância: implicações para saúde, educação e desenvolvimento infantil. *Psicologia da Educação*, 1, 83-92.
- Szuster, A. (2016). Crucial dimensions of human altruism: affective vs. conceptual factors leading to helping or reinforcing others. *Frontiers in Psychology*, 7, 1-5.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics*. Boston, MA: Allyn & Bacon.

- Thien, L. M., & Razak, N. A. (2013). Academic coping, friendship quality, and student engagement associated with student quality of school life: A partial least square analysis. *Social Indicators Research*, 112, 679-708.
- Thompson B. (2004). *Exploratory and confirmatory factor analysis: understanding concepts and applications*. Washington: American Psychological Association
- Uchino, B. N., Uno, D., & Holt-Lunstad, J. (1999). Social support, physiological processes, and health. *Current Directions in Psychological Science*, 8, 145-148.
- Xue, M. (2013). Altruism and reciprocity among friends and kin in a Tibetan village. *Evolution and Human Behavior*, 34, 323-329.

A presente tese voltou espaço de discussão para os relacionamentos de amizade, os quais podem ser compreendidos como vínculos marcados pelo companheirismo, intimidade, empatia, ajuda mútua, e apoio (Bukowski et al. 1994; Chow, Ruhk, & Buhrmester, 2013; Paine, 1974). Tais laços despertaram interesses em virtude dos mesmos se caracterizarem como suporte social que contribui na prevenção e/ou superação de problemas físicos e psicológicos ao longo da vida (Bagwell et al., 2005; Tillfors et al., 2012; Uchino et al., 1999; Walen & Lachman, 2000).

Sua importância despertou o interesse em compreender como variáveis, como os traços de personalidade e os valores humanos, as quais tem se apresentado na literatura como bons explicadores de comportamentos sociais (Formiga, 2017; Leite et al., 2014; Medeiros, Pimentel, Monteiro, Gouveia, & Medeiros, 2015), contribuem para potencializar ou dirimir a qualidade e intimidade dentro do vínculos de amizade. A presente Tese buscou chegar ao seu final com um modelo explicativo dos construtos da amizade, tendo como variáveis antecedentes aquelas anteriormente citadas. Os esforços para alcançá-lo podem ser visualizados ao longo dos quatro artigos apresentados.

Principais Resultados

Os Artigos 1 e 2 tiveram como objetivos adaptar e reunir evidências de validade e confiabilidade da Escala de Qualidade da Amizade e da Escala de Intimidade da Amizade, respectivamente, ao contexto brasileiro. Os Artigos encontraram uma estrutura unifatorial da EQA e EIA, de modo que as duas apresentaram indicadores de ajustes dentro do sugerido pela literatura (Hair, Black, Babin, Anderson, & Tatham, 2009; Marôco, 2014). Contudo, para sanar qualquer dúvida quanto as estruturas encontradas no contexto nacional, ambos instrumentos foram comparados com as suas estruturas iniciais, essa análise permitiu constatar que a unidimensionalidade das escalas são superiores quando comparadas com as aquelas multidimensionais. Acredita-se que ambos os estudos alcançaram seu propósito, uma vez que

ao final de cada pesquisa foi possível contar com uma versão adaptada com bons indicadores de ajustes e consistência interna dentro dos padrões exigidos pela literatura.

Contudo, o trabalho foi além, ao buscar conhecer o relacionamento dos atributos da amizade, qualidade e intimidade, com outros construtos, como personalidade (sombria e virtuosa) e valores humanos, os quais têm se apresentando importantes explicadores de comportamentos (Lopes, 2016; Paiva, Pimentel, & Moura, 2017). Partindo disso, o Artigo 3 voltou-se para tomar conhecimento dos relacionamentos entre essas variáveis, bem como conhecer quais são os construtos que melhor explicam a qualidade e intimidade da amizade. As análises apontaram correlações positivas entre a Qualidade da Amizade e as seguintes variáveis: Gratidão, Altruísmo, as subfunções Interativa, Suprapessoal, Existência, Experimentação, os valores Sociais, Centrais, Pessoais, Humanitários e Materialistas. E Inversa com o traço de personalidade Maquiavelismo. Já a Intimidade da Amizade apresentou relações semelhantes ao construto anterior, se correlacionando com todos os construtos, exceto, os valores sociais e o maquiavelismo.

Os resultados revelaram que os construtos da amizade possuem correlações mais expressivas com os traços de personalidade virtuosa e os valores humanos. Tendo como base estas relações foram realizadas duas análises de regressão, alterando apenas os valores, no primeiro momento foram inseridos os valores quanto ao tipo de orientação e no outro os valores quanto ao tipo de motivador. A primeira apontou como variáveis explicadoras o altruísmo, a gratidão e os valores centrais; já a segunda, revelou o altruísmo, a gratidão e os valores humanitários como aqueles que mais contribuem para a compreensão da qualidade e intimidade da amizade.

O Artigo 3 chegou ao seu final com resultados norteadores para o desenvolvimento do último artigo. Tendo em mãos tais resultados, o Artigo 4 objetivou construir e comparar modelos explicativos dos construtos da amizade. Ao total foram elaborados três modelos, os

quais tinham como variáveis explicadores os traços de personalidade gratidão e altruísmo, sempre mantidos, e os valores humanos, sendo este alterado ao longo dos modelos, a saber: valores centrais (Modelo 1), valores humanitários (Modelo 2) e valores sociais (Modelo 3). Todos os modelos exibiram bons índices de bondade de ajuste (Marocô, 2014), muito embora o Modelo 3 tenha se apresentado superior quando comparado com os demais.

Este último, assim como os demais, conseguiu chegar ao seu final com o seu objetivo alcançando. É possível perceber que cada artigo teve seu grau de contribuição para o resultado, exibido no Artigo 4, o qual apresentou um modelo cuja melhor explicasse a Qualidade e Intimidade da Amizade a partir dos traços de personalidade e Valores Humanos.

Aplicabilidade

As pesquisas desenvolvidas contribuem para dar suporte a outros estudos os quais apontam os traços de personalidade (Freitas, 2017; Paiva et al., 2017) e valores humanos (Coelho et al., 2006; Lopes, 2014) como bons explicadores de comportamentos. Neste estudo em específico, ambos contribuíram para compreensão de dois construtos que perpassa a amizade, a saber, qualidade e intimidade desses vínculos.

A compreensão das relações existentes entre tais variáveis pode contribuir para a reflexão, avaliação e intervenção de profissionais, a exemplo de psicólogos. Estes profissionais, por sua vez, podem fazer uso das informações aqui apresentadas, a fim de obter um olhar mais crítico frente aos relacionamentos de amizade, ratificando a visão que esse vínculo por ser social (Cohn, 1986) é perpassado por outras variáveis, e que estas exercem influência sobre a natureza dos laços construídos (Brewer & Abell, 2017; Forster, Pedersen, Smith, McCullough, & Lieberman et al., 2017).

O mapeamento dos traços de personalidade pode colaborar para uma melhor compreensão acerca de como as pessoas pensam, sentem e se comportam, ajudando assim, aos

psicólogos a elaborarem estratégias, confrontos e intervenções clínicas mais eficazes (Oliveira, 2017). Tal fato pode contribuir diretamente nos vínculos de amizade, permitindo aos envolvidos avaliar e conhecer quais são os principais traços motivadores para o estabelecimento e manutenção das amizades. Podendo os traços serem virtuosos, como a gratidão, o altruísmo e uma maior capacidade de conceder o perdão frente a uma situação transgressora, visando preservar o vínculo (Snyder & Lopez, 2009); ou *dark*, sendo os laços marcados pela ausência de afetos e manipulação acentuada (Ali et al., 2009; Tamborski & Brown, 2011), contribuindo para a baixa qualidade dos relacionamentos de amizade (Khodabakhsh & Besharat, 2011).

Além dos traços de personalidade, a tese apresentou ainda os valores humanos como uma variável que pode influenciar os vínculos. Os valores, segundo Gouveia (2013), podem ser compreendidos como princípios guias do comportamentos humanos, ou seja, os valores os quais são priorizados pelas pessoas orientam seus comportamentos e expressam as suas necessidades.

Diante disso, a partir do conhecimento de quais são os valores que influênciam o estabelecimento e a manutenção de bons relacionamentos, os mesmos poderiam ser estimulados pelo meio social e instituições, a saber a escola e a família. Esse esforço pode-se ser justificado em virtude de os laços de amizade, com qualidade e intimidade elevada, resultarem em um maior bem-estar (Walen & Lachman, 2000), e diminuição da probabilidade do desenvolvimento de uma depressão (Bagwell et al., 2005) ou crise de ansiedade (Tillfors et al., 2012).

Por fim, entende-se que compreender as variáveis que influenciam a qualidade e intimidade da amizade, podem contribuir para a elaboração de intervenções ou ações que busquem, se possível, potencializar aquelas que interferem de forma positiva nas amizades, e frear aquelas que o fazem de forma negativa. Esses esforços, ao final, pode se a outros tipos de relacionamentos, a exemplo, dos laços entre pais- filhos, marido-mulher, e irmãos.

Limitações

Os artigos chegaram ao seu final com o seus objetivos alcançados, contudo, ao longo do seus envolvimento pode-se constatar algumas restrições. Dentre as limitações cita-se, o uso de apenas duas medida (EQA e EIA), para avaliar os vínculos de amizade, não abarcando todas as características do construto em questão.

Além disso, fez o uso de uma amostragem não probabilística, caracterizado pela ausência de uma aleatoriedade durante o processo seletivo dos participantes, contando ao final com aqueles que se dispuseram a colaborar com a pesquisa quando convidados. Além disso, verifica-se ao longo dos artigos o uso frequente de amostras extraídas da população acadêmica, fato esse que amplia os limites das pesquisas aqui apresentada quanto a estender os resultados para a população geral.

Um outra limitação é a questão da desejabilidade social que é um problema bastante comum quando se utiliza de medidas de auto-relato, como as utilizadas nesta Tese. Esse pode ter sido um fator de grande influência nos resultados, sobretudo no que diz respeito às medidas que apresentam itens com enunciado de conotação negativa, como é o caso dos itens da medida *Dark Triad Dirty Dozen*. Alguns itens dessa escala, a exemplo do Item 2, descrito como “Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero”, destacam comportamentos que são socialmente vistos como indesejáveis, sendo, portanto, muito suscetíveis à respostas tendenciosas.

Todavia, acredita-se que tais percalços não diminuem a importância dos achados aqui exposto, uma vez que os artigos prestam contribuições teóricas e fornecem dados empíricos sobre o estudo dos relacionamentos de amizade e o poder da personalidade e dos valores humanos em explicar construtos.

Estudos Futuros

As contribuições provenientes dos quatro artigos desta pesquisa, assim como as limitações assinaladas na seção anterior, apontam para um série de direcionamentos que podem ser tomados em pesquisas futuras. Nesse sentido, as sugestões aqui destacadas buscam contribuir de forma significativa para motivar o desenvolvimento de estudos que tratem da temática da amizade, sobretudo em caráter nacional.

Em relação a estudos psicométricos, as duas medidas adaptadas apresentaram estruturas unidimensionais, apesar das teorias que embasam cada uma delas terem sugerido estruturas multidimensionais. Embora não existam grandes problemas quanto a isso, além do fato das medidas terem se apresentado adequadas, seria interessante testar a estrutura fatorial dessas medidas por meio de análises Bifactor. Esse tipo de análise é mais adequado para se testar estruturas que apresentam unidimensionalidade essencial, ou seja, medidas multidimensionais que também podem ser interpretadas em termos de um fator geral. Nesse caso, os resultados podem favorecer, também, a utilização de análises da Teoria de Resposta ao Item, as quais podem trazer contribuições importantes em relação à características individuais de cada item das escalas.

Um outro ponto importante é que as variáveis utilizadas para avaliar a amizade, se restringiram a duas, a saber Qualidade e Intimidade da Amizade. Apesar de ambos os instrumentos buscarem abordar outros atributos da amizade como, companheirismo, ajuda, proximidade (Escala de Qualidade da Amizade; Bukowski et al., 1994), afetividade, confiança e lealdade (Escala de Intimidade da Amizade; Sharabany, 1994), acredita-se ser mais rico fazer uso de outros instrumentos que mensurem com maior direcionamento outras dimensões do vínculo estudado, abarcando atributos como apoio e fidelidade, chegando ao final com uma maior precisão no processo de mensuração da amizade.

No que diz respeito aos estudos correlacionais, tomando por base a ideia de Souza e Garcia (2008), o qual aponta que os vínculos de amizade tendem a assumir diferentes formas e características ao longo das fases do desenvolvimento, sugere-se o desenvolvimento de estudos transversais e longitudinais, permitindo assim, comparar os grupos (e.g., criança, adolescente, jovem adulto, adulto, idoso) e verificar se há semelhanças e diferenças dos modelos explicativos propostos nessa pesquisa, ao longo da vida. Além disso, seria pertinente, dentro do campo de estudo acerca desse vínculo, investigar se existe, realmente, distinção entre a Qualidade e Intimidade da Amizade entre os sexos, como indicam Maccoby e Jacklin (1974) e Douvan e Adelson (1966), os quais informam que as mulheres tendem a emitir com maior frequências tais características quando comparadas com os homens.

Especificamente, em relação ao Artigo 3, o perdão, como exceção, não exibiu poder de explicar os atributos da amizade, apesar de teoricamente ser esperado que acontecesse, uma vez que o perdão é apontado como um excelente fator para a manutenção de vínculos (Hill & Allemand, 2010). Diante disso, sugere-se que novos estudos se voltem para a investigação do perdão dentro da amizade, buscando verificar se a remissão nesse vínculo assume uma configuração diferente quando comparada com outros tipos de relacionamentos, a exemplo do matrimônio (Lopes, 2016).

Por fim, algumas questões metodológicas também podem ser consideradas. Tendo em conta, a influência da desejabilidade social apontada nas limitações, sugere-se a uso de outras medidas, como as implícitas, buscando contornar as limitações presentes nos instrumentos de autorrelato aqui utilizados. Quanto a amostragem, seria promissor utilizar amostras probabilísticas, maiores e mais diversificadas, considerando outras populações com idades e níveis de escolaridade mais variadas, afim de somar maior poder de generalização à pesquisa.

- Abeebe, M. V., Schouten, A. P., & Antheunis, M. L. (2017). Personal, editable, and always accessible: An affordance approach to the relationship between adolescents' mobile messaging behavior and their friendship quality. *Journal of Social and Personal Relationships, 34*, 875-893.
- Adler, M. G., & Fagley, N. S. (2005). Appreciation: Individual differences in finding value and meaning as a unique predictor of subjective well-being. *Journal of personality, 73*, 79-114.
- Aghababaei, N., & Arji, A. (2014). Well-being and the HEXACO model of personality. *Personality and Individual Differences, 56*, 139-142
- Akgün, A. E., Erdil, O., Keskin, H., & Muceldilli, B. (2016). The relationship among gratitude, hope, connections, and innovativeness. *The Service Industries Journal, 36*, 102-123.
- Albuquerque, F. J. B., Noriega, J. A. V., Coelho, J. A.P., Neves, M.T.S., & Martins, C. R. (2006). Valores humanos básicos como preditores do bem-estar subjetivo. *Psico, 37*, 131-137.
- Algoe, S., Haidt, J., & Gable, S. (2008). Beyond reciprocity: Gratitude and relationships in everyday life. *Emotion, 8*, 425-429.
- Ali, F., Amorim, I. S., & Chamorro-Premuzic, T. (2009). Empathy deficits and trait emotional intelligence in psychopathy and Machiavellianism. *Personality and Individual Differences, 47*, 758-762.
- Allan, G. (1989). *Friendship: Developing a Sociological Perspective*. Boulder/San Francisco: Westview Press.
- Allport, G.W. (1937). *Personality: A psychological interpretation*. Oxford: Holt.
- Almeida, A. C. (2016). *Satisfação conjugal e valores humanos dos casais de famílias intactas e recasadas*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

- Amichai-Hamburger, Y., Kingsbury, M., & Schneider, B. H. (2013). Friendship: An old concept with a new meaning? *Computers in Human Behavior*, 29, 33-39.
- Arão, D. J. (2012). Da Felicidade à Amizade, percursos éticos. *Sapere Aude-Revista de Filosofia*, 2, 89-94.
- Araújo, R. D. C. R. (2013). *As bases genéticas da personalidade, dos valores humanos e da preocupação com a honra*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba.
- Argyle, M. (1987). *The psychology of happiness*. London: Routledge.
- Aronson, E., Wilson, T. D., & Akert, R. M. (2002). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: LTC.
- Asher, S. R., Parker, J. G., Walker, D. L., Bukowski, W. M., Newcomb, A. F., & Hartup, W. W. (1996). *The company they keep: Friendship in childhood and adolescence*. WM Bukowski, AF Newcomb & WW Hartup (Eds.), 366-405.
- Ashton, M. C., Paunonen, S. V., Helmes, E., & Jackson, D. N. (1998). Kin altruism, reciprocal altruism, and the Big Five personality factors. *Evolution and Human Behavior*, 19, 243-255.
- Austin, E. J., Farrelly, D., Black, C., & Moore, H. (2007). Emotional intelligence, Machiavellianism and emotional manipulation: Does EI have a dark side? *Personality and Individual Differences*, 43, 179-189.
- Azizli, N., Atkinson, B. E., Baughman, H. M., Chin, K., Vernon, P. A., Harris, E., & Veselka, L. (2016). Lies and crime: Dark Triad, misconduct, and high-stakes deception. *Personality and Individual Differences*, 89, 34-39.
- Bagwell, C. L., Bender, S. E., Andreassi, C. L., Kinoshita, T. L., Montarello, S. A., & Muller, J. G. (2005). Friendship quality and perceived relationship changes predict psychosocial adjustment in early adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 235-254.

- Bagwell, C. L., Molina, B. S., Pelham, W. E., & Hoza, B. (2001). Attention-deficit hyperactivity disorder and problems in peer relations: Predictions from childhood to adolescence. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 40, 1285-1292.
- Bagwell, C. L., & Schmidt, M. E. (2011). The friendship quality of overtly and relationally victimized children. *Merrill-Palmer Quarterly*, 57, 158-185.
- Baughman, H. M., Jonason, P. K., Lyons, M., & Vernon, P. A. (2014). Liar liar pants on fire: Cheater strategies linked to the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 71, 35-38.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological bulletin*, 117, 497-529.
- Benet-Martinez, V., & John, O. P. (1998). Los Cinco Grandes across cultures and ethnic groups: Multitrait-multimethod analyses of the Big Five in Spanish and English. *Journal of personality and social psychology*, 75, 729-750.
- Berndt, T. J., Hawkins, J. A., & Jiao, Z. (1999). Influences of friends and friendships on adjustment to junior high school. *Merrill-Palmer Quarterly*, 45, 13-41.
- Berndt, T. J., & Perry, T. B. (1986). Children's perceptions of friendships as supportive relationships. *Developmental psychology*, 22, 640-648.
- Billingsley, S., Lim, M., Caron, J., Harris, A., & Canada, R. (2005). Historical overview of criteria for marital and family success. *Family Therapy*, 32, 1-14.
- Birkás, B., Gács, B., & Csathó, Á. (2016). Keep calm and don't worry: Different Dark Triad traits predict distinct coping preferences. *Personality and Individual Differences*, 88, 134-138.

- Brislin, S. J., Drislane, L. E., Smith, S. T., Edens, J. F., & Patrick, C. J. (2015). Development and validation of triarchic psychopathy scales from the Multidimensional Personality Questionnaire. *Psychological Assessment*, 27, 838-851.
- Brewer, G., & Abell, L. (2015). Machiavellianism and sexual behavior: Motivations, deception and infidelity. *Personality and Individual Differences*, 74, 186-191.
- Bukowski, W. M., Hoza, B., & Boivin, M. (1994). Measuring friendship quality during pre-and early adolescence: The development and psychometric properties of the Friendship Qualities Scale. *Journal of social and Personal Relationships*, 11, 471-484.
- Chan, D. K. S., & Cheng, G. H. L. (2004). A comparison of offline and online friendship qualities at different stages of relationship development. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 305-320.
- Chow, C. M., Ruhl, H., & Buhrmester, D. (2013). The mediating role of interpersonal competence between adolescents' empathy and friendship quality: A dyadic approach. *Journal of Adolescence*, 36, 191-200.
- Christie, R., & Geis, F. (1970). *Studies in Machiavellianism*. New York, NY: Academic Press.
- Coelho, J. A. P. D. M., Gouveia, V. V., & Milfont, T. L. (2006). Valores humanos como explicadores de atitudes ambientais e intenção de comportamento pró-ambiental. *Psicologia em Estudo*, 11, 199-207.
- Cohn, G. (1986). *Weber. Coleção grandes cientistas sociais*. São Paulo: Ática.
- Costa, M. E. (1998). *Novos encontros de amor: amizade, amor e sexualidade na adolescência*, Porto: EDINTER.
- Cotroneo, M. (1982). The role of forgiveness in family therapy. In: *Questions and Answers in the Practice of Family Therapy*, Gurman, A. J. (Ed.) (pp. 241 - 244). New York: Brunner/Mazel.

- Deci, E. L., Guardia, J. G., Moller, A. C., Scheiner, M. J., & Ryan, R. M. (2006). On the benefits of giving as well as receiving autonomy support: Mutuality in close friendships. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32, 313-327.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Facilitating optimal motivation and psychological well-being across life's domains. *Canadian Psychology/Psychologie canadienne*, 49, 14 -23.
- Demir, M., & Özdemir, M. (2010). Friendship, need satisfaction and happiness. *Journal of Happiness Studies*, 11, 243–259.
- Demir, M., Özdemir, M., & Marum, K. P. (2011). Perceived autonomy support, friendship maintenance, and happiness. *The Journal of psychology*, 145, 537-571.
- Dickinson, K. A., & Pincus, A. L. (2003). Interpersonal analysis of grandiose and vulnerable narcissism. *Journal of Personality Disorders*, 17, 188-207.
- Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia (3ªEd.)*. (Cliempsi Editores, Trad.) Lisboa: Climepsi Editores.
- Douvan, E. A. M., & Adelson, J. (1966). *The adolescent experience*. Wiley.
- Drislane, L. E., Patrick, C. J., & Arsal, G. (2014). Clarifying the content coverage of differing psychopathy inventories through reference to the Triarchic Psychopathy Measure. *Psychological Assessment*, 26, 350-362.
- Duck, S., & Perlman, D. (1985). The thousand islands of personal relationships: a prescriptive analysis for future explorations. S. Duck, & D. Perlman (Orgs.), *Understanding personal relationships: an interdisciplinary approach* (pp. 1-15). London: Sage.
- Dumont, F. (2010). *A history of personality psychology: Theory, science, and research from Hellenism to the twenty-first century*. Cambridge University Press.
- Emmons, R. A., & Crumpler, C. A. (2000). Gratitude as human strength: Appraising the evidence. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 19, 56–69.

- Engler, B. (1991). *Personality theories: An introduction* (3^a ed.). Boston, MA: Houghton Mifflin Company.
- Enright, R. D., Rique, J., & Coyle, C. T. (2000). *Enright forgiveness inventory user's manual*, Redwood City: Mind Garden.
- Ferguson, E., Semper, H., Yates, J., Fitzgerald, E., Skatova, A., & James, D. (2014). The 'dark side' and 'bright side' of personality: when too much conscientiousness and too little anxiety are detrimental with respect to the acquisition of medical knowledge and skill. *Plos one*, 9, 1-11.
- Fischer, R., Milfont, T. L., & Gouveia, V. V. (2011). Does Social Context Affect Value Structures? Testing the Within-Country Stability of Value Structures With a Functional Theory of Values. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 42, 253-270.
- Fonsêca, P. N., Lopes, B. J., Palitot, R. M., Estanislau, A. M., Couto, R. N., & Coelho, G. L. H. (2016). Engajamento escolar: explicação a partir dos valores humanos. *Psicologia Escolar e Educacional*, 20, 611-620.
- Formiga, N. S. (2017). Valores humanos e hábitos de lazer: Um estudo correlacional em jovens. *Psicologia Argumento*, 27, 23-33.
- Formiga, N. S., & Gouveia, V. V. (2005). Valores humanos e condutas anti-sociais e delitivas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7, 134-170.
- Forster, D. E., Pedersen, E. J., Smith, A., McCullough, M. E., & Lieberman, D. (2017). Benefit valuation predicts gratitude. *Evolution and Human Behavior*, 38, 18-26.
- Fredrickson, B. L., Tugade, M. M., Waugh, C. E., & Larkin, G. R. (2003). What good are positive emotions in crises? A prospective study of resilience and emotions following the terrorist attacks on the united states on September 11th, 2001. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84, 365 - 376.

- Freitas, N. B. C. (2017). *Estratégias de resolução dos conflitos conjugais: uma explicação a partir da personalidade e dos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Goldstein, J. (1983). *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Gouveia, V. V. (1998). *La naturaleza de los valores descriptores del individualismo e del colectivismo: Una comparación intra e intercultural*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia Social, Universidade Complutense de Madri, Espanha.
- Gouveia, V. V. (2003). A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. *Estudos de Psicologia*, 8, 431-443.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Fundamentos, Aplicações e Perspectivas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V., Albuquerque, F. J. B., Clemente, M., & Espinosa, P. (2002). Human values and social identities: A study in two collectivist cultures. *International Journal of Psychology*, 37, 333-342.
- Gouveia, V. V., Martínez, E., Meira, M., & Milfont, T. L. (2001). A estrutura e o conteúdo universais dos valores humanos: Análise fatorial confirmatória da tipologia de Schwartz. *Estudos de Psicologia*, 6, 133-142.
- Gouveia, V. V., Meira, M., Gusmão, E. E. S., Souza Filho, M. L., & Souza, L. E. C. (2008). Valores humanos e interesses vocacionais: Um estudo correlacional. *Psicologia em Estudo*, 13, 603-611.
- Gouveia, V. V., Pimentel, C. E., da Fonsêca, P. N., Barbosa, L. H. G. M., Gouveia, R. S. V., & de Souza Filho, J. F. (2016). Altruísmo Autoinformado e Informado por Pares: Evidências do Altruísmo como Traço de Personalidade. *Interação em Psicologia*, 20, 183-192.

- Gouveia, V. V., Santos, W. S., Athayde, R. A. A., Souza, R. V. L., & da Silva Gusmão, E. É. (2014). Valores, altruísmo e comportamentos de ajuda: comparando doadores e não doadores de sangue. *Psico*, 45, 209-218.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. Bookman Editora.
- Hendin, H. M., & Cheek, J. M. (1997). Assessing hypersensitive narcissism: A reexamination of Murray's Narcism Scale. *Journal of Research in Personality*, 31, 588-599.
- Hodson, G., Hogg, S. M., & MacInnis, C. C. (2009). The role of “dark personalities” (narcissism, Machiavellianism, psychopathy), Big Five personality factors, and ideology in explaining prejudice. *Journal of Research in Personality*, 43, 686-690.
- Hope, D. (1987). The healing paradox of forgiveness. *Psychotherapy*, 24, 240 - 244.
- Huang, Y., & Liang, C. (2014). A comparative study between the Dark Triad of personality and the Big Five. *Canadian Social Science*, 11, 93-98.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M., & Wieczorek, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. *Psicologia: reflexão e crítica*, 11, 1-14.
- Inácio, C. A. P. D. A. (2011). Representações de amizade em jovens com deficiência mental. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa - Portugal.
- Inglehart, R. (1977). *The silent revolution: Changing values and political styles among Western publics*. Princeton: Princeton University Press.
- Ito, M. (2005). Mobile phones, Japanese youth, and the re-placement of social contact. In R. Ling & P. E. Pedersen (Eds.), *Mobile communications: Re-negotiation of the social sphere* (pp. 131–148). London, England: Springer-Verlag.

- Jonason, P. K., & Middleton, J. P. (2015). Dark Triad: The "Dark Side" of Human Personality. Em J. D. Wright (Ed.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences* (2^a ed., v.5, pp. 671–675). Oxford: Elsevier.
- Jones, D. N., & Neria, A. L. (2015). The Dark Triad and dispositional aggression. *Personality and Individual Differences*, 86, 360-364.
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2009). Machiavellianism. Em M. R. Leary & R. H. Hoyle (Eds.), *Handbook of Individual Differences in Social Behavior* (pp. 93-108). New York, NY: Guilford Press.
- Jones, D. N., & Weiser, D. A. (2014). Differential infidelity patterns among the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 57, 20-24.
- Kaiser, R. B., LeBreton, J. M., & Hogan, J. (2015). The dark side of personality and extreme leader behavior. *Applied Psychology*, 64, 55-92.
- Khodabakhsh, M. R., & Besharat, M. A. (2011). Mediation effect of narcissism on the relationship between empathy and the quality of interpersonal relationships. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 30, 902-906.
- Kowalski, C. M., Vernon, P. A., & Schermer, J. A. (2016). The general factor of personality: The relationship between the Big One and the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 88, 256-260.
- Kraut, R. (2000). *Aristóteles: a ética a Nicômaco*. Grupo A-Artmed.
- Ladd, G. W., Kochenderfer, B. J., & Coleman, C. C. (1996). Friendship quality as a predictor of young children's early school adjustment. *Child development*, 67, 1103-1118.
- Lavy, S., & Littman-Ovadia, H. (2011). All you need is love? Strengths mediate the negative associations between attachment orientations and life satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 50, 1050 -1055.
- Leary, T. (1957). *Interpersonal diagnosis of personality*. New York: Ronald Press.

- Lee, K., & Ashton, M. C. (2005). Psychopathy, Machiavellianism, and narcissism in the Five-Factor Model and the HEXACO model of personality structure. *Personality and Individual Differences*, 38, 1571-1582.
- Leeds, R. (1963). Altruism and the norm of giving. *Merrill-Palmer Quarterly of Behavior and Development*, 9, 229-240.
- Leite, I. L., Magalhães, C. M. C., Gouveia, R. S., da Fonsêca, P. N., de Sousa, D. M. F., & Soares, A. K. S. (2014). Valores Humanos e Significado do Dinheiro: Um Estudo Correlacional. *Psico*, 45, 15-25.
- Levenson, M. R., Kiehl, K. A., & Fitzpatrick, C. M. (1995). Assessing psychopathic attributes in a noninstitutionalized population. *Journal of personality and social psychology*, 68, 151-158.
- Licoppe, C. (2004). 'Connected'presence: The emergence of a new repertoire for managing social relationships in a changing communication technoscape. *Environment and planning D: Society and space*, 22, 135-156.
- Lopes, B. J. (2016). *Perdão conjugal: uma explicação a partir dos valores humanos*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Lopes, B. J., Fonsêca, P. N., de Medeiros, E. D., de Almeida, A. C., & Gouveia, V. V. (2016). Escala de Perdão Conjugal (mofs): evidências de validade de construto no contexto brasileiro. *Psico*, 47, 121-131.
- Maccoby, E. E., & Jacklin, C. N. (1974). Myth, reality and shades of gray-what we know and dont know about sex differences. *Psychology Today*, 8, 109-112.
- Maio, G. R., Thomas, G., Fincham, F. D., & Carnelley, K. B. (2008). Unraveling the role of forgiveness in family relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 94, 307 -319.

- Maner, J. K., & Gailliot, M. T. (2007). Altruism and egoism: Prosocial motivations for helping depend on relationship context. *European Journal of Psychology*, 37, 347-358.
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Marton, I., Wiener, J., Rogers, M., & Moore, C. (2015). Friendship characteristics of children with ADHD. *Journal of Attention Disorders*, 19, 872-881.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper and Row.
- McAdams, D. P. (2012). Meaning and personality. In P. T. P. Wong (Ed.), *The human quest for meaning: Theories, research, and application* (2nd ed., pp. 107–123). New York, NY: Routledge; Taylor & Francis.
- McCullough, M. E., Emmons, R. A., & Tsang, J. A. (2002). The grateful disposition: a conceptual and empirical topography. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 112-127.
- McCullough, M. E., Kilpatrick, S. D., Emmons, R. A., & Larson, D. B. (2001). Is gratitude a moral affect? *Psychological Bulletin*, 127, 249–266.
- McCullough, M. E., & Witvliet, C. V. (2002). The psychology of forgiveness. *Handbook of positive psychology*, 2, 446-455.
- McHoskey, J. W., Worzel, W., & Szyarto, C. (1998). Machiavellianism and psychopathy. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 192-210.
- McKenna, K. Y., Green, A. S., & Gleason, M. E. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction? *Journal of social issues*, 58, 9-31.
- Medeiros, E. D. (2011). *Teoria Funcionalista dos Valores Humanos: Testando sua adequação intra e interculturalmente*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

- Medeiros, E. D. D., Pimentel, C. E., Monteiro, R. P., Gouveia, V. V., & Medeiros, P. C. B. D. (2015). Valores, atitudes e uso de bebidas alcoólicas: Proposta de um modelo hierárquico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35, 841-854.
- Miller, J. D., Dir, A., Gentile, B., Wilson, L., Pryor, L. R., & Campbell, W. K. (2010). Searching for a vulnerable dark triad: Comparing factor 2 psychopathy, vulnerable narcissism, and borderline personality disorder. *Journal of Personality*, 78, 1529-1564.
- Monteiro, R. P. (2014). *Entendendo a psicopatia: contribuição dos traços de personalidade e valores humanos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Morf, C. C., & Rhodewalt, F. (2001). Unraveling the paradoxes of narcissism: A dynamic self-regulatory processing model. *Psychological Inquiry*, 12, 177-196.
- Murray, H. A. (1938). *Explorations in personality: A clinical and experimental study of fifty men of college age*. Oxford, England: Oxford Univ. Press.
- Newman, J. P., MacCoon, D. G., Vaughn, L. J., & Sadeh, N. (2005). Validating a distinction between primary and secondary psychopathy with measures of Gray's BIS and BAS constructs. *Journal of abnormal psychology*, 114, 319-323.
- Nezlek, J. B., Imbrie, M., & Shean, G. D. (1994). Depression and everyday social interaction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 1101-1111.
- Nezlek, J. B., Newman, D. B., & Thrash, T. M. (2017). A daily diary study of relationships between feelings of gratitude and well-being. *The Journal of Positive Psychology*, 12, 323-332.
- Oliveira, I. C. V. (2017). *Personalidade Virtuosa: evidências psicométricas e correlatos valorativos e pró-sociais*. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.

- Pailing, A., Boon, J., & Egan, V. (2014). Personality, the Dark Triad and violence. *Personality and Individual Differences*, 67, 81-86.
- Paine, R. (1974). "An Exploratory Analysis of 'Middle-Class' Culture". In: E. Leyton (org.), *The Compact: Selected Dimensions of Friendship*. Newfoundland: Memorial University of Newfoundland.
- Paiva, T. T., Pimentel, C. E., & Moura, G. B. D. (2017). Violência conjugal e suas relações com autoestima, personalidade e satisfação com a vida. Gerais. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10, 215-227.
- Paludo, S. D. S., & Koller, S. H. (2006). Gratidão em contextos de risco: uma relação possível? *Revista Psicodebate Psicología, Cultura y Sociedad*, 7, 55-66.
- Patrick, C. J., Fowles, D. C., & Krueger, R. F. (2009). Triarchic conceptualization of psychopathy: Developmental origins of disinhibition, boldness, and meanness. *Development and Psychopathology*, 21, 913-938.
- Paulhus, D. L., & Williams, K. M. (2002). The dark triad of personality: Narcissism, Machiavellianism, and psychopathy. *Journal of research in personality*, 36, 556-563.
- Pilch, I., & Turska, E. (2016). Relationships between Machiavellianism, organizational culture, and workplace bullying: Emotional abuse from the target's and the perpetrator's perspective. *Journal of Business Ethics*, 128, 83-93.
- Pimentel, C. E. (2004). *Valores humanos, preferência musical, identificação grupal e comportamentos de risco*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- Pincus, A. L., & Lukowitsky, M. R. (2010). Pathological narcissism and narcissistic personality disorder. *Annual Review of Clinical Psychology*, 6, 421-446.

- Prabhakaran, R., Kraemer, D. J., & Thompson-Schill, S. L. (2011). Approach, avoidance, and inhibition: personality traits predict cognitive control abilities. *Personality and Individual Differences*, 51, 439-444.
- Raskin, R., & Terry, H. (1988). A principal-components analysis of the Narcissistic Personality Inventory and further evidence of its construct validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 890- 902.
- Rawlins, W. K. (2009). *The compass of friendship*. Thousand Oaks, CA: Sage
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Rokeach, M. (1981). Crença, atitudes e valores: uma teoria de organização e mudança. Rio de Janeiro: Interciência.
- Ros, M. (2006). Valores, atitudes e comportamento: Uma nova visita a um tema clássico. In M. Ros & V.V. Gouveia (Orgs.). *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 87-114). São Paulo: SENAC.
- Ros, M. (2006). Valores, atitudes e comportamento: Uma nova visita a um tema clássico. In M. Ros & V.V. Gouveia (Orgs.). *Psicologia social dos valores humanos: Desenvolvimentos teóricos, metodológicos e aplicados* (pp. 87-114). São Paulo: SENAC.
- Runner, J. (1937). Social Distance in Adolescent Relationships. *American Journal Sociology*, 43, 428- 439.
- Rushton, J. P., Chrisjohn, R. D., & Fekken, G. C. (1981). The altruistic personality and the self-report altruism scale. *Personality & Individual Differences*, 2, 293-302.
- Rushton, J. P., Chrisjohn, R. D., & Fekken, G. C. (1981). The altruistic personality and the self-report altruism scale. *Personality & Individual Differences*, 24, 293-302.
- Santos, F. R. (2001). *Amigos y redes sociales*. Elementos para um sociologia de La amistad. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo XXI de España Editores.

- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2002). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2006). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Thompson Learning Edições.
- Schultz, S. E., & Schultz, D. P. (2011). *Teorias da personalidade* (9ª ed.). São Paulo: Cengage Learning.
- Schwartz, S. H. (1992). Universal in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. Em M. P. Zanna (Ed.), *Advanced in experimental social psychology* (pp. 1-65). New York: Academic Press.
- Sharabany, R. (1974). Intimate friendship among kibbutz and city children and its measurement. *Dissertation Abstracts International*, 35, 1028-1029.
- Silva, J. C. (2013). *A relevância do conceito de amizade em Santo Agostinho na pós-modernidade a partir dos questionamentos de Zygmunt Bauman*. Monografia. Departamento de Filosofia, Instituto Santo Tomás de Aquino, Belo Horizonte, MG.
- Smedes, L. B. (1984). *Forgive and Forget*. San Francisco: Harper & Row.
- Snyder, C. R., & Lopez, S. J. (Eds.). (2009). *Oxford handbook of positive psychology*. Oxford University Press, USA.
- Souza, L. K., & Garcia, A. (2008). Amizade em idosos: Um panorama da produção científica recente em periódicos estrangeiros. *Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento*, 13, 173-190.
- Stewart- Williams, S. (2007). Altruism among kin vs. non- kin: Effects of cost of help and reciprocal exchange. *Evolution and Human Behavior*, 28, 193-198.
- Sullivan, H. S. (1953). *The interpersonal theory of psychiatry*. New York: Norton.

- Suttles, G. D. (1970). Friendship as a social institution. In G. J. McCall, M. M. McCall, N. K. Denzin, G. D. Suttles, & S. B. Kurth (Eds.), *Social relationships* (pp. 95-135). Hawthorne, NY: Aldine.
- Tamborski, M., & Brown, R. P. (2011). The measurement of trait narcissism in social-personality research. In W. K. Campbell & J. D. Miller (Eds.), *The handbook of narcissism and narcissistic personality disorder: Theoretical approaches, empirical findings, and treatments* (pp. 133–140). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons Inc.
- Tillfors, M., Persson, S., Willén, M., & Burk, W. J. (2012). Prospective links between social anxiety and adolescent peer relations. *Journal of Adolescence*, 35, 1255-1263.
- Thien, L. M., & Abd Razak, N. A. (2013). Academic coping, friendship quality, and student engagement associated with student quality of school life: A partial least square analysis. *Social Indicators Research*, 112, 679-708.
- Thomaes, S., Bushman, B. J., Stegge, H., & Olthof, T. (2008). Trumping shame by blasts of noise: narcissism, self-esteem, shame, and aggression in young adolescents. *Child Development*, 79, 1792-1801.
- Trivers, R. L. (1971). The evolution of reciprocal altruism. *The Quarterly review of biology*, 46, 35-57.
- Tsang, J. (2007). Gratitude for small and large favors: A behavioral test. *The Journal of Positive Psychology*, 2, 157–167.
- Turner, R. N., & Cameron, L. (2016). Confidence in contact: A new perspective on promoting cross-group friendship among children and adolescents. *Social Issues and Policy Review*, 10, 212-246.
- Uchino, B. N., Uno, D., & Holt-Lunstad, J. (1999). Social support, physiological processes, and health. *Current Directions in Psychological Science*, 8, 145-148.

- Vernon, P. A., Villani, V. C., Vickers, L. C., & Harris, J. A. (2008). A behavioral genetic investigation of the Dark Triad and the Big 5. *Personality and Individual Differences*, 44, 445-452.
- Weber, M. (1987). *Conceitos básicos*. São Paulo: Moderna.
- Wade, N. G., & Worthington, E. L. (2003). Overcoming interpersonal offenses: Is forgiveness the only way to deal with unforgiveness? *Journal of Counseling & Development*, 81, 343-353.
- Walen, H. R., & Lachman, M. E. (2000). Social support and strain from partner, family, and friends: Costs and benefits for men and women in adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*, 17, 5-30.
- West, S., Griffin, S., & Gardner, A. (2007). Evolutionary explanations for cooperation. *Current Biology*, 17, 661-672.
- Wink, P. (1991). Two faces of narcissism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 590-597.
- Wood, A. M., Froh, J. J., & Geraghty, A. W. (2010). Gratitude and well-being: A review and theoretical integration. *Clinical psychology review*, 30, 890-905.
- Wood, A. M., Joseph, S., & Maltby, J. (2008). Gratitude uniquely predicts satisfaction with life: Incremental validity above the domains and facets of the five factor model. *Personality and Individual Differences*, 45, 49-54.

ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CCHLA – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CEP 58.051-900 – João Pessoa – PB
E-mail: vvgouveia@gmail.com; bruna_lopespsi@hotmail.com

Prezado(a) colaborador(a),

Estamos realizando uma pesquisa na Universidade Federal da Paraíba com o propósito de conhecer alguns comportamentos sociais. Neste sentido, para efetivação do estudo gostaríamos de contar com sua colaboração respondendo este questionário.

Por favor, leia atentamente as instruções deste caderno e, marque ou escreva a resposta que mais se aproxima do que você sente e/ou faz, sem deixar qualquer das questões em branco.

Para que você possa respondê-lo com a máxima sinceridade e liberdade, queremos lhe garantir o caráter anônimo e confidencial de todas as suas respostas. Você também pode abandonar o estudo a qualquer momento sem qualquer tipo de prejuízo. Contudo, antes de prosseguir, de acordo com o disposto na resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, faz-se necessário documentar seu consentimento.

Por fim, estamos a sua inteira disposição no endereço acima para esclarecer qualquer dúvida que necessite.

Desde já, agradecemos sua colaboração.

**Termo de Consentimento**

Assinando este termo, estou concordando em participar do estudo acima mencionado, sob a coordenação do Prof. Dr. Valdiney V. Gouveia, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, estando ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científico-acadêmicos.

_____, ____ de _____ de ____.

ANEXO II – Escala de Qualidade da Amizade

INSTRUÇÕES. Por favor, fazendo uso da escala de resposta em evidência, indique o grau em que você concorda ou não com cada uma das frases abaixo. Para isto, solicitamos que leve em consideração o estado atual de sua relação com um(a) amigo(a) próximo(a).

Não descreve em nada a minha relação	1	2	3	4	5	Descreve totalmente a minha relação
---	----------	----------	----------	----------	----------	--

01. Meu(minha) amigo(a) pode me incomodar ou perturbar, embora eu peça para que ele(a) não faça isso.	1	2	3	4	5
02. Às vezes, meu(minha) amigo(a) e eu, apenas sentamos e conversamos sobre questões acadêmicas, esportes e coisas que gostamos.	1	2	3	4	5
03. Meu(minha) amigo(a) me ajudaria caso eu precisasse.	1	2	3	4	5
04. Sinto-me feliz quando estou com meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5
05. Meu(minha) amigo(a) e eu vamos para a casa um(a) do(a) outro(a) depois das aulas e nos fins de semana.	1	2	3	4	5
06. Se outras pessoas estivessem me incomodando, meu(minha) amigo(a) me ajudaria.	1	2	3	4	5
07. Se eu disser que estou arrependido(a) depois de uma briga com meu(minha) amigo(a), ele(a) ainda ficará com raiva de mim.	1	2	3	4	5
08. Meu(minha) amigo(a) me ajuda quando eu estou tendo problema com alguma coisa.	1	2	3	4	5
09. Às vezes meu(minha) amigo(a) faz coisas por mim, ou faz com que eu me sinta especial.	1	2	3	4	5
10. Se eu e meu(minha) amigo(a) fazermos alguma coisa que incomoda um(a) ao outro(a), nós podemos facilmente nos reconciliar.	1	2	3	4	5
11. Se o(a) meu(minha) amigo(a) tivesse que se afastar de mim, eu sentiria sua falta.	1	2	3	4	5

12. Meu(minha) amigo(a) e eu discordamos sobre muitas coisas.	1	2	3	4	5
13. Quando eu faço um bom trabalho em alguma coisa, meu(minha) amigo(a) fica feliz por mim.	1	2	3	4	5
14. Eu penso no(a) meu(minha) amigo(a) mesmo quando ele(a) não está por perto.	1	2	3	4	5
15. Se eu tenho um problema na faculdade ou em casa, eu posso falar com meu(minha) amigo(a) sobre isso.	1	2	3	4	5
16. Eu posso brigar com meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5
17. Meu(minha) amigo(a) pensa em coisas divertidas para fazermos juntos.	1	2	3	4	5
18. Se há algo me incomodando, eu posso dizer ao(à) meu(minha) amigo(a) sobre isso, mesmo que seja algo que eu não possa contar a outras pessoas.	1	2	3	4	5
19. Meu(minha) amigo(a) me defenderia se outra pessoa estivesse me causando problemas.	1	2	3	4	5
20. Se eu e meu(minha) amigo(a) temos uma briga ou discussão, podemos pedir desculpas e tudo ficará bem.	1	2	3	4	5
21. Se eu esquecer meu almoço ou precisar de um pouco de dinheiro, meu(minha) amigo(a) me ajudaria.	1	2	3	4	5
22. Meu(minha) amigo(a) e eu gastamos todo o nosso tempo livre juntos.	1	2	3	4	5
23. Meu(minha) amigo(a) e eu discutimos muito.	1	2	3	4	5

ANEXO III – Escala de Intimidade da Amizade

INSTRUÇÕES. Por favor, fazendo uso da escala de resposta em evidência, indique em que grau cada uma das frases abaixo descrevem ou não a sua relação de amizade. Para isto, solicitamos que leve em consideração sua relação com um(a) amigo(a) próximo(a).

1	2	3	4	5	6
Discordo Totalmente	Discordo Bastante	Discordo	Concordo	Concordo Bastante	Concordo Totalmente

01. Eu sei quais são os tipos de livros, jogos e atividades que meu(minha) amigo(a) gosta.	1	2	3	4	5	6
02. Eu ofereço as minhas coisas (como roupas, brinquedos, alimentos ou livros) ao(à) meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6
03. Eu gosto do(a) meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6
04. Eu gosto de fazer coisas com meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6
05. Eu trabalho com meu(minha) amigo(a) em alguns trabalhos acadêmicos.	1	2	3	4	5	6
06. Se eu quero que meu(minha) amigo(a) faça algo para mim, tudo o que eu tenho que fazer é pedir.	1	2	3	4	5	6
07. Eu sei que o que eu digo ao(à) meu(minha) amigo(a) é mantido em entre nós.	1	2	3	4	5	6
08. Eu defendo meu(minha) amigo(a) quando outras pessoas falam coisas ruins sobre ele(a).	1	2	3	4	5	6
09. As coisas mais interessantes acontecem quando estou com meu(minha) amigo(a) e ninguém mais ao redor.	1	2	3	4	5	6
10. Eu não vou me unir com outras pessoas para fazer algo contra meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6

11. Eu posso planejar como vamos gastar o nosso tempo sem ter que verificar com meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6
12. Eu trabalho com meu(minha) amigo(a) em alguns dos seus passatempos.	1	2	3	4	5	6
13. Eu me sinto livre para falar sobre quase tudo com meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6
14. Incomoda-me quando outras pessoas se juntam a nós quando estamos fazendo alguma coisa juntos.	1	2	3	4	5	6
15. Eu sei como meu(minha) amigo(a) se sente perto da(o) garota(o) que ele(a) gosta.	1	2	3	4	5	6
16. Eu sei como meu(minha) amigo(a) se sente sobre as coisas sem que me conte.	1	2	3	4	5	6
17. Quando meu(minha) amigo(a) não está por perto eu fico me perguntando onde e o que ele(a) está fazendo.	1	2	3	4	5	6
18. Sinto-me próximo do(a) meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6
19. Eu faço coisas com meu(minha) amigo(a) que são completamente diferentes daquelas feitas por outras pessoas.	1	2	3	4	5	6
20. Eu posso usar as coisas do(a) meu(minha) amigo(a) sem pedir permissão.	1	2	3	4	5	6
21. Sempre que você me vê pode ter certeza de que meu(minha) amigo(a) também está próximo(a).	1	2	3	4	5	6
22. Se meu(minha) amigo(a) quer alguma coisa, eu o deixo ter, mesmo desejando a mesma coisa.	1	2	3	4	5	6
23. Eu sou capaz de dizer quando meu(minha) amigo(a) está preocupado(a) com alguma coisa.	1	2	3	4	5	6
24. Eu tenho certeza que meu(minha) amigo(a) vai me ajudar sempre que eu pedir a ele(a).	1	2	3	4	5	6
25. Quando meu(minha) amigo(a) não está por perto eu sinto sua falta.	1	2	3	4	5	6

26. Quando algo de bom acontece comigo, eu compartilho a experiência com meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6
27. Eu conto ao(a) meu(minha) amigo(a) quando faço algo que as outras pessoas não aprovariam.	1	2	3	4	5	6
28. Se meu(minha) amigo(a) faz algo que eu não gosto, sinto-me sempre a vontade para falar com ele(a) a respeito.	1	2	3	4	5	6
29. Sempre que meu(minha) amigo(a) quer me contar sobre um problema, eu paro o que estou fazendo e o ouço durante o tempo que ele(a) desejar.	1	2	3	4	5	6
30. Eu fico com meu(minha) amigo(a) quando ele(a) quer fazer algo que outras pessoas não querem fazer.	1	2	3	4	5	6
31. Eu converso com meu(minha) amigo(a) sobre as minhas expectativas e planos para o futuro.	1	2	3	4	5	6
32. Eu falo às pessoas coisas agradáveis sobre meu(minha) amigo(a).	1	2	3	4	5	6

ANEXO IV – Dark Triad Dirty Dozen

INSTRUÇÕES. Por favor, avalie sua concordância ou discordância com cada item usando as seguintes diretrizes:

1	2	3	4	5
Discordo fortemente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente

1. ____ Costumo manipular os outros para conseguir o que quero
2. ____ Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero
3. ____ Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.
4. ____ Costumo explorar outras pessoas para meu próprio benefício.
5. ____ Eu tendo a ter falta de remorso.
6. ____ Costumo não me preocupar com a moralidade de minhas ações.
7. ____ Eu tendo a ser insensível ou indiferente.
8. ____ Eu costumo ser cínico.
9. ____ Eu tendo a querer que os outros me admirem.
10. ____ Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim.
11. ____ Eu tendo a buscar prestígio ou status.
12. ____ Costumo esperar favores especiais dos outros.

ANEXO V - Inventário de Personalidade Virtuosa

INSTRUÇÕES. Usando a escala a seguir, por favor, indique o quanto cada uma das seguintes afirmações reflete como você normalmente se vê. Para tanto, escreva ao lado de cada frase o número que melhor representa sua opinião em relação a você mesmo.

1	2	3	4	5
Não me descreve	Descreve-me pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me bastante	Descreve-me totalmente

1. ____ Em geral, esqueço de agradecer as coisas boas que me fazem.
2. ____ Corro riscos para ajudar ao próximo.
3. ____ Se alguém me magoou, quero vê-lo prejudicado e infeliz.
4. ____ Reconheço todas as coisas que os outros têm feito por mim.
5. ____ Sacrifico-me para fazer favores às pessoas.
6. ____ Presto assistência aos meus colegas para obter benefício próprio.
7. ____ Colaboro com as pessoas, ainda que a situação envolva perigo.
8. ____ Esqueço facilmente as mágoas.
9. ____ Perdoo facilmente as pessoas.
10. ____ Sei perdoar aqueles que me fazem ofensas intencionais.
11. ____ Sei reconhecer a ajuda que recebo das pessoas.
12. ____ Ao colaborar com as pessoas, desejo intimamente ser recompensado.
13. ____ Tenho dificuldade de agradecer às pessoas.
14. ____ Sou grato(a) por toda a ajuda que recebi na vida.
15. ____ Avalio negativamente àqueles que me magoaram.
16. ____ Vingo-me de quem me faz mal.
17. ____ Para mim é difícil dizer obrigado.
18. ____ Ajudo aos outros para receber elogios.

ANEXO VI – Questionário de Valores Básicos (QVB-18)

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, **escreva um número ao lado de cada valor** para indicar em que medida o considera importante como **um princípio que guia sua vida**.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não Importante	Não Importante	Pouco Importante	Mais ou menos Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante

01. ____ **APOIO SOCIAL.** Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.
02. ____ **ÊXITO.** Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.
03. ____ **SEXUALIDADE.** Ter relações sexuais; obter prazer sexual.
04. ____ **CONHECIMENTO.** Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.
05. ____ **EMOÇÃO.** Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.
06. ____ **PODER.** Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.
07. ____ **AFETIVIDADE.** Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.
08. ____ **RELIGIOSIDADE.** Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.
09. ____ **SAÚDE.** Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo.
10. ____ **PRAZER.** Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.
11. ____ **PRESTÍGIO.** Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.
12. ____ **OBEDIÊNCIA.** Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.
13. ____ **ESTABILIDADE PESSOAL.** Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planejada.
14. ____ **CONVIVÊNCIA.** Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.
15. ____ **BELEZA.** Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir a museus ou exposições onde possa ver coisas belas.
16. ____ **TRADIÇÃO.** Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.
17. ____ **SOBREVIVÊNCIA.** Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.
18. ____ **MATURIDADE.** Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.

ANEXO VII – Questionário Sociodemográfico

Finalmente, gostaríamos de conhecê-lo um pouco mais. Neste sentido, pedimos que responda as perguntas a seguir:

1. Idade_____
2. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino
3. Estado civil: ☐ Solteiro ☐ Casado/União estável ☐ Separado/Divorciado ☐ Viúvo
4. Religião: ☐ Católica ☐ Evangélica ☐ Espírita ☐ Não possuo religião
☐ Outra:_____
5. Instituição de Ensino Superior: ☐ Pública ☐ Privada
6. Curso: _____
7. Período: _____
8. Em que medida você se considera religioso? (**circule um número**):

Pouco Religioso	1	2	3	4	5	Muito Religioso
------------------------	----------	----------	----------	----------	----------	------------------------

9. Em comparação com as pessoas da cidade em que vive, você se considera de qual classe social? (**circule um número**):

1	2	3	4	5
Classe baixa	Classe média baixa	Classe média	Classe média alta	Classe alta

10. Indique o valor de sua renda familiar (incluindo a sua): _____

ANEXO VIII – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: AS DUAS FACES DA AMIZADE: DO PERDÃO A PSICOPATIA

Pesquisador: Bruna de Jesus Lopes

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 73315917.2.0000.5188

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Psicologia Social

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.245.363

Apresentação do Projeto:

O projeto "AS DUAS FACES DA AMIZADE: DO PERDÃO A PSICOPATIA" da pesquisadora Bruna de Jesus Lopes trata-se de uma pesquisa de doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social / UFPB sob orientação do Prof. Dr. Valdíney Veloso Gouveia

PARTICIPANTES: 1200

Estudo 1: metanálise (nenhum participante)

Estudo 2: 400 participantes

Estudo 3: 400 participantes

Estudo 4: 200 participantes

Estudo 5: 200 participantes

Estudos 2 e 3: "estudantes de graduação, com idade acima de 18 anos, frequentadores de instituições públicas e privadas, do estado do Piauí. A amostra será coletada em ambientes públicos, a exemplo de praças."

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com